A ARTE DA PRUDÊNCIA

Baltasar Gracián

A ARTE DA PRUDÊNCIA

A ARTE DA PRUDÊNCIA

Baltasar Gracián

Prefácio e notas
JEAN-CLAUDE MASSON

Tradução
IVONE CASTILHO BENEDETTI

wmf **martinsfontes**

SÃO PAULO 2009

Título original: ORÁCULO MANUAL Y ARTE DE PRUDENCIA.
Copyright © 1994, Éditions Payot & Rivages para o aparelho crítico.
Copyright © 1996, Editora WMF Martins Fontes Ltda., São Paulo, para a presente edição.

1ª edição *1996*
2ª edição *2009*

Tradução
IVONE CASTILHO BENEDETTI

Revisão da tradução
Monica Stahel
Revisão gráfica
Célia Regina Rodrigues de Lima
Lilian Jenkino
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação/Fotolitos
Studio 3 Desenvolvimento Editorial

A presente edição recebeu da Dirección General del Libro y Bibliotecas, do Ministério da Cultura da Espanha, uma ajuda para a tradução.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gracián, Baltasar, 1601-1658.
A arte da prudência / Baltasar Gracián ; prefácio e notas Jean-Claude Masson ; tradução Ivone Castilho Benedetti. – 2ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009. – (Clássicos WMF)

Título original: Oráculo manual y arte de prudencia.
ISBN 978-85-7827-184-8

1. Aforismos e apotegmas 2. Gracián y Morales, Baltasar, 1601-1658 – Crítica e interpretação 3. Máximas espanholas I. Masson, Jean-Claude. II. Título.

09-08056 CDD-868.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Máximas : Literatura espanhola 868.3

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora WMF Martins Fontes Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3101.1042
e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

Índice

Prefácio de Jean-Claude Masson
ORÁCULO MANUAL E ARTE DA PRUDÊNCIA
Notas

Prefácio

Baltasar Gracián ou como sobreviver em sociedade

"É mister ser rico para herdar;
os pobres não têm pais."
El criticón

Quem nunca tomou consciência, dia ou outro, do cruel paradoxo denunciado por essa sentença de Gracián? Quem não foi profundamente perturbado por essa afronta à razão, por esse acinte à justiça? O paradoxo não é uma mania, um luxo de pensador; a vida é urdida por ele. Ao contrário do que as crianças aprendem na escola, razão e lógica não são moeda corrente neste mundo. Um filósofo como Unamuno dedicou sua existência a lembrar-nos isso. E o destino deu-lhe tragicamente razão: no fim de sua vida, os fascistas espanhóis, aqueles mesmos que gritavam "Morra a inteligência!", conseguiram conspurcar seus despojos com a baba de suas bandeiras. Cerca de trezentos anos antes, o jesuíta Baltasar Gracián também sofrera um golpe do destino traiçoeiro: apesar de suas obras preconizarem a prudência e desaconselharem vivamente despertar a atenção das autoridades, sua temeridade foi recompensada com o exílio. Exílio interior, é verdade, em sua Aragão natal, mas do qual o escritor não se refez: logo pereceu por aborrecimento, langor, tristeza. Cem anos antes dele, o humanista Luís Vives, descendente de judeus convertidos, morrera exilado em Bruges, depois de a família, que ficara na Espanha, ter sido levada às fogueiras do Santo Ofício. E cento e cinqüenta anos depois de Gracián, as Luzes espanholas teriam de suportar outras humilhações: assim foi com Jovellanos, encarcerado nas ilhas Baleares, ou com Sevillán José María Blanco White, exilado na Grã-Bretanha, onde se converteu ao protestantismo e compôs em inglês o essencial de sua obra. Em matéria de intolerância, nosso século nada fica a dever, sobretudo na Península: assestará mais golpes – e mais fortes. Não convém pensar em lugar algum; em lugar algum mais convém chorar do que na Espanha.

I. Pequena História de um Jesuíta Pouco Ortodoxo

Baltasar Gracián y Morales nasce em 1601 em Belmonte de Calatayud, na província de Saragoça. É aragonês, assim como o serão Goya e Buñuel. Como estes, é um excêntrico, um espírito independente, um insubordinado. A província de Aragão não tem a aspereza da paisagem castelhana, mas também tem uma beleza abrupta: estreitos, gargantas, rios sonoros, carvalhais, ravinas e desfiladeiros. Sabemos que o pai de Gracián era médico de aldeia e que Baltasar teve pelo menos quatro irmãos, todos pertencentes às ordens (isso era moeda corrente na Espanha de seu tempo; é igualmente costumeiro o fato de pouco se

falar de sua mãe). Baltasar foi criado em casa de um tio, em Toledo – no mesmo lugar em que o autor de *O cortesão*, Baldassare Castiglione, terminara seus dias. Com dezoito anos, Gracián entra para a Companhia de Jesus, onde professaria seus votos exatamente um século depois da fundação da ordem em Paris, o "Juramento dos Sete", numa capela subterrânea da abadia de Montmartre. Diversifica seus estudos e atividades. Depois de aprofundar-se em filosofia e letras, dedica-se ao ensino, principalmente no colégio aragonês de Huesca, onde entra em contato com os meios esclarecidos: o círculo de *don* Vincencio Juán Lastanosa, que se tornará seu fiel amigo e principal editor. Depois, durante quatro anos, dedica-se à teologia e demonstra grande talento como pregador. Isso lhe vale alguma celebridade na Corte, onde se demora em duas ocasiões e da qual guarda impressões conflitantes: por um lado, ali se toma de amizade pelo poeta Hurtado de Mendoza, secretário do rei; por outro, sabemos que deixou Madri cheio de decepção, até mesmo de exasperação. Nomeado capelão do marquês de Leganés, participa da guerra da Catalunha, sob Filipe IV. Sua conduta corajosa durante o cerco de Lérida (1646) lhe vale a alcunha de "Pai da Vitória". Finalmente, torna-se reitor do noviciado de Tarragona, onde ensina humanidades, filosofia, teologia moral e a Escritura Sagrada. Uma "brilhante carreira eclesiástica", diriam alguns. Mas...

Mas o Padre Gracián, s.j., experto em casuística e hermenêutica, pregador de renome, herói de Lérida, cultiva um pendor funesto: a literatura. O único retrato que temos dele[1] revela-nos um rosto juvenil, um pouco melancólico, extraordinariamente suave, quase angélico. E, no entanto, sua pessoa era de uma altivez suspicaz, de um temperamento fogoso, de uma resolução férrea. Em suma, um poeta sob uma batina (não é o único caso). Sua carreira será afetada de pronto – a do homem da Igreja, pois, paralelamente, o escritor logo entrará em todas as grandes bibliotecas da Europa.

Inspirados nos historiadores da literatura espanhola – como Valbuena Prat ou Angel Del Río[2] –, podemos classificar a obra de Gracián em quatro categorias: 1) tratados morais ou textos sapienciais: *O herói* (1637), *O político* (1640), *O discreto* (1646) e *Oráculo manual e arte da prudência* (1647), que amplia as obras anteriores; 2) retórica e estética "conceptista": *Agudez y arte de ingenio* (1648), título de difícil tradução, como veremos; 3) *El Criticón*, que poderia ser traduzido por *O critiqueiro*, romance alegórico e filosófico publicado em três partes (1651, 1653, 1657); 4) *El comulgatorio* ("O Comungatório", 1655), obra estritamente ortodoxa sobre a comunhão. Só o último título tem a assinatura Baltasar Gracián, por boas razões. Os outros foram publicados sob o abrigo de pseudônimos que não enganaram ninguém, muito menos os jesuítas: Lorenzo Gracián (do nome de um dos irmãos do autor) e García de Marlones (inocente anagrama).

Não foram as obras sapienciais nem o tratado de retórica barroca que valeram a Gracián seus embates com as autoridades da ordem. É verdade que inúmeros jesuítas devem ter-se mostrado agastados, até chocados, com o caráter profano dessas publicações e com suas idéias pouco convencionais. Mas afinal o próprio Filipe IV gostava de *O herói* (do qual dizia: "É uma pequena peça que contém grandes coisas"), e de certo modo esses livros, apesar de sua audácia, não contradiziam a vocação pedagógica da Companhia de Jesus. *El criticón*, em compensação, passava das medidas. Já pela publicação da primeira parte (em Saragoça), Gracián foi admoestado. Ao editar a segunda parte (em Huesca, dois anos depois), angariou grande número de inimigos, tanto na Corte quanto entre as autoridades eclesiásticas. Finalmente, a publicação da terceira e última parte (em Madri, dessa vez exatamente quatro anos depois) desencadeou furores, tanto na Espanha quanto no exterior. Roma

indignou-se, exigindo sanções. Estas não tardaram. O geral da Companhia, Goswin Niekel, infligiu ao romancista uma reprimenda pública, destituiu-o de sua cadeira de Escritura Sagrada e condenou-o ao regime de pão e água. Foi então que Gracián cometeu o erro irreparável de pedir o desligamento da Sociedade de Jesus, para ingressar numa ordem ascética ou mendicante. O geral exilou-o no mosteiro de Graus, depois no colégio da cidadezinha de Tarrazona, onde ele morreu pouco depois, com cinqüenta e sete anos. Por acaso não escrevera: "Ainda que protegido do ostracismo de Atenas, o herói arrisca-se à criticaria de Espanha..." (*O herói*, XIX)? Nascido em 8 de janeiro, Gracián desapareceu em 6 de dezembro de 1658. Foi um verdadeiro filho de Saturno: veio ao mundo no dia seguinte ao solstício de inverno e deixou-o pouco antes, quando os dias iam ficando cada vez mais curtos.

De que fala *El criticón*? É um romance alegórico, talvez inspirado em *Filósofo autodidata* do escritor árabe-andaluz Ibn Tufayl (século XII). Escrito em língua extremamente refinada, tem abundância de paradoxos, duplos sentidos, invenções verbais e obscuridades (inclusive para o leitor espanhol). Duas personagens, Critilo e Andrenio, duas vertentes de um único homem, viajam no espaço e no tempo: idades da vida. Cada um de seus encontros, cada uma de suas experiências, revela-nos cruamente uma faceta da sociedade e deixa como saldo um terrível *desengano*. Daí o título das primeiras traduções francesas: *L'homme détrompé*. É o famoso *desengaño* espanhol, que o francês "désillusion" não traduz completamente. Nada é poupado: nenhuma classe, nenhuma profissão, nenhuma ambição. Ao lado de *Dom Quixote, El criticón* é provavelmente o romance mais pessimista – o mais amargo – da literatura espanhola clássica[3]. Às inúmeras "Utopias" que haviam inflamado o século XVI – época das grandes descobertas – o jesuíta opõe uma contra-utopia sem apelação: a epopéia do niilismo.

Benito Pelegrin publicou recentemente uma tradução de trechos escolhidos de *El criticón*. No prefácio, faz um excelente apanhado da complexidade – e da audácia – das façanhas de Gracián, por onde se vê que ele gostava de fazer empréstimos, de visitar as passagens *crí-pticas* da língua; entende-se que Lacan tivesse sua obra em grande estima.

Na história – interna e externa – da Espanha imperial pode-se encontrar *uma* explicação para o pessimismo de Gracián. Em 1542, Las Casas publicara sua *Breve relação da destruição das Índias*: a utopia se convertera em pesadelo. Mas um espírito tão vivaz, curioso e penetrante quanto o de Gracián deve ter detectado os primeiros sintomas da decadência no próprio coração da metrópole; de resto, a derrota de Rocroi não demoraria a dar o sinal de alarme. Mais profundamente ainda, não é de excluir a possibilidade de que o jesuíta tenha percebido as primeiras conseqüências desastrosas do Concílio de Trento: as suspeitas que pesavam sobre as obras do espírito, o obscurantismo decorrente da Contra-Reforma. Não que ele tivesse "simpatias protestantes", mas o trancamento do catolicismo, especialmente na Espanha, certamente não o deixou indiferente – como padre e como escritor. Pois o fechamento teológico, no século XVII, logo vai conduzir à condenação da mística (em Bossuet, por exemplo) e ao interdito lançado sobre os livros, profanos e religiosos, que não poupou nem o Antigo Testamento. Em uma palavra, não é impossível que Gracián tenha pressentido a *falência* do *simbólico*.

Apesar de podermos entrever razões históricas para o pessimismo de Gracián, seria indevido condenar sem rodeios a reação das autoridades eclesiásticas à publicação de *El criticón*. Também neste caso, a reprovação do romancista, acima do profundo sentimento de injustiça que possa provocar em nós, é explicada ao mesmo tempo pela própria natureza da Companhia de Jesus e pelas circunstâncias do momento, por razões internas e externas.

No século XVII, os jesuítas estão (já) na berlinda. É o tempo de Francisco de Sales e de Madre Angelique Arnault, de Saint-Cyran e de Pascal (as primeiras partes de *Provinciales* vêm a lume pouco antes da morte de Gracián). *Augustinus* é publicado em 1640. A oposição aos jesuítas torna-se feroz, arrebatada às vezes. Multiplicam-se panfletos e libelos[4]. Não é o momento de voltar ao conflito entre livre-arbítrio e predestinação, ou às circunvoluções da graça divina, muito menos às numerosas ramificações da questão jansenista. Mas a situação dos jesuítas é mais delicada ainda porque entre as fileiras dos bons Padres e de seus discípulos surgem refratários, "dissidentes". Na Espanha, Gracián não estará sozinho; o destino de Molinos, por exemplo, outro aragonês, fundador do quietismo, entregue à Inquisição romana, obrigado a abjurar e morto na prisão, será ainda mais trágico. "Os inimigos de Tasso transformaram sua vida numa malha de amarguras, os de Galileu fizeramno gemer nas prisões aos setenta anos por saber o movimento da Terra, e o mais vergonhoso é que o obrigaram a retratar-se" (Voltaire, carta a Rousseau de 30 de agosto de 1755).

A punição severa de Gracián também tem a ver com o caráter específico da Igreja de Espanha e com o *motu proprio* de certas ordens religiosas peninsulares. Durante mais de oitocentos anos – das invasões muçulmanas de 711 à batalha de Lepanto, em 1571, em que Cervantes trocou a pena pela espada –, a Espanha foi o escudo do Ocidente contra o islã. A partir da fundação das três grandes ordens militares, na Idade Média, para lutar contra o Infiel, a Igreja espanhola destacou-se freqüentemente pelo ardor combativo. Não é por acaso que a Companhia de Jesus tem seu feudo na Espanha e que sua autoridade superior é um geral, zeloso de sua independência em relação à Santa Sé. Ora, o fundamento de qualquer ordem – sobretudo de inspiração militar – é a regra: a disciplina. Com certeza Gracián foi condenado menos pelo conteúdo de seus escritos que por suas reincidências: *perseverare diabolicum.* É preciso tomar essa expressão ao pé da letra: no seio da Sociedade de Jesus, o crime de lesa-majestade é a insubmissão, esse amálgama de orgulho, presunção e obstinação diabólica. Excetuando o caso de consciência, o voto de obediência é absoluto: *perinde ac cadaver*, segundo o ilustre preceito das *Constituições* de Santo Inácio.

Como explicar então a obstinação de Gracián, apóstolo da prudência, astuto conhecedor dos mecanismos psicológicos do poder? Nele não há capricho nem gesto suicida, mas o sinal da estranha qualidade que Bergson atribuía aos artistas: "Neles, a natureza esqueceu-se de ligar a faculdade de perceber à faculdade de agir." Assim, num novo paradoxo, o "eu sonhador" – que se espanta mais diante da vida do que diante do fato de ser seu utensílio, puro instrumento – prevalece sobre o "eu raciocinador" e mecanicista, o autômato social. Portanto, não vejamos na resolução de Gracián apenas o fruto da coragem, mas o selo da necessidade.

II. A Arte do Contraponto

Eu estava desapontado. Acabava de sentar-me no lugar 71 da Biblioteca Nacional, diante dos livros solicitados na véspera: o primeiro não combinava em nada com o que eu esperava; o segundo realmente era do autor certo, Baltasar Gracián y Morales, mas não era o título certo. No entanto, o primeiro, *Nova explanatio topicorum Aristotelis* (In Academia Veneta, 1559) –, ressaltado por um anjo a tocar trombeta –, fazia parte daqueles livros do Renascimento – quem sabe? aquele mesmo – que o Espanhol tivera nas mãos. Quanto ao segundo, *Agudeza y arte de ingenio*, seu conteúdo estabelecia secretas

correspondências com os *Tópicos*: Aristóteles adaptado por Cícero... Assim, do *Caput Sextum* do comentário de 1559 – ano em que Amyot publicou sua versão de Plutarco: "*Divisit philosophus problemata omnia, & propositiones in quatuor genera, exposuit...*" Quantos bacharéis, pensava eu, quantos eruditos e estudantes verteram suor e sangue sobre tratados semelhantes? Então, abrindo o outro livro, o de Gracián – numa pobre e triste edição madrilenha de 1957, cujos papel e tipografia pareciam bem mais velhos que a obra, em velino, do século XVI –, abrindo ao acaso deparei com uma glosa poética, um comentário de uma estrofe de Diego de Castro: *"En entrambas se halla la disonancia paradoja, y se dobla entonces la agudeza"* (Discurso XXIV). Dissonância, paradoxo, agudeza, vivacidade: resumo da retórica barroca. E o último parágrafo de *Agudeza y arte de ingenio* remeteu-me diretamente a *Oráculo manual y arte de prudencia: "Corone al juicio el arte de prudencia, lauree al ingenio el arte de agudeza"* ("Que a arte da prudência – discernimento – coroe o julgamento, que a arte da agudeza – acuidade – laureie o engenho"). Foi aí que a sineta da sala de leituras tocou.

Em todas as obras de Gracián, a frase é uma contradança, no continente e no conteúdo, de termos que vão formando uma bola de neve, a exemplo da "livre associação" tão apreciada pelos surrealistas – e pelos psicanalistas: *juicio* [julgamento, juízo] rima com *ingenio* [engenho, talento]; a arte da prudência junta-se à arte da agudeza, a *coroa* do julgamento é realçada pelos *louros* da arte. Poder-se-ia aplicar à frase de Gracián – ao barroco em geral – uma observação enunciada por Dionísio de Halicarnasso ao analisar o estilo de Demóstenes: "antes mesmo de dar por terminada a primeira idéia [...], ele introduz uma segunda; antes que esta segunda tenha chegado a termo, ele engancha a terceira; a seguir, coloca a seqüência da segunda idéia depois de terminada a terceira; e aí, em cima de tudo, ele põe a última parte do primeiro fragmento, muito tempo depois, quando o entendimento já não o espera" (*Opúsculos retóricos*, V, 9, 10). Continuidade vertiginosa: mil e oitocentos anos antes, Dionísio resumira, em seis linhas, a maneira (a matéria) gracianesca. É todo o segredo da pirotecnia: fogos de artifício da arte barroca.

Filosofia grega, língua latina, Renascimento veneziano, barroco espanhol: tudo isso permanecia diante de mim, permanecia num lugar minúsculo sob as cúpulas da Santa Sofia sulpiciana – e o olhar de um perfil à Petrarca, que me fixava das alturas de seu medalhão. Alguém dirá: veja quantos rodeios para apresentar a arte de sobreviver em sociedade, uma *Arte da prudência.* Acontece que é impossível *ler* Gracián negligenciando as leis da arquitetônica barroca. A lógica barroca é exatamente oposta à da ferrovia: avança por volutas, multiplica meandros a seu bel-prazer, sabendo que só o caminho inventa o sentido. (Também aqui, nosso século é apressado demais: por isso o sentido escapa-lhe por entre os dedos.) O barroco, por baixo da sua profusão, por baixo da ostentação, é a consciência aguda da falta: uma simulação, uma dissimulação[5]. A riqueza luxuriante – luxúria riante – não é uma afirmação vitoriosa: mascara a instabilidade. Em sua obsessão de esbanjar, de tudo esbanjar, em sua imensa prodigalidade, gêmea da morte, o homem barroco dá-se ao luxo de um duplo papel: um equilibrista que dança na corda bamba, enquanto o outro eu, o eu latente, é perfurado pelas sete espadas da melancolia. Assim como o *wit* de seu grande antecessor John Donne, a *agudeza* de Gracián é uma arte do contraponto (contra-ponta*) que prescreve o *duplo eu*: se queres fazer malabarismos com conceitos – sem que sicários, espadachins e fanáticos te mandem para o outro mundo numa esquina qualquer –, precisas usar palavras veladas.

Gracián é o exato contemporâneo de Calderón: *A vida é um sonho.* A Idade de Ouro espanhola é,

antes de mais nada, a hora do palco, do cartaz, dos bastidores[6]. O mundo inteiro é um teatro: um tecido de ilusões. Assim, toda a maquinaria do "conceptismo" de Gracián visa a fundar um sentido, apesar de tudo, na *teatralidade*: para sobreviver, pois, num mundo que não tem mais fundações. O conceptismo esforça-se por reatar o fio, estabelecer correspondências inesperadas entre os objetos, encontrar novas referências. A meticulosa ordem medieval desabou – do arcanjo ao serafim, ao querubim, do suserano ao vassalo e ao vavassalo –, mas a Espanha da Contra-Reforma recusa-se a acatar: ela não vai entrar na modernidade. "Envolta em seus andrajos", dirá Machado, durante muito tempo ela vai preferir a decadência altiva, hostil, arrogante. Até se tornar a sombra de si mesma: uma sombra febril, insone. Foi o que entreviu Gracián, o que viu o maior poeta espanhol, Francisco de Quevedo, e o que seu rival, Luís de Góngora, não quis ver. É por isso que este nos parece às vezes tão distante, enquanto Quevedo é nosso confidente.

Então, mais que nunca, impunha-se a prudência. Pois, ainda que o "herói" escolha seu papel, é preciso desempenhá-lo. Gracián lera os manuais do Homem Novo do Renascimento, a começar por *O príncipe* de Maquiavel (Roma, 1532) e *O cortesão* de Castiglione (Veneza, 1528), este último na versão castelhana do poeta Juán Boscán, amigo de Garcilaso. Essas duas obras – cartilhas dos Tempos Modernos – foram livros de cabeceira em todas as Cortes de Europa. A pirâmide feudal implodira: era preciso redistribuir as cartas. A noção de herói paladino, homem de valor segundo a concepção medieval, fruto da moral cavaleiresca, daria lugar aos ideais do fidalgo, do gentil-homem. Os tratados de Gracián são o traço de união entre *O cortesão* e as *Conversações* do cavaleiro de Méré, que definirão o gentil-homem. *O homem de corte*, título intempestivo dado por Amelot de la Houssaie à sua tradução de *A arte da prudência*, não caiu do céu: inscreve-se numa tradição. Mas nem por isso deixa de ser um lastimável contra-senso.

Oráculo manual y arte de prudencia conserva uma aura obscura: *Oráculo manual e arte da prudência*. Hoje em dia diríamos: *Oráculo de bolso e guia prático da prudência*. Ele contém trezentas máximas: Breviário – ou Almanaque – do Homem do Mundo. Mas Gracián (e aí está sua modernidade) não se dirige ao príncipe nem ao cortesão. Poder-se-ia até afirmar o contrário: *A arte da prudência* é uma *resposta* a *O príncipe* e a *O cortesão*. Não é um tratado sobre a arte de governar, como a obra de Maquiavel, nem um manual do *saber viver*, do refinamento, como o de Castiglione; é um vade-mécum do *querer viver*. *A arte da prudência* destina-se ao Homem Novo, individualista e voluntarista; o objetivo de Gracián é ajudar a navegar aqui embaixo, a forjar a salvação, a moldar o destino *ad majorem Dei gloriam*. O jesuíta não se dirige a uma categoria social claramente definida, nem aos homens chamados a segurar as rédeas do Estado, em torno do príncipe. Seu ideal de "herói" – de *elite moderna* – poderia ser resumido por um célebre *incipit* da literatura clássica: "*Omnis homines qui sese student praestare...*", escandia Salústio, "todos os homens que se aplicam a se distinguir", seja qual for sua origem ou sua ambição: política, militar, artística, literária. *A arte da prudência* é escrita para "o homem do mundo" no sentido primeiro, aquele que o século XVIII transformará em modelo: "o homem universal".

Gracián pressupõe a honradez do interlocutor – sua "boa índole" e sua fé em Deus. Se lhe aconselha engodar, esconder o jogo, não é para enganar as pessoas, para confundir cautela e duplicidade, para rivalizar em manha e covardia, em suma, para lançar na "ignomínia", como diria Chateaubriand. Ao contrário. Gracián quer ajudar o "homem de bem" a não sucumbir aos sombrios desígnios de seus rivais e adversários. Pois as dissensões, as rivalidades, os rancores não eram necessariamente dissimulados,

como hoje, por trás de uma "hipocrisia consensual"; era freqüente tingirem-se de sangue. A *terribiltà* que grassava no reino de Nápoles, por exemplo, que chocara o séquito de Caravaggio – venenos, punhais, emboscadas – era freqüente nos meios mais polidos. E Gracián quer poupar o homem honrado. Pois reina a arbitrariedade do príncipe – e a justiça está a seus pés.

De certa maneira, dizia eu, Gracián mostra-se fiel às duas missões privilegiadas pelos jesuítas: o ensino e a confissão. Tanto de um lado quanto de outro, o objetivo é o conhecimento: aprendizado do mundo (educação), decifração de si mesmo (exame de consciência, introspecção). Em Gracián, o professor e o diretor espiritual são uma coisa só. Talvez se objete que algumas de suas máximas são estranhas, até opostas, ao próprio eixo das virtudes teologais: a caridade. Mas é justamente em sua ambigüidade que o Espanhol se mostra plenamente moderno: é um psicólogo, um homem que conhece e assume suas contradições. Não cobre o rosto diante de nosso lado maldito. É por isso que seus conselhos não devem ser separados do contexto, de uma visão global, que é o da superação na virtude: a *virtus* romana, a *virtud* espanhola. Nele, há Sêneca: "Não há maior domínio que o de si mesmo." Mas o cínico que aplicasse ao pé da letra *A arte da prudência*, esquecendo os princípios que estão por trás dela e o objetivo que a justifica, até que poderia, em nosso mundo, vir a ser *nauseabundantemente* bem sucedido.

JEAN-CLAUDE MASSON

[*] Em francês, *contre-pointe*, golpe de esgrima em que se combina estocada e corte. (N. do R.)

ORÁCULO MANUAL
E ARTE DA PRUDÊNCIA

Aprovação do Padre M. Fr. Gabriel Hernández, Catedrático de Teologia da Universidade de Huesca, da Ordem de Santo Agostinho

Declaro que, por mandado do ilustre senhor doutor Jerónimo de Arasqüés, cônego da santa igreja de Huesca, oficial eclesiástico e vigário geral de seu bispado, vi este livro intitulado *Oráculo manual e arte da prudência*, excerto das obras de Lorenzo Gracián, publicadas por *don* Vincencio Juan de Lastanosa.

Admirei em tão pouco corpo tanta alma. É a quintessência da mais recôndita prudência, que não se alimentam de outras coisas os sábios. Vêem-se aqui, de uma só vez, todas as obras desse autor; e, se cada uma de per si é um prodígio, todas as que aqui foram reunidas representam uma cifra delas. Sempre tive por difícil a arte da prudência, mas quem soube achar regras para a agudeza pôde ditar preceitos para a cordura[1].

Nada tem que contrarie nossa santa fé; antes, é um espelho da razão, moderna maravilha dos acertos; nem é escolho para os costumes cristãos, e sim um discreto realce das ações em que o engenho possa admirar o que o juízo lograr.

Esse é meu parecer. Convento de nosso Pai Santo Agostinho, de Huesca. 11 de março de 1647.

FREI GABRIEL HERNÁNDEZ

Em vista da aprovação do P. M. Frei Gabriel Hernández, damos licença para que se imprima o *Oráculo manual e arte da prudência.*

DOUTOR JERÓNIMO DE ARASQÜÉS
Oficial, Vigário Geral

Aprovação do Doutor Juan Francisco Andrés, Cronista do Reino de Aragão

Li atentamente, por ordem do mui Ilustre Senhor *don* Miguel Marta, do Conselho de Sua Majestade e seu Regente na Real Chancelaria de Aragão, os aforismos publicados por *don* Vincencio Juan de

Lastanosa das obras impressas e manuscritas de Lorenzo Gracián, diligência que merece não só a permissão de estampa, mas aplausos e admiração.

Por isso, e porque não se opõem às regalias do Rei nosso senhor, podem ir para a prensa. Esse é meu parecer.

Saragoça, 24 de março de 1647.

DOUTOR JUAN FRANCISCO ANDRÉS
Imprimatur
MARTA, *Reg.*

Ao Excelentíssimo Senhor Don Luis Méndes de Haro

Excelentíssimo Senhor:

Este *Oráculo* prudencial não necessita tanto do amparo de V. Exª quanto de sua autoridade; não a fortuna, ainda que grande, mas o merecimento, que é maior. Pretende não parecer impossível em cópia de preceitos, em vista de seu original em execução. Com arte, cifra todo um Varão de prendas e decifra as que venerou em V. Exª, e da que foi primeiro admiração faz arte. Seja escusa de seu altivo destino aos pés de V. Exª o que foi lisonja já ao grande macedônio. Apresentavam-lhe privilégio de cidadão seu os da culta Corinto, e, parecendo ridículo esse serviço ao conquistador do mundo todo, douraram o feito com este dito: que com ninguém haviam usado daquele gênero de obséquio, senão com Hércules e com ele. Seja-me escusa que estas Obras a ninguém consagrei, senão ao Rei nosso Senhor, ao Príncipe e a V. Exª, a quem depreco com propriedade o Católico. Vale.

DON VINCENCIO JUAN DE LASTANOSA

Ao Leitor

Nem ao justo leis, nem ao sábio conselhos, mas ninguém soube que bastasse para si. Uma coisa me haverás de perdoar e outra agradecer: o chamar *Oráculo* este epítome de aforismos sobre o viver, pois o é no que tem de sentencioso e conciso; o oferecer-te de um rasgo todos os doze Graciáns, tão estimado cada um, que *El discreto*, tão logo publicado em Espanha, foi traduzido em França para a sua língua e impresso em sua Corte. Sirva este de memorial à razão no banquete de seus sábios, em que se registrem os pratos prudenciais que irão sendo servidos nas demais obras, para distribuir o gosto com gênio.

Oráculo Manual e Arte da Prudência

RETIRADO DOS AFORISMOS QUE SE DISCORREM NAS OBRAS DE LORENZO GRACIÁN

I

Tudo já está em seu cume, e o ser grande homem no mais alto. Mais se requer hoje para um sábio que antigamente para sete, e mais é mister para tratar com um só homem nestes tempos que com todo um povo no passado.

II

Gênio e engenho[2]. Os dois eixos da admiração dos dotes de um homem; um sem o outro, felicidade pelo meio. Não basta ser douto, deseja-se o genial. Infelicidade de néscio é errar na escolha do estado[3], do ofício, da região, dos amigos.

III

Levar as coisas com reticência. A estima dos acertos está na admiração da novidade. Jogar jogo aberto não é de utilidade nem de gosto. O não se declarar deixa suspenso, e mais quando a elevação do cargo dá ensejo à expectação universal; insinua mistério em tudo e pela arcanidade provoca a veneração. Mesmo no se fazer entender convém fugir da lhaneza, assim como no trato não se há de expor o interior a todos. O silêncio recatado é o santuário da cordura. A resolução declarada nunca foi estimada; antes, expõe-se à censura, e, em malogrando, será duas vezes infeliz. Imite-se, pois, o proceder divino para ser objeto de consideração e desvelo.

IV

O saber e o valor[4] *alternam grandeza.* Porque o são, fazem imortais: cada um é o que sabe, e o

sábio tudo pode. Homem sem luzes, mundo às escuras. Tino e forças, olhos e mãos; sem valor, é estéril a sabedoria.

V

Fazer depender. Não faz o nume quem o doura, mas quem o adora. O sagaz mais quer necessitados de si que agradecidos. É furtar-se à esperança cortês o fiar-se no agradecimento do vulgo, pois o que aquela tem de memoriosa este tem de esquecidiço. Mais se extrai da dependência que da cortesia; quem está satisfeito dá as costas à fonte, e a laranja espremida cai do ouro ao lodo. Acabada a dependência, acaba a correspondência, e com ela a estima. Seja lição, e sobretudo de experiência, mantê-la, não a satisfazer, conservando sempre em necessidade de si até o coroado senhor; mas não se há de chegar ao excesso de calar para que errem, nem de deixar sem remédio o dano alheio para proveito próprio.

VI

O homem em seu cume. Não se nasce feito: vai-se a cada dia aperfeiçoando na pessoa, no cargo, até chegar ao ponto do ser consumado, de dotes completos, de eminências[5]: far-se-á conhecer pelo elevado gosto, pelo purificado engenho, pelo maduro juízo, pela clarificada vontade. Alguns nunca chegam a ser cabais: falta-lhes sempre algo; outros tardam a fazer-se. O varão consumado, sábio em ditos, cordo em feitos, é admitido e mesmo desejado no singular comércio dos discretos[6].

VII

Escusar vitórias sobre o patrão. Toda vitória é odiosa; sobre o dono, insana ou fatal. A superioridade sempre foi detestada, muito mais pela própria superioridade. O atento sói dissimular vantagens vulgares, como desmentir a beleza com o desalinho. É fácil achar quem queira ceder na ventura ou no gênio, mas no engenho ninguém, muito menos um soberano: esse é o rei dos atributos, e, assim, qualquer crime contra ele é de lesa-majestade. São soberanos e querem sê-lo no que é mais. Os príncipes gostam de ser ajudados, mas não excedidos, e que o aviso tenha mais viso de lembrança do que foi esquecido que de luz do que não foi entendido. Bem nos ensinam essa sutileza os astros, que, ainda que filhos e brilhantes, nunca se atrevem a luzir como o sol.

VIII

Homem que não se apaixona, qualidade do mais elevado espírito: sua própria superioridade o redime da sujeição a impressões passageiras e vulgares. Não há maior domínio que o de si mesmo, de seus afetos, o que chega a ser triunfo do arbítrio; e, quando a paixão ocupar a alma, que não se atreva ao ofício, e tanto menos quanto mais for: civil modo de poupar desgostos e de cortar caminho para a reputação.

IX

Desmentir os defeitos de sua nação. A água participa das boas ou más qualidades dos veios por onde passa, e o homem das do clima onde nasce. Uns devem mais que outros à pátria, por ser ali mais favorável o zênite. Não há nação que escape de algum original defeito, mesmo as mais cultas, que os confinantes logo censuram, por cautela ou por consolo. Vitoriosa destreza é corrigir, ou pelo menos desmentir, esses nacionais desdouros; consegue-se o aplausível crédito de único entre os seus, pois o que menos se espera mais se estima. Há também defeitos da estirpe, do estado, do ofício e da idade, que, se coincidem todos num indivíduo e não são prevenidos pela atenção, criam um monstro intolerável.

X

Sorte e fama. O que uma tem de inconstante a outra tem de firme. A primeira para viver, a segunda para depois; aquela contra a inveja, esta contra o esquecimento. Sorte deseja-se, e às vezes se ajuda; fama diligencia-se. O desejo de reputação nasce da virtude; a fama foi e é irmã de gigantes; anda sempre por extremos: ou monstros ou prodígios, de abominação, de aplauso.

XI

Tratar com quem se possa aprender. Que o trato amigável seja escola de erudição e que a conversação seja ensinamento culto; fazer dos amigos mestres, penetrando o útil do aprender com o gosto do conversar. A fruição dos doutos alterna-se: quem diz logra o aplauso com que é recebido, e quem ouve logra o ensinamento. Ordinariamente, leva-nos até o outro a própria conveniência, aqui realçada. O atento freqüenta as casas daqueles heróis cortesãos que são mais teatros de heroicidade que palácios de vaidade. Há senhores reputados discretos que, além de serem oráculos de toda grandeza com seu exemplo e em seu trato, o cortejo dos que os assistem é uma academia cortês de boa e galante discrição.

XII

Natureza e arte, matéria e obra. Não há beleza sem ajuda, nem perfeição que não dê em bárbara sem o realce do artifício; socorre o que é ruim e aperfeiçoa o que é bom. A natureza comumente nos deixa ao melhor: recorramos à arte. O melhor natural é inculto sem ela, e falta metade às perfeições se lhes falta a cultura. Todo homem sabe a tosco sem o artifício, e é mister polir-se em toda ordem de perfeições.

XIII

Obrar por intenção, seja segunda, seja primeira. A vida do homem é milícia contra a malícia do homem; a sagacidade peleja com estratagemas de intenção. Nunca faz o que indica: aponta, sim, para

aturdir; insinua a esmo com destreza e executa na inesperada realidade, atenta sempre a desmentir. Lança uma intenção para assegurar-se da atenção rival e depois se volta contra ela, vencendo pelo inesperado. Mas a penetrante inteligência previne-a com atenção, espreita-a com reflexão; entende sempre o contrário do que ela quer que entenda e conhece logo qualquer intentar de falsidade; deixa passar toda primeira intenção, à espera da segunda, e ainda da terceira. A simulação cresce ao ver seu artifício alcançado, e pretende enganar com a própria verdade. Muda de jogo, para mudar de ardil, e do não-artifício faz artifício, fundando sua astúcia na maior candidez. Acode a observação, entendendo sua perspicácia, e descobre as trevas vestidas de luz; decifra a intenção, tanto mais solapada quanto mais sincera. Destarte combate a calidez de Píton contra a candidez dos penetrantes raios de Apolo.

XIV

A realidade e o modo. Não basta a substância, requer-se também a circunstância. Um mau modo tudo estraga, até a justiça e a razão. O bom tudo supre; doura o *não*, adoça a verdade e enfeita até a velhice. É grande o papel do *como* nas coisas, e o bom jeito é o taful das coisas. O *bel* portar-se é a gala do viver, desempeço singular de todo bom termo.

XV

Ter engenhos auxiliares. Felicidade de poderosos é acompanhar-se de valentes de entendimento que os tirem dos apuros da ignorância, que travem as contendas da dificuldade. Singular grandeza é servir-se de sábios, o que excede o bárbaro gosto de Tigranes[7], aquele que fazia seus escravos os reis que rendia. Novo gênero de dominação no que a vida tem de melhor é fazer servos, por arte, daqueles que a natureza fez superiores. Há muito para saber e é pouco o viver, e não se vive se não se sabe. É, pois, singular destreza estudar sem fadiga, e muito por muitos, sabendo por todos. Depois, num consistório, fala por muitos, ou por sua boca falam tantos sábios quantos o preveniram, conseguindo o crédito de oráculo à custa do suor alheio. Aqueles primeiro escolhem a lição, e servem-lhe depois o saber em quintessência. Mas quem não puder ter a sabedoria por serva, tenha-a por amiga.

XVI

Saber com reta intenção. Assegura fecundidade de acertos. Monstruosa violência foi sempre o bom entendimento casado com a maldosa vontade. A intenção malévola é um veneno das perfeições e, ajudada pelo saber, empeçonha com maior sutileza. Infeliz excelência a que se emprega na ruindade! Ciência sem siso, loucura dupla.

XVII

Variar de teor no obrar. Nem sempre de um só modo, para aturdir a atenção, ainda mais se êmula.

Nem sempre de primeira intenção, pois perceber-lhe-ão a uniformidade, prevenindo e frustrando suas ações. Fácil é matar no vôo a ave que o segue em linha reta, já não a que o torce. Nem sempre de segunda intenção, pois na segunda vez entender-lhe-ão o ardil. A malícia está à espreita; é mister grande sutileza para desmenti-la. O taful nunca joga a peça que o adversário presume, muito menos a que este deseja.

XVIII

Aplicação e gênio. Não há excelência sem ambos, e se concorrem, excesso. Mais consegue uma mediocridade com aplicação que uma superioridade sem ela. Compra-se a reputação a preço de trabalho; pouco vale o que pouco custa. Mesmo para os primeiros cargos deixou a desejar em alguns a aplicação; raras vezes desmente o gênio. Não ser eminente no ofício vulgar por querer ser medíocre no superior tem escusa de generosidade; mas contentar-se em ser medíocre no último, podendo ser excelente no primeiro, não a tem. Portanto, é preciso ter natureza e arte; a aplicação põe o selo.

XIX

Não entrar com demasiada expectação. Ordinário desaire de tudo o que é muito celebrado antes é não chegar depois ao excesso do que foi concebido. Nunca o verdadeiro pôde alcançar o imaginado, porque fingir perfeições é fácil; difícil é consegui-las. Casa-se a imaginação com o desejo e concebe sempre muito mais do que as coisas são. Por maiores que sejam as excelências, não bastam para satisfazer o conceito, e, se o enganam com exorbitante expectação, é mais rápido o desengano que a admiração. A esperança é grande falsificadora da verdade: que a cordura a corrija, fazendo que a fruição seja superior ao desejo. Princípios de crédito servem para despertar a curiosidade, não para empenhar o objeto. Melhor resulta quando a realidade excede o conceito e é mais do que se acreditou. Essa regra faltará no que é mau, pois ajuda-o a própria exageração; desmente-a o aplauso, chegando a parecer tolerável o que se temeu ser ruim ao extremo.

XX

O homem em seu século. Os indivíduos eminentemente insignes dependem dos tempos. Nem todos tiveram o tempo que mereciam, e muitos, ainda que o tivessem, não conseguiram aproveitá-lo. Alguns seriam dignos de melhor século, pois nem tudo o que é bom triunfa sempre; as coisas têm sua vez, até as eminências dependem do uso; mas o sábio tem uma vantagem: é eterno, e, se este não é seu século, muitos outros o serão.

XXI

Arte para ser venturoso. Há regras de ventura, que nem toda é acaso para o sábio; pode ser ajudada pela indústria[8]. Contentam-se alguns em pôr-se com boa postura às portas da sorte, esperando que se

abra. Outros, melhores, passam-lhe pela frente e valem-se da audácia, que nas asas de sua virtude e valor pode alcançar a ventura e lisonjeá-la eficazmente. Mas, a bem filosofar, não há outro arbítrio senão o da virtude e da atenção, porque não há mais ventura nem mais desventura que prudência e imprudência.

XXII

Homem de aplausível saber. É munição de discretos a erudição galante e de bom gosto; um prático saber de tudo o que é corrente; mais para o douto, menos para o vulgar; ter abundância de agudos ditos de espírito, de feitos galantes, e saber empregá-los na ocasião oportuna. Pois às vezes foi melhor o efeito do aviso num chiste que no mais grave magistério. Saber conversar valeu mais a alguns que todas as sete artes, ainda que tão liberais.

XXIII

Não ter desdouro algum. O senão da perfeição é viverem poucos sem defeitos, tanto no moral quanto no natural, e apaixonarem-se por eles, podendo curá-los com facilidade. A cordura alheia lastima que às vezes a uma sublime universalidade de dotes ocorra um mínimo defeito, bastando uma nuvem para eclipsar todo um sol. São manchas da reputação, nas quais logo pára e repara a malevolência. Suprema destreza seria convertê-las em brilho. Desta sorte César soube cobrir de louros seu natural desaire[9].

XXIV

Temperar a imaginação. Umas vezes corrigindo-a, outras vezes ajudando-a, que é tudo isso pela felicidade, e ainda ajusta a cordura. Dá em tirana; nem se contenta com a especulação, mas obra, e ainda costuma assenhorear-se da vida, fazendo-a alegre ou triste, segundo a nescidade em que dá, porque cria descontentes ou satisfeitos de si mesmos. Para uns, representa continuamente penas, feita verdugo interno de néscios; a outros propõe felicidade e aventuras com alegre presunção. De tudo isso é capaz, se não é freada pela prudentíssima sindérese[10].

XXV

Bom entendedor. Era arte das artes saber discorrer; já não basta: é mister adivinhar, sobretudo em matéria de desenganos. Não pode ser entendido quem não é bom entendedor. Há videntes do coração e linces das intenções. As verdades que mais nos importam vêm sempre por meias palavras; que o atento as receba com inteiro entender; no que for favorável, puxando as rédeas da credulidade; no odioso, picando-a.

XXVI

Achar a chave para cada um. É a arte de mover vontades; mais consiste em destreza que em resolução: saber por onde entrar em cada um. Não há vontade sem pendor especial, diferente segundo a variedade dos gostos. Todos são idólatras, uns da estima, outros do interesse, a maioria do deleite. A manha está em conhecer esses ídolos para motivar; conhecer o impulso eficaz de cada um é como ter a chave do querer alheio. Deve-se ir ao primeiro móbil, que nem sempre é o supremo; o mais das vezes é o ínfimo, porque no mundo são mais os desregrados que os subordinados. Primeiro há de se prevenir o gênio, depois tocar-lhe o verbo, para atacar a afeição, que infalivelmente porá em mate o arbítrio.

XXVII

Satisfazer-se mais com intensões[11] *que com extensões.* A perfeição não consiste na quantidade, mas na qualidade. Tudo o que é muito bom sempre foi pouco e raro: o muito é descrédito. Mesmo entre os homens, os gigantes costumam ser os verdadeiros anões. Alguns avaliam os livros pela corpulência, como se escritos para exercitar mais os braços do que os engenhos. A extensão sozinha nunca pôde exceder a mediocridade, e essa é a praga dos homens universais: por quererem estar em tudo, estão em nada. A intensidade dá eminência, e é heróica se em matéria sublime.

XXVIII

Em nada vulgar. Não no gosto. Oh, grande sábio quem ficava descontente de que suas coisas agradassem a muitos! Farturas de aplauso comum não satisfazem os discretos. Alguns são tão camaleões da popularidade que põem a fruição não nas suavíssimas aragens de Apolo, mas no hálito vulgar. Mesmo no entendimento, que não satisfaçam os milagres do vulgo, pois não passam de espanta-ignorantes, admirando a nescidade comum o que desengana a advertência singular.

XXIX

Homem de inteireza. Sempre do lado da razão, com tal força de propósito que nem a paixão vulgar nem a violência tirana o obriguem jamais a pisar as fronteiras da razão. Mas quem será esse fênix da eqüidade? Que tem poucos sequazes a inteireza. Por muitos é celebrada, mas não adotada; outros a seguem até o perigo: nele, os falsos a renegam, os políticos a simulam. Não se importa em ir de encontro à amizade, ao poder e ainda à própria conveniência, e aí está o perigo de não a reconhecer. Os astutos abstraem com a metafísica aplausível para não ofenderem a razão superior ou a do Estado, mas o homem constante julga ser o dissímulo uma espécie de traição, gaba-se mais da tenacidade que da sagacidade, acha-se onde se acha a verdade; e, se a inteireza abandona as pessoas, não é por inconstância sua, mas porque elas a deixaram primeiro.

XXX

Não professar ofícios desautorizados. Muito menos quimeras, que mais servem para chamar o desapreço que o crédito. Muitas são as seitas do capricho, e de todas há de fugir o varão cordo. Há gostos exóticos que se casam sempre com tudo aquilo que os sábios repudiam; ficam contentes com a singularidade, que, embora os torne mui conhecidos, é mais por motivo de riso que de reputação. Tampouco profissão de sábio há de afetar o atento, muito menos as que tornam ridículo quem as pratica; que aqui nem são especificadas, porque bem as distingue o descrédito comum.

XXXI

Conhecer os ditosos para a eleição, e os desditosos para a fuga. A infelicidade é ordinariamente crime de nescidade, e não há contágio tão pegadiço quanto o de seus participantes: nunca se há de abrir a porta ao menor mal, pois sempre virão muitos atrás dele, e maiores em cilada. O melhor ardil do jogo é saber descartar: mais importa a menor carta do trunfo corrente que a maior do que passou. Em dúvida, o acertado é chegar-se aos sábios e prudentes, que cedo ou tarde topam com a ventura.

XXXII

Ter a fama de agradar. Para os que governam, dá grande crédito agradar: realce de soberanos para conquistar a graça universal. Só esta é a vantagem de mandar: poder fazer mais bem que todos. Amigos são aqueles que fazem amizades. Ao contrário, há os que estão prontos a nunca dar prazer, não tanto pelo que lhes custa, mas pela malignidade, por oposição à divina comunicabilidade[12].

XXXIII

Saber subtrair-se. Pois se é grande lição da vida o saber negar, maior será saber negar a si mesmo, aos negócios, às pessoas. Há ocupações estranhas, carunchos do precioso tempo, e pior que nada fazer é ocupar-se com impertinências. Para ser avisado não basta não ser intrometido, é mister conseguir que não o intrometam. Não se há de ser tanto de todos que não se seja de si mesmo. Tampouco dos amigos se há de abusar, nem querer deles mais do que concederiam. Todo o demasiado é vicioso, muito mais no trato. Com essa prudente temperança conserva-se melhor o agrado e a estima de todos, porque não se fere a preciosíssima decência. Tenha, pois, liberdade de gênio apaixonado do seleto, e nunca peque contra a fé de seu bom gosto.

XXXIV

Conhecer seu principal atributo, o dote relevante, cultivando-o e ajudando os demais. Qualquer um conseguiria excelência em algo se conhecesse sua vantagem. Observe seu principal atributo e aplique-se nele: em uns excede o juízo, em outros o valor. Os demais violentam seu gênio e, assim, em nada conseguem superioridade: o que a paixão lisonjeia de pronto, o tempo mais tarde desmente.

XXXV

Formar conceito, e mais do que mais importa. Por não pensarem perdem-se todos os néscios: nunca concebem nas coisas nem a metade; e, como não percebem o dano nem a conveniência, tampouco aplicam a diligência. Alguns fazem muito caso do que pouco importa, e pouco caso do que importa muito, ponderando sempre às avessas. Muitos, por serem faltos de senso, não o perdem. Coisas há que se deveriam observar com todo o empenho, e conservar na profundidade da mente. O sábio forma conceito de tudo, ainda que, discernindo, cave onde haja fundo e reparo, pensando às vezes que haja mais do que pensa; de tal sorte que a reflexão chega aonde não chegou a apreensão.

XXXVI

Sondar a sorte: para o proceder, para o empenhar-se. Importa mais do que a observação do temperamento, pois, se é néscio quem aos quarenta anos chama Hipócrates para cuidar de sua saúde, mais o é quem chama Sêneca para cuidar de sua cordura. Grande arte é saber reger a sorte, ora esperando-a, pois também nela cabe a espera, ora alcançando-a, pois tem vez e contingência, de tal modo que não se pode apreender seu teor, tão anômalo é seu proceder. Quem a percebeu favorável, que prossiga sem medo, pois ela costuma apaixonar-se pelos ousados, e também, como é bizarra, pelos jovens. Quem é infeliz não obre, mas retire-se, para não dar lugar a duas infelicidades. Adiante quem a domina.

XXXVII

Conhecer e saber usar farpas. É o ponto mais sutil do trato humano. São elas lançadas para sondar os ânimos, e com elas se faz o mais dissimulado e penetrante tenteio do coração. Outras há maliciosas, audaciosas, tocadas pela erva da inveja, untadas pelo veneno da paixão, raios imperceptíveis para derribar da graça e da estima. Perderam muitos a privança superior e inferior, feridos por um leve dito desses, a quem toda uma conjuração de murmuração vulgar e de malevolência individual não foram bastantes para causar a mais leve trepidação. Outras farpas, ao contrário, obram como favoráveis, apoiando-se e confirmando-se na reputação. Mas com a mesma destreza com que a intenção as arroja, há de recebê-las a cautela e esperá-las a atenção, pois a defesa está resguardada no conhecer, e sai sempre frustrado o tiro previsto.

XXXVIII

Saber deixar passar quando se está ganhando: é jogo de mestre em reputação. Tanto vale uma bela retirada quanto uma brava acometida; furtar às vistas as façanhas, quando suficientes, quando muitas. Felicidade continuada sempre foi suspeita: mais segura é a entremeada, que tenha algo de agridoce, mesmo para a fruição. Quanto mais se atropelam as venturas, maior é o risco de resvalarem e levarem tudo de roldão. Às vezes a brevidade da duração é compensada com a intenção do favor. A sorte cansa-

se de carregar nas costas o mesmo homem o tempo todo.

XXXIX

Conhecer as coisas em seu cume, em sua sazão, e saber aproveitá-las. Todas as obras da natureza chegam ao complemento da perfeição: até aí vão ganhando; daí em diante, perdendo. As da arte raramente chegam ao ponto de não poderem ser melhoradas. É culminância do bom gosto fruir cada coisa em seu completamento: nem todos podem, tampouco os que podem sabem. Até nos frutos do saber há esse ponto de madurez; cumpre conhecê-lo para apreço e uso.

XL

Estar nas graças da gente. Muita coisa é conseguir a admiração comum, porém mais a afeição: tem algo de estrela, e mais de indústria; começa com aquela e prossegue com esta. Não basta excelência nos dotes, embora se suponha ser fácil ganhar o afeto ganhando o conceito. Requer-se, pois, para a benevolência a beneficência: fazer bem a mancheias, boas palavras e melhores obras, amar para ser amado. A cortesia é o maior feitiço político de grandes personagens. A mão há de se estender primeiro para os feitos, depois para as plumas; da folha[13] às folhas, pois há graças de escritores, e são eternas.

XLI

Nunca exagerar. Grande matéria de consideração é não falar por superlativos, seja para não se expor a ofender a verdade, seja para não desdourar sua cordura. As exagerações são prodigalidades do estimar, que dão indício de curteza de conhecimento e gosto. A louvação desperta viva curiosidade, pica o desejo, mas depois, não equivalendo o valor ao apreço, como de ordinário acontece, a expectação volta-se contra o engano e desforrase no menosprezo pelo celebrado e por quem celebrou. Anda, pois, o cordo bem devagar, e mais quer pecar pelo pouco que pelo muito. Raras são as eminências: modere-se a estimativa. O encarecer é parente do mentir, e nele se perde o crédito de bom gosto, que é grande, e o de douto, que é maior.

XLII

Do natural império. É uma secreta força de superioridade. Não há de proceder do artifício enfadonho, mas de um imperioso natural. Todos se lhe sujeitam, sem advertir como, reconhecendo o secreto vigor da natural autoridade. São esses gênios senhoris, reis por mérito e leões por privilégio inato, que granjeiam o coração e as palavras alheias graças ao respeito que inspiram; se os outros dotes favorecerem, terão nascido para primeiros móveis políticos, porque fazem mais com uma insinuação que outros com prolixidade.

XLIII

Sentir com a minoria e falar com a maioria. Querer ir contra a corrente é tão impossível para o desengano quanto é fácil para o perigo. Somente Sócrates poderia empreendê-lo. Tem-se por agravo o dissentir, porque é condenar o juízo alheio: multiplicam-se os desgostosos, seja pelo indivíduo censurado, seja pelo que o aplaudia: a verdade é de poucos, o engano é tão comum quanto vulgar. Tampouco pelo que fala em público se há de perceber o sábio, pois ali não fala por voz própria, mas pela da nescidade comum, por mais que a esteja desmentindo seu íntimo; o cordo tanto foge de ser contradito quanto de contradizer: o que tem de presteza na censura tem de lentidão na publicidade dela. O sentir é livre; não se pode nem se deve violentar; recolhe-se ao seu sagrado silêncio, e, se alguma vez se atrever, será à sombra de poucos, e prudentes.

XLIV

Simpatia entre os grandes varões. É atributo de herói combinar-se com heróis; prodígio da natureza por via do oculto e do vantajoso. Há parentesco de corações e de gênios, sendo seus efeitos aquilo que a ignorância vulgar tacha de encantamento. Não pára essa simpatia na estima, pois adianta-se até a benevolência e chega mesmo ao pendor; persuade sem palavras e consegue sem méritos. Há a ativa e a passiva; uma e outra tão mais felizes quanto mais sublimes. Grande destreza é conhecê-las, distingui-las e saber aproveitá-las, pois não há porfia que baste sem esse favor secreto.

XLV

Usar, mas não abusar, de conjeturas. Não se hão de manifestar, muito menos de se deixar entender; toda arte[14] há de ser encoberta, porque suspeita, e muito mais a cautela, que é odiosa. Usa-se muito o engano: multiplique-se a desconfiança, mas sem se dar a conhecer, pois ocasionaria a desconfiança; se muita, arrebata e induz à vingança; desperta o mal que não se imaginou. A reflexão no proceder é de grande vantagem no obrar; não há maior argumento no discurso. A maior perfeição das ações é afiançada pelo domínio com que são executadas.

XLVI

Corrigir a antipatia. Costumamos abominar de bom grado, e mesmo antes dos previstos atributos. Algumas vezes essa aversão inata e vulgarizante apresenta-se em homens eminentes. Que a cordura a corrija, pois não há pior descrédito que abominar os melhores; assim como é mérito a simpatia entre heróis, é desdouro a antipatia.

XLVII

Fugir dos empenhos. É das primeiras máximas da prudência. Nas grandes capacidades sempre há grandes distâncias, até os últimos transes. Há muito para andar de um extremo a outro, e eles estão sempre no meio de sua cordura: chegam tarde ao rompimento, pois é mais fácil furtar-se à ocasião perigosa que se sair bem dela. Nas tentações do juízo, mais seguro é fugir que vencer. Um empenho traz outro maior e está perto do despenho. Há homens que, por gênio e mesmo por nação, metemse em obrigações, mas quem caminha à luz da razão sempre vai com muita consideração. Estima ter mais valor o não empenhar-se que o vencer, e, já que há um tolo porfiado, escusa que com ele sejam dois.

XLVIII

O homem com fundos tem outro tanto de pessoa. Em tudo, sempre há de ser o interior outro tanto do exterior. Há indivíduos de fachada apenas, como casa que não se acabou por falta de cabedal; têm entrada de palácio e de choça a habitação. Neles não há onde parar, ou tudo pára, porque, acabada a primeira saudação, acabou a conversação. Entram com as primeiras cortesias como cavalos sicilianos, e logo param silenciários, pois esgotam-se as palavras onde não há perenidade de conceito. Enganam facilmente outros que também têm vista superficial, mas não aos astutos, que, como olham por dentro, acham-nos vazios para serem assunto dos discretos.

XLIX

Homem judicioso e penetrante. Assenhoreia-se dos objetos, e não os objetos dele. Sonda logo o fundo da maior profundidade; sabe fazer anatomia de um cabedal à perfeição. Em vendo uma pessoa, entende-a e censura-a por essência. De extraordinárias observações, grande decifrador da mais resguardada interioridade. Nota com acridez, concebe com sutileza, infere com juízo: tudo descobre, adverte, alcança e compreende.

L

Nunca perder o respeito por si mesmo, nem ter por que corar a sós. Que sua inteireza seja a norma de sua retidão, e deva mais à severidade de seus ditames que a todos os preceitos extrínsecos. Deixe de fazer o que é indecente mais por temor à sua própria cordura que pelo rigor da autoridade alheia. Chegue a temer-se, e não precisará mais de Sêneca como preceptor imaginário.

LI

Homem de boa eleição. Dela se vive e muito: supõe bom gosto e retíssimo ditame, pois não bastam o estudo nem o engenho. Não há perfeição onde não há eleição; duas vantagens inclui: poder escolher, e o melhor. Muitos, de engenho fecundo e sutil, de juízo arguto, estudiosos e doutos também, em chegando a hora de escolher, perdem-se: casam-se sempre com o pior, pois parece que lhes apetece errar, e assim,

esse é um dos máximos dons elevados.

LII

Nunca se descompor. Grande matéria de cordura é nunca se desarvorar. Mostra ser homem de coração soberano, porque a magnanimidade dificilmente se comove. Paixões são humores do espírito, e qualquer excesso nelas causa indisposição de cordura; e, se o mal sobe à boca, periga a reputação. Seja, pois, tão senhor de si e tão grande, que nem na prosperidade nem na adversidade possa alguém censurá-lo por perturbado, mas sim admirá-lo por superior.

LIII

Diligente e inteligente. A diligência executa com presteza o que a inteligência pensa com prolixidade. É paixão de néscios a pressa, pois, como não discernem tropeços, obram sem reparo. Ao contrário, os sábios soem pecar por lentos, pois do advertir nasce o reparar. Por vezes a ineficácia da prorrogação põe a perder o acerto do ditame. A presteza é mãe da felicidade. Muito fez quem nada deixou para amanhã. Augusta empresa é correr devagar.

LIV

Ter espírito brioso. Ao leão morto, até as lebres tiram o pêlo: não há burlas com o valor; quem cede ao primeiro também haverá de ceder ao segundo, e desse modo até o último. A mesma dificuldade haverá para vencer depois, e mais teria valido desde logo. O brio do espírito excede o do corpo: como a espada, há de ir sempre embainhado em sua cordura para a ocasião propícia. É o resguardo da pessoa: mais danos há no descaimento do espírito que no do corpo. Muitos tiveram dotes eminentes, mas, por lhes faltar esse alento, pareceram mortos e acabaram sepultados em sua deixação, pois não foi sem providência que a natureza juntou, solícita, a doçura do mel e o picante do aguilhão na abelha. Há nervos e ossos no corpo; que o espírito não seja todo brandura.

LV

Homem de espera. Mostra grande coragem, com sobejo de paciência. Nunca se apresse nem se apaixone. Quem antes for senhor de si mesmo sê-lo-á depois dos outros. É mister caminhar pelos espaços[15] do tempo até o centro da ocasião. A detença prudente sazona os acertos e amadurece os segredos. A muleta do tempo obra mais que a afiada clava de Hércules. Deus mesmo não castiga com bastão, mas com sazão. Grande ditado: “o tempo e eu somos outros dois”. A própria sorte premia o esperar com a grandeza do galardão.

LVI

Ter bons repentes. Nascem de feliz prontidão: para ela não há apuros nem acasos, porque é vivaz e desembaraçada. Alguns pensam muito para tudo errar depois, e outros acertam tudo sem antes pensar. Há cabedais de antiperístases que, empenhados, obram melhor; soem ser monstros que de pronto tudo acertam e, em pensando, tudo erram; o que não lhes acode logo, nunca, nem há de se apelar para depois. São aplausíveis os lestos, porque mostram ter prodigiosa capacidade: nos conceitos, sutileza; nas obras, cordura.

LVII

Mais seguro é o pensado. Muito depressa, se bem. O que logo se faz logo se desfaz; mas o que há de durar uma eternidade há de levar outra para ser feito. Só se atenta para a perfeição, e só o acerto permanece. Entender fundamentado logra eternidades: o que muito vale muito custa, pois mesmo o mais precioso dos metais é o mais vagaroso e o mais grave.

LVIII

Saber temperar-se. Não se mostre igualmente douto com todos, nem empregue mais forças do que as necessárias. Não haja desperdícios, nem de saber, nem de valer. O bom falcoeiro não joga para a presa mais ceva do que a necessária para dar-lhe caça. Não viva a ostentar-se, que em outro dia não causará admiração. É sempre mister ter novidades com que brilhar, pois quem a cada dia descobre mais, mantém sempre a expectação, e nunca chegam a descobrir-lhe os términos do grande cabedal.

LIX

Homem de boas-idas. Em casa de Fortuna, quem entra pela porta do prazer sai pela do pesar, e ao contrário. Atenção, pois, ao acabar, dando mais cuidado à felicidade da saída que ao aplauso da entrada. Desaire comum dos afortunados é ter muito favoráveis os princípios e muito trágicos os fins. Não está o cume no vulgar aplauso da entrada, que esta todos a têm aplausível, mas sim no sentimento geral da saída, pois são raros os que deixam saudade; poucas vezes a sorte acompanha os que saem; o que ela mostra de cumprimentos com quem vem, mostra de descortesia com quem vai.

LX

Bons ditames. Alguns nascem prudentes; entram para a sabedoria com a vantagem da sindérese conatural na sabedoria, e assim já têm meio caminho andado para os acertos. Com a idade e a experiência, vem a amadurecer de todo a razão, e chegam a um juízo temperado; abominam todo capricho, por ser tentação da cordura, sobretudo em matérias de Estado, nas quais, dada a suma

importância, requer-se total segurança. Merecem eles assistir no timão, para exercício ou para conselho.

LXI

Eminência no melhor. Grande singularidade entre a pluralidade de perfeições. Não pode haver herói que não tenha algum extremo sublime. A mediania não é matéria de aplauso. A eminência em ocupação relevante tira da vulgaridade ordinária e alça à categoria de raro. Ser eminente em profissão humilde é ser algo no pouco; o que tem mais de deleitável tem menos de glorioso. O excesso em matérias elevadas é como um caráter de soberania, desperta admiração e granjeia afetos.

LXII

Obrar com bons instrumentos. Querem alguns que o extremo de sua sutileza campeie na ruindade dos instrumentos: perigosa satisfação que merece fatal castigo! Nunca a boa qualidade do servidor diminuiu a grandeza do patrão; antes, toda a glória dos acertos recai depois sobre a causa principal, assim como, ao contrário, o vitupério. A fama sempre fica com os primeiros. Nunca se diz: "Aquele teve bons ou maus servidores", mas "aquele foi bom ou mau artífice". Haja, pois, eleição; haja exame, que há de lhe assegurar reputação imortal.

LXIII

Excelência de primeiro. E se com eminência, dobrada. Grande vantagem é jogar de mão, pois se ganha em igualdade. Muitos teriam sido fênix nas ocupações, não tivessem outros lhes saído na frente. Alçam-se os primeiros com o morgadio da fama, e ficam para os segundos alimentos disputados; por mais que fundamentem, nunca conseguem purgar a vulgar acusação de imitadores. Sutileza foi de prodigiosos inventar caminho novo para as eminências, e, assim, é a cordura que assegura primeiro os empenhos. Com a novidade dos assuntos os sábios se inscreveram no rol dos heróis. Alguns querem mais ser primeiros em segunda categoria que ser segundos na primeira.

LXIV

Saber escusar-se de pesares. É cordura proveitosa fugir de desgostos. A prudência evita muitos, é Lucina da felicidade, e por isso da alegria. As novas odiosas, não as dês, muito menos as recebas; proíba-se-lhes a entrada, se não for a do remédio. A alguns estragam-se os ouvidos por ouvirem o muito doce das lisonjas; a outros, por escutarem o amargo dos enredos, e há quem não saiba viver sem algum cotidiano dissabor, como não o sabia Mitrídates sem veneno. Tampouco é regra do conservar-se querer dar a si mesmo um pesar de toda a vida para dar prazer uma só vez a outro, ainda que seja o mais justo. Nunca se há de pecar contra a própria felicidade para comprazer a quem aconselha e fica fora, e em qualquer acontecimento, sempre que se encontrarem o causar prazer a outro com o causar pesar a si, é

lição de conveniência que mais vale o outro desgostar-se agora do que você depois, e sem remédio.

LXV

Gosto apurado. Cabe cultivá-lo, assim como o engenho; a excelência do entender realça o apetite do desejar e depois a fruição do possuir. Conhece-se o tamanho de um cabedal pela elevação do afeto. É mister muito objeto para satisfazer uma grande capacidade; assim como os grandes bocados são para grandes paladares, as matérias sublimes para sublimes gênios. Os mais valiosos objetos o temem e as mais seguras perfeições perdem a confiança; são poucas as de primeira magnitude: seja raro o apreço. Com o trato pegam-se os gostos e herdam-se por continuidade: grande sorte é comunicar-se com quem o tem em seu cume. Mas não se há de professar desagrado por tudo, pois esse é um dos néscios extremos, e mais odioso quando por afetação que por destemperança. Gostariam alguns que Deus tivesse criado outro mundo e outras perfeições para satisfação de sua extravagante fantasia.

LXVI

Atenção para que as coisas lhe saiam bem. Alguns têm mais em mira o rigor da direção que a felicidade de conseguir o intento, porém sempre prepondera mais o descrédito da infelicidade que o abono da diligência. Quem vence não precisa dar satisfações. A maioria não percebe a exatidão das circunstâncias, mas apenas os bons ou maus sucessos; e, assim, nunca se perde reputação quando se consegue o intento. O bom fim tudo doura, mesmo que o desmintam os desacertos dos meios. Pois é arte ir contra a arte quando não se pode conseguir de outro modo a felicidade de sair-se bem.

LXVII

Preferir as ocupações aplausíveis. A maioria das coisas depende da satisfação alheia: a estima é para as perfeições o que o favônio é para as flores: alento e vida. Há ocupações expostas à aclamação universal, e outras há, embora mais elevadas, em nada expectáveis; aquelas, por serem cumpridas à vista de todos, captam a benevolência comum; estas, ainda que contenham mais de ilustre e primoroso, ficam no segredo de sua imperceptibilidade, veneradas, mas não aplaudidas. Entre os príncipes, os vitoriosos são os celebrados, e por isso os reis de Aragão foram tão plausíveis como guerreiros, conquistadores e magnânimos. Que o grande varão prefira as ocupações célebres, que todos percebam e que participem todos, sendo ele imortalizado por sufrágios comuns.

LXVIII

Dar entendimento. É mais primoroso que dar memória. No máximo, umas vezes se há de lembrar, outras advertir. Deixam alguns de fazer as coisas que estariam a seu alcance, porque não lhes são oferecidas; que a advertência amigável ajude então a conceber o que mais convém. Uma das maiores

vantagens da mente é a de oferecer o que mais importa. Por falta disso deixam de se fazer muitos acertos; que dê luz quem a alcança, e solicite-a quem dela carece; aquele com dilação, este com atenção: senão por nada, para abrir caminho. É urgente essa sutileza, porquanto redunda em utilidade de quem desperta; convém mostrar prazer, e transmitir a mais quando não bastar. Já se tem o *não*, saia-se em busca do *sim*, com destreza, pois na maioria das vezes não se consegue porque não se tenta.

LXIX

Não se render a um humor vulgar. Grande homem é o que nunca se submete a impressões passageiras. É lição de advertência a reflexão sobre si; conhecer sua real disposição e preveni-la, e ainda ponderar sobre o outro extremo para achar, entre o natural e o artificial, o fiel da sindérese. O princípio de corrigir-se é o conhecerse, pois há monstros de impertinência: sempre estão de algum humor, variando com eles seus afetos; e, arrastados eternamente por essa destemperança civil, empenham-se de modos contraditórios; e não só esse excesso arruína a vontade como também afronta o juízo, alterando o querer e o entender.

LXX

Saber negar. Nem tudo se há de conceder, nem a todos. É tão importante quanto o saber conceder, e nos que mandam é consideração indispensável. Aí entra o modo. Mais se preza o *não* de alguns que o *sim* de outros, porque um *não* dourado satisfaz mais que um *sim* a seco. Há muitos que sempre têm um *não* na boca, com que tudo dessazonam. Neles o *não* é sempre o primeiro, e, ainda que depois tudo venham a conceder, não se entende por que precedeu aquela primeira mágoa. Não deverão as coisas ser negadas de chofre: sorva-se aos tragos o desengano; nem se negue de todo, que seria desesperar a dependência. Que fiquem sempre alguns vestígios de esperança a temperarem o amargor do negar. Que a cortesia encha o vazio do favor e que as boas palavras supram a falta das obras. O *não* e o *sim* são breves de dizer, e pedem muito pensar.

LXXI

Não ser desigual: de proceder anômalo, nem por natureza, nem por afetação. O homem cordo sempre é o mesmo em tudo o que é perfeito, e esse é o crédito do sábio; que sua mudança dependa da mudança das causas e dos méritos. Em matéria de cordura, é feia a variedade. Há alguns que a cada dia são outros de si: neles até o entendimento é desigual, quanto mais a vontade e o procedimento. O que ontem foi o branco de seu *sim* hoje é o negro de seu *não*, desmentindo sempre seu próprio crédito e aturdindo o conceito alheio.

LXXII

Homem de resolução. Menos danosa é a má execução que a irresolução. As matérias não se estragam tanto quando correm como quando se estancam. Há homens que não se determinam e em tudo precisam da influência alheia, o que às vezes não nasce tanto da perplexidade do juízo, pois o têm perspicaz, quanto da ineficácia. O dificultar sói ser engenhoso, porém mais o é achar saída para os inconvenientes. Outros há que em nada se embaraçam, pois têm juízo vasto e determinado; nasceram para sublimes cargos, porque sua desimpedida compreensão facilita o acerto e o despacho; tudo para eles está feito, e, depois de ordenarem um mundo, sobra-lhes tempo para outro, e quando estão certos do bom êxito empenham-se com mais segurança.

LXXIII

Saber deslizar. É como os prudentes se livram de embaraços. Com a galanteria de um donaire costumam sair do mais intrincado labirinto. Furta-se-lhes o corpo airosamente, com um sorriso, da contenda mais difícil. Nisso o maior dos capitães fundava seu valor. Cortês ardil de negar é mudar o sentido das palavras, nem há maior atenção que a de não se deixar entender.

LXXIV

Não ser intratável. Onde há mais gente estão as verdadeiras feras. A inacessibilidade é vício dos desconhecidos de si mesmos, que trocam humores por honores; não é bom caminho para a estima começar enfadando. É de se ver um desses monstros intratáveis sempre em ponto de fereza impertinente! Vão com ele falar os que dele dependem, para sua desdita, como se fossem combater com tigres, tão armados de tento quanto de desconfiança. Para subir ao posto agradaram a todos, e, em nele estando, querem desforrar-se molestando a todos. Tendo de ser de muitos pelo cargo, são de ninguém pela aspereza ou arrogância. Gentil castigo para eles é esquecê-los, furtando-lhes, com o trato, a cordura.

LXXV

Eleger idéia heróica, mais para emulação que para imitação. Há exemplares de grandeza, textos animados pela reputação. Que cada um se proponha os melhores em seu ofício, não tanto para seguir quanto para superar. Alexandre chorou, não por Aquiles sepultado, mas por si mesmo, ainda mal nascido para a glória. Não há coisa que desperte tantas ambições no espírito quanto o clarim da fama alheia. Do mesmo modo como a inveja sufoca, a generosidade alenta.

LXXVI

Não estar sempre a gracejar. Conhece-se a prudência no sério, que tem mais crédito que o engenhoso. Quem está sempre de gracejos não é homem deveras. Comparável aos mentirosos em não se lhes poder dar crédito: a uns por receio de mentira; aos outros, de zombaria. Nunca se sabe quando falam

com juízo, que é o mesmo que não o terem. Não há maior desaire que o contínuo donaire. Outros ganham fama de dizedores e perdem a de cordos. O riso há de ter sua hora: todas as demais são do siso.

LXXVII

Saber acomodar-se a todos. Discreto Proteu: com o douto, douto; com o santo, santo. Grande a arte de todos ganhar, porque a semelhança granjeia benevolência. Observar os gênios e afinar-se ao de cada um; ao sério e ao jovial, seguir-lhes a corrente, fazendo política transformação, forçosa aos que dependem. Esta requer grande sutileza de viver um grande cabedal; menos dificultosa para o varão universal, de engenho em conhecimentos e de gênio em gostos.

LXXVIII

A arte de intentar. A Nescidade sempre entra de roldão, pois todos os néscios são audazes. A mesma simplicidade que os impede primeiro a advertência para o reparo retira-lhes depois o sentimento para os desdouros. Mas a Cordura entra com grande tento: são seus batedores a Advertência e o Recato, que vão descobrindo para proceder sem perigo. Todo Arrojamento é condenado ao despenho pela Discrição, ainda que às vezes a Ventura o absolva. Convém ir devagar onde se teme grande fundura. Que a Sagacidade vá intentando e ganhando chão a Prudência. Hoje são grandes os baixios no trato humano; convém ir sempre calando sonda.

LXXIX

Gênio genial[16]. Se com temperança, é dote, e não defeito. Um grão de galanteria tudo sazona. Os maiores homens também jogam a peça do donaire, que granjeia a graça universal; mas guardando a cordura e salvando o decoro. Outros fazem de uma graça atalho para sair-se de apuros, pois há coisas que se hão de acolher com riso, às vezes as mesmas que o outro mais acolhe com siso. Indica mansidão, fateixa de corações.

LXXX

Atenção ao informar-se. Vive-se o mais de informação: o que vemos é o menos; vivemos da fé alheia: o ouvido é a segunda porta da verdade e a principal da mentira. A verdade de ordinário se vê; extraordinariamente se ouve; raras vezes chega em seu elemento puro, muito menos quando vem de longe; traz sempre alguma mistura dos afetos por onde passa; a paixão tinge com suas cores tudo o que toca, seja odiosa, seja favorável; puxa sempre a impressionar; muito cuidado com quem gaba, maior ainda com quem desgaba. É mister toda a atenção nesse ponto para descobrir a intenção de quem medeia, conhecendo de antemão por que razões é movido. Que a reflexão seja contraste do falto e do falso.

LXXXI

Renovar o fulgor. É privilégio de Fênix; sói a excelência envelhecer, e com ela a fama; o hábito diminui a admiração, e uma novidade medíocre supera uma excelência envelhecida. Use-se, pois, renascer em valor, em engenho, em ventura, em tudo. Empenhar-se em novidades de bravura, amanhecendo muitas vezes, como o sol, variando os teatros do brilho, para que num a privação e noutro a novidade solicitem neste o aplauso, naquele a saudade.

LXXXII

Nunca esgotar o mal nem o bem. À moderação em tudo reduziu um sábio toda a sabedoria. O que é direito demais acaba torto, e a laranja que muito se espreme chega a dar amargor. Mesmo na fruição nunca se há de chegar aos extremos. O próprio engenho se esgota se sangrado, e arrancará sangue em vez de leite quem chegar à última gota do tirano.

LXXXIII

Permitir-se algum venial deslize. Que um descuido costuma ser às vezes a maior recomendação dos dotes. A inveja tem seu ostracismo, tanto mais civil quanto mais criminoso; acusa o muito perfeito de pecar por não pecar, e, por ser perfeito em tudo, condena-o tudo. Faz-se Argos em busca de faltas no muito bom, para consolo ao menos. A censura, como o raio, fere o que mais se alça. Que Homero então às vezes dormite, e afete algum descuido no engenho ou no valor, mas nunca na cordura, para sossegar a malevolência, que não rebente peçonhenta. Será como atirar a capa ao touro da inveja, para salvar a imortalidade.

LXXXIV

Saber usar os inimigos. Para segurar as coisas é mister saber como: não pelo corte, para que firam, mas pela empunhadura, para que defendam; muito mais se diga da emulação. O varão sábio tira mais proveito dos inimigos que o néscio de seus amigos. Uma só malevolência costuma aplanar montanhas de dificuldades que o favor não ousara arrostar. Os malévolos fabricaram a grandeza de muitos. Mais ferina é a lisonja que o ódio, pois este remedeia eficazmente as máculas que aquela dissimula. O cordo usa a ojeriza como espelho, mais fiel que o da afeição, e atalha seus defeitos à detração, ou os emenda; que é grande o recato quando se vive em fronteira com a emulação, com a malevolência.

LXXXV

Não se prodigalizar. O defeito de tudo o que excele é que seu muito uso vem a ser abuso; e, por cobiçaremno todos, todos acabam por se enfadar. Grande infelicidade é o ser para nada, não menor é

querer ser para tudo; estes vêm a perder por muito ganharem, e depois são tão abominados quanto foram desejados. Roçam-se essas manilhas[17] em toda sorte de perfeições, pois, perdendo a primeira estima de carta rara, conseguem ser desprezadas como vulgares. O único remédio para tudo o que se extrema é guardar um meio termo para o alardeio: a demasia deve estar na perfeição, e a temperança na ostentação. Quanto mais brilha uma tocha, mais se consome e menos dura; escassez de aparecimentos é premiada com aumento de valia.

LXXXVI

Prevenir o maldizer. O vulgo tem muitas cabeças, e, assim, muitos olhos para a malícia e muitas línguas para o descrédito. Acontece correr nele alguma palavra malévola que desdoura o maior crédito, e, se chegar a ser apodo vulgar, acabará com a reputação; dá-lhe ensejo comumente algum evidente desaire, risíveis defeitos que são plausível matéria para seus boatos. E também há desdouros que os rivais particulares espalham para a malícia comum, pois há bocas de malevolência que arruínam mais depressa a boa fama com um chiste que com um descaramento. É muito fácil adquirir má fama, porque o mal é crível e custa muito a apagar-se. Recuse-se, pois, o varão cordo a esses desaires, contrastando com uma atenção a insolência vulgar, pois é mais fácil prevenir que remediar.

LXXXVII

Cultura e apuro. O homem nasce bárbaro; redimese de bicho cultivando-se. A cultura faz gente, e mais quanto maior. Graças a ela a Grécia pôde chamar de bárbaro todo o restante do universo. É muito tosca a ignorância: nada cultiva mais que o saber. Porém mesmo a sabedoria é grosseira, se desalinhada. Não só o entender há de ser apurado; também o querer e mais o conversar. Acham-se homens naturalmente apurados, que têm gala interior e exterior, em conceitos e palavras, nos adornos do corpo, que são como a cortiça, e nos dotes da alma, que são o fruto. Outros há, ao contrário, tão grosseiros, que todas as suas coisas, e às vezes eminências, são deslustradas por um intolerável e bárbaro desasseio.

LXXXVIII

Que no trato se cuide do que é elevado, aspirando-se nele à sublimidade. O grande varão não deve ser miúdo em seu proceder. Nunca deve esmiuçar muito as coisas, e menos ainda as de pouco gosto, porque, ainda que seja vantagem tudo notar com descuido, não o é querer tudo averiguar de propósito. Haver-se-á de proceder de ordinário com fidalga generalidade, que é uma espécie de galanteria. Grande parte do governar é dissimular. Deixe-se passar o mais das coisas entre familiares, entre amigos, e mais ainda entre inimigos. Toda nimiedade é enfadonha; na índole é molesta. O ir e vir a um desgosto é uma espécie de mania, e comumente o modo de portar-se de cada um é tal qual seu coração e sua capacidade.

LXXXIX

Compreensão de si: no gênio, no engenho, em ditames, em afetos. Não pode ser senhor de si quem antes não se compreende. Há espelhos do rosto, não os há da alma; seja-o a discreta reflexão sobre si; e, quando alguém se esqueça da imagem exterior, conserve a interior para emendá-la, para melhorá-la. Conheça cada um a força de sua prudência e sutileza para o empreender; pondere cada um seu afã para empenhar-se; meça cada um seu fundo e pese seu cabedal para tudo.

XC

Arte para viver muito: viver bem. Duas coisas acabam depressa com a vida: a nescidade e a ruindade. Perderam-na uns por não a saberem conservar, outros por não querer. Assim como a virtude é prêmio de si mesma, também o vício é castigo de si mesmo. Quem vive a toda a brida no vício acaba depressa de duas maneiras; quem vive a toda a brida na virtude nunca morre. A inteireza do espírito comunica-se ao corpo, e tem-se por longa a vida não só na intensão como também na extensão.

XCI

Obrar sempre sem escrúpulos de imprudência. A suspeita de desacerto em quem executa é evidente já para quem observa, e muito mais se for adversário. Se mesmo no calor da paixão o ditame escrupuliza, desapaixonado, condenará à nescidade declarada. São perigosas as ações em dúvida quanto à prudência; mais segura seria a omissão. A cordura não admite probabilidades; sempre caminha à luz meridiana da razão. Como pode sair-se bem uma empresa que, apenas concebida, já está condenada pelo receio? E se a resolução mais assinalada pelo *nemine discrepante*[18] interior costuma ser infeliz, o que aguarda aquela que começou com titubeios da razão e mal agourada pelo ditame?

XCII

Espírito transcendental em tudo. É a primeira e suma regra do obrar e do falar; mais encarecida quanto maiores e mais altos os cargos; mais vale um grão de cordura que arroubas de sutileza. É um caminho seguro, ainda que não tão aplausível, se bem que a reputação de prudente seja o triunfo da fama. Bastará satisfazer aos cordos, cuja aprovação é a pedra de toque dos acertos.

XCIII

Homem universal. Composto de toda a perfeição, vale por muitos. Torna felicíssimo o viver, comunicando essa fruição aos próximos. Variedade com perfeição é entretenimento da vida. Grande arte é saber fruir tudo o que é bom, e assim como a natureza fez do homem um compêndio de todas as excelências naturais, que a arte faça dele um universo, pelo exercício e a cultura do gosto e do entendimento.

XCIV

Incompreensibilidade do cabedal[19]. Recuse-se o varão avisado a que lhe sondem o fundo, seja do saber, seja do valer, se quiser que todos o venerem; permita-se ao conhecimento, não à compreensão. Que ninguém averigúe os termos de sua capacidade, pelo evidente perigo do desengano. Nunca se dê a ninguém o ensejo de tudo alcançar: produzem maiores efeitos de veneração a opinião e a dúvida acerca de até onde chega o cabedal de cada um do que a evidência dele, por maior que seja.

XCV

Saber manter a expectação, cevando-a sempre; que o muito prometa mais e que a melhor ação seja envidar maiores ações. Não se mostre todo o resto no primeiro lance; grande ardil é saber temperar-se nas forças, no saber, e ir avançando o desempenho.

XCVI

Da grande sindérese. É o trono da razão, base da prudência, com a qual custa pouco o acertar. É dádiva do céu e a mais desejada, por ser primeira e melhor. É a primeira peça do arnês, e tão necessária, que por nenhuma outra que lhe faltasse um homem seria denominado falto. O que mais se nota é o seu menos. Todas as ações da vida dependem de sua influência, e todas requerem sua qualificação, pois tudo há de ser feito com siso. Consiste numa propensão conatural a tudo o que mais se conforme à razão, casando-se sempre com o mais acertado.

XCVII

Alcançar e conservar a reputação. É o usufruto da fama. Custa muito, porque nasce das eminências, que são tão raras quanto são comuns as mediocridades. Alcançada, conserva-se com facilidade. A muito obriga e mais faz. É uma espécie de majestade quando chega a ser veneração, pela sublimidade de sua causa[20] e de sua esfera; mas a reputação que se funda na substância foi a que sempre valeu.

XCVIII

Cifrar a vontade. As paixões são as seteiras do espírito. O mais prático consiste em dissimular. Corre o risco de perder quem joga jogo aberto. Que a detença do recatado compita com a atenção do advertido; a linces da palavra, sibas de interioridade. Que não lhe conheçam o gosto, para que não se previnam, uns para a contradição, outros para a lisonja.

XCIX

Realidade e aparência. As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem; são raros os que olham por dentro, e muitos os que se satisfazem com o aparente. Não basta ter razão com cara de malícia.

C

Varão esclarecido: cristão sábio, cortesão filósofo; mas não o demonstre, muito menos o afete. Está desacreditado o filosofar, mesmo sendo exercício maior dos sábios. Vive desautorizada a ciência dos cordos. Foi introduzida por Sêneca em Roma; conservou-se algum tempo cortesã; já é tida por impertinência. Mas o esclarecimento sempre foi pasto da prudência, delícias da inteireza.

CI

A metade do mundo está rindo da outra metade, e todos são néscios. Ou tudo é bom, ou tudo é mau, segundo os votos. O que este segue aquele persegue. Insofrível néscio é quem quer regular todo feito por seu conceito. As perfeições não dependem do agrado de um só. Tantos são os gostos quantos os rostos, e tão variados. Não há senão sem paixão, nem se há de perder a confiança porque as coisas não agradam a uns, pois não faltarão outros que as apreciem. E que tampouco o aplauso destes lhe seja motivo de convencimento, pois outros o condenarão. A norma do verdadeiro contentamento consigo mesmo é a aprovação dos varões de reputação, e que têm direito de voto naquela ordem de coisas. Não se vive de uma só opinião, de um só uso, de um só século.

CII

Estômago para os grandes bocados da sorte. No corpo da prudência não é menos importante um grande bucho, pois de grandes partes se compõe um grande volume. Não se enleia com uma boa sorte quem merece outras maiores; o que é empanzinamento em uns é fome em outros. Há muitos a quem faz mal qualquer grande manjar pela pequenez de sua natureza, não acostumada nem nascida para tão sublimes empregos; dêem-lhe acesso a tratos, e, com os fumos que se erguem da postiça honra, acaba por se desvanecer sua cabeça; correm grande perigo nos lugares altos, e não cabem em si porque não lhes cabe a sorte. Que o grande homem mostre, pois, que ainda lhe sobra lugar para coisas maiores e fuja com especial cuidado de tudo o que possa dar indício de estreiteza de coração.

CIII

A cada um, a majestade a seu modo. Que todas as ações sejam, se não de rei, dignas de tal, segundo sua esfera; o proceder de rei, dentro dos limites da própria sorte, é sublimidade de ações, elevação de pensamentos. E em todas as coisas represente um rei por méritos, quando não por realidade, pois a verdadeira soberania consiste na inteireza de costumes. Não terá por que invejar a grandeza quem puder

ser norma para ela. Que especialmente os chegados ao trono dele peguem algo da verdadeira superioridade, participem antes dos merecimentos da majestade que das cerimônias da vaidade, sem que se mostre a deformidade da inchação, mas o realçado da substância.

CIV

Tomar o pulso aos ofícios. Que são variados: exigem magistral conhecimento e advertência. Uns pedem valor, outros sutileza. São mais fáceis de manejar os que dependem da retidão, e mais difíceis os que dependem do artifício. Quem tem boa natureza não precisa de mais para aqueles; para estes não bastam toda atenção e todo desvelo. Trabalhosa ocupação é governar homens, ainda mais se loucos ou néscios. Há de se ter siso em dobro para tratar com quem não o tem. Ofício intolerável é o que demanda todo um homem, com horas contadas e matéria constante. Melhores são os livres de fastio, que juntam variedade e gravidade, porque a alternância restaura o gosto. Os mais respeitáveis são os que têm menos dependência, ou mais distante; e o pior é o que no fim arranca suor na morada humana, e mais ainda na divina.

CV

Não cansar. Costuma ser cansativo o homem de um só negócio e de uma só conversação. A brevidade é lisonjeira e ainda mais negociante. Ganha por ser cortês quem perde por ser breve. O bom, se breve, é duas vezes bom. E mesmo o mau, se pouco, não é tão ruim. Mais obram as quintessências que as mixórdias. E é verdade conhecida que homem de arengas raramente é entendido, não tanto no material que expõe quanto no formal de seu discurso. Há homens que servem mais de estorvo que de adorno do universo, alfaias perdidas, de que todos desviam. Que o discreto escuse estorvar, muito menos as grandes personagens, que vivem muito ocupadas, e seria pior desabrir-se com uma delas do que com todo o restante do mundo. Diz-se bem o que se diz depressa.

CVI

Não alardear boa sorte. Mais ofende ostentar a dignidade[21] que a pessoa. Fazer-se de grande homem é odioso: bastaria ser invejado. Quanto mais se busca estima menos se a consegue. Ela depende do respeito alheio, e, assim, não pode ser tomada, mas merecida e aguardada. Os grandes cargos demandam autoridade ajustada a seu exercício, sem o que não podem ser dignamente exercidos. Conserve a que merece para cumprir com o substancial de suas obrigações: não a esgote, ajude-a sim; e todos os que se fazem de aquinhoados no cargo dão indício de que não o mereciam, e que a dignidade a tudo se sobrepõe. Quem quiser ter merecimentos, que seja antes pela eminência de seus dotes que pelo adventício, pois até um rei há de ser mais venerado pela sua pessoa que pela extrínseca soberania.

CVII

Não mostrar satisfação consigo mesmo. Viva, nem descontente, que é pouquidade, nem satisfeito consigo mesmo, que é nescidade. Nasce essa satisfação no mais das vezes da ignorância, e vai ter numa felicidade néscia que, embora satisfaça o gosto, não sustenta o crédito. Como não percebe as superlativas perfeições nos outros, contenta-se com qualquer vulgar mediocridade em si. Sempre foi útil, além de prudente, a desconfiança, ou como prevenção para que as coisas saiam bem, ou para consolo quando saiam mal; pois o desaire da sorte não surpreende quem já o temia. O próprio Homero às vezes dormita, e Alexandre cai de seu estado e de seu engano. As coisas dependem de muitas circunstâncias, e a que triunfa num lugar e em tal ocasião, em outra malogra. Mas a incorrigibilidade do néscio está em ter convertido em flor a mais vã satisfação, cuja semente está sempre brotando.

CVIII

Caminho para tornar-se homem de valor: saber rodear-se. É muito eficaz o trato humano; comunicam-se os costumes e os gostos, nele se transmite o gênio e também o engenho, sem sentir. Por isso, procure o ágil juntar-se ao comedido, e assim os demais gênios; com isso conseguirá a temperança sem constrangimento. É de grande destreza saber temperar-se. A alternância de contrários aformoseia o universo e o sustenta, e, se causa harmonia no que é natural, maior ainda no que é moral. Valha-se dessa sagaz advertência na escolha de amigos e de fâmulos, pois com a comunicação dos extremos se há de ajustar um meio razoável.

CIX

Não ser incriminador. Há homens de gênio fero: de tudo fazem delito, e não por paixão, mas por natureza. A todos condenam, a uns porque fizeram, a outros porque farão. Indica ânimo, mais que cruel, vil, pois incriminam com tal exagero que de um argueiro fazem traves para arrancar olhos. Comitres em todos os postos, transformam em galé o que poderia ser o Elísio. Mas, se de permeio há paixão, de tudo fazem extremos. Ao contrário, a ingenuidade para tudo acha saída, se não por intenção, por inadvertência.

CX

Não esperar até ser sol poente. É máxima do cordo deixar as coisas antes que elas o deixem. Que se saiba converter em triunfo o próprio fenecer, pois às vezes mesmo o sol, ainda brilhante, costuma retirar-se numa nuvem para que não o vejamos cair, e nos deixa suspensos, não sabendo se ele se pôs ou não. Furte-se aos ocasos para não rebentar[22] de desdouros; não espere que lhe voltem as costas, porque o sepultarão vivo para o sentimento e morto para a estima. O atilado dispensa a tempo o cavalo que corre, e não espera que, caindo, faça erguerse o riso em meio à corrida; que a beleza quebre o espelho com tempo e com astúcia, e não com impaciência depois, ao ver seu desengano.

CXI

Ter amigos. É o segundo ser. Todo amigo é bom e sábio para o amigo. Entre eles tudo acaba bem. Cada um deles valerá tanto quanto quiserem os demais, e para que queiram é mister ganhar-lhes a boca pelo coração. Não há feitiço como o bom serviço, e para ganhar amizades o melhor meio é fazê-las. Dos outros depende o que mais e melhor temos. Tem-se de viver com amigos ou com inimigos: que cada dia se diligencie para conseguir um, ainda que não íntimo, afeiçoado; pois alguns, passando pelo acerto da escolha, depois ficam como confidentes.

CXII

Ganhar as boas mercês. Pois mesmo a primeira e suprema causa, em seus maiores assuntos, antecede-as e as dispõe. Pela simpatia chega-se ao conceito. Alguns se fiam tanto no valor que desestimam a diligência; mas o atento bem sabe que são grandes os rodeios quando só há méritos, se estes não são ajudados pelo favor. Tudo é facilitado e suprido pela benevolência; que nem sempre supõe dotes, mas os põe, como valor, inteireza, sabedoria e até discrição; nunca vê fealdades, porque não lhe agradaria vê-las. Nasce ordinariamente da equivalência material de gênio, nação, parentesco, pátria e emprego. A equivalência formal é a mais sublime, de dotes morais, obrigações, reputação, méritos. Toda a dificuldade está em ganhá-la, pois com facilidade se conserva. Pode-se diligenciar por consegui-la e saber valer-se dela.

CXIII

Na sorte próspera prevenir-se para a adversa. De bom alvitre é no estio fazer a provisão para o inverno, e com mais comodidade; são baratos então os favores, há abundância de amizades. Bom é guardar para o mau tempo, que a adversidade é cara e carecente de tudo. Que haja retém de amigos e agradecidos, pois algum dia se dará apreço ao de que hoje não se faz caso. A vilania nunca tem amigos na prosperidade porque os desconhe-ce; na adversidade, são eles que a desconhecem.

CXIV

Nunca competir. Toda pretensão com oposição prejudica o crédito; a competição tira logo a desdourar, para deslustrar. São poucos os que fazem boa guerra. A emulação descobre os defeitos que a cortesia esqueceu; muitos viveram acreditados enquanto não tiveram adversários. O calor da contestação aviva ou ressuscita infâmias mortas, desenterra hediondezas passadas e antepassadas. Começa a competição com manifestos de desdouros, socorrendo-se de tudo o que pode e não deve; e, ainda que às vezes, e no mais das vezes, as ofensas não sejam armas proveitosas, delas tira vil satisfação para sua vingança, e esta sacode com tais ares que faz saltar pelos desares o pó do esquecimento. Sempre foi pacífica a benevolência e benévola a reputação.

CXV

Afazer-se às más disposições do próximo, assim como aos maus semblantes, é conveniência sempre que medeia dependência. Há gênios feros com os quais não se pode viver, nem sem eles. É, pois, de grande ardil ir-se acostumando, assim como à fealdade, para que não surpreenda a terribilidade das ocasiões. Na primeira vez espantam, mas pouco a pouco perde-se deles o primeiro horror, e a reflexão previne os desgostos ou os tolera.

CXVI

Tratar sempre com gente de preceitos. Pode-se ter obrigações com eles e obrigá-los. Seus próprios preceitos são a maior fiança de seu trato, mesmo para contender, pois obram como quem são, e mais vale brigar com gente de bem que triunfar de gente de mal. Não há bom trato com a ruindade, porque não se acha obrigada à inteireza; por isso, entre ruins nunca há verdadeira amizade, nem é de lei a fineza, pois não se deve à honra. Renegue sempre o homem que não a tem, pois quem não a estima não estima a virtude, e a honra é o trono da inteireza.

CXVII

Nunca falar de si mesmo. Quem fala de si ou se há de gabar, o que é vaidade, ou se há de vituperar, o que é pouquidade, e sendo culpado de falta de cordura quem fala, a pena é de quem ouve. Se isso é de se evitar entre próximos, muito mais em postos sublimes, onde se fala em público, e passa por nescidade tudo o que se pareça com ela. A mesma falta de cordura está em falar dos presentes, pelo perigo de dar em um dos dois escolhos: lisonja ou vitupério.

CXVIII

Ganhar fama de cortês: o que basta para ter aplausos. A cortesia é a principal parte da cultura, espécie de feitiço, que granjeia as graças de todos, assim como a descortesia granjeia o desprezo e o enfado de todos. Se nasce da soberba, é abominável; se da grosseria, é digna de menosprezo. A cortesia sempre há de ser mais que menos, porém não igual, que degeneraria em injustiça: tem-se por devida entre inimigos, para que se veja seu valor. Custa pouco e vale muito: quem honra é sempre honrado. A galanteria e a honra têm a vantagem de permanecerem: aquela em quem a usa, esta em quem a faz.

CXIX

Não fazer por querer-se mal. Não se deve provocar aversão, pois, mesmo que não se queira, ela se adianta. Muitos há que odeiam à toa, sem saber como nem por quê. A malevolência antecede o respeito. A irascível é mais eficaz e pronta para o dano que a concupiscível para o proveito. A alguns apetece estar de mal com todos, por gênio molesto ou molestado. E, uma vez apossado o ódio, assim como o mau conceito, é difícil de extinguir-se. Costuma-se temer os judiciosos, abominar os maldizentes, sentir asco

dos presumidos, ter horror aos intrometidos, abandonar os singulares. Mostre, pois, estimar para ser estimado; e quem quer fazer casa faz caso.

CXX

Viver de modo prático. Até o saber há de estar em uso, e, onde não se usa, é preciso saber fazer-se de ignorante. Mudam com o tempo o falar e o gostar. Não se deve falar ao modo antigo, e deve-se gostar do que é moderno. O gosto dos cabeças é a última palavra em toda ordem de coisas. É o que deve ser seguido então, e melhorado à perfeição: que o cordo se acomode ao presente, ainda que o passado lhe pareça melhor, tanto nos adornos da alma quanto nos do corpo. Só na bondade não vale essa regra de vida, pois sempre se há de praticar a virtude. Já se desconhece, parecendo coisa de outros tempos, o dizer a verdade, manter a palavra; e os varões de bem parecem feitos ao modo dos bons tempos, apesar de sempre amados; de tal sorte que, se alguns há, não são usados nem imitados. Oh, grande infelicidade deste século ter a virtude por estranha e a malícia por comum! Viva o discreto como pode, se não como gostaria. Considere melhor o que a sorte lhe concedeu do que o que lhe negou.

CXXI

Não levar em conta o que não conta. Assim como há alguns que de nada fazem caso, outros há que fazem caso de tudo. Sempre falam com importância, tudo tomam a sério, reduzindo tudo a pendência e a mistério. Poucas coisas de enfado se hão de tomar a sério, pois seria empenhar-se à toa. É trocar tudo, tomar a peito aquilo que se há de atirar atrás das costas. Muitas coisas que eram algo, deixadas, foram nada; e outras que eram nada, por se ter feito caso delas, foram muito. No princípio é fácil dar fim a tudo, depois não. Muitas vezes o próprio remédio cria a enfermidade. Nem é a pior regra do viver o deixar estar.

CXXII

Ser senhoril no dizer e no fazer. Abre caminho em todos os lugares e ganha de antemão o respeito. Em tudo influi: no conversar, no orar, até no andar e mesmo no olhar, no querer. É grande vitória ganhar os corações; não nasce de tola intrepidez, nem de enfadonho entretenimento, mas sim de uma decente autoridade nascida do gênio superior e ajudada pelos méritos.

CXXIII

Homem sem afetação. Quanto mais qualidades, menos afetação, que costuma ser vulgar desdouro de todas elas. A afetação é tão enfadonha para os demais quanto penosa para quem a sustenta, porque vive mártir do cuidado e atormenta-se com a precisão. Com ela perdem méritos até as eminências, que se consideram nascidas mais da artificiosa violência que da livre natureza, e tudo o que é natural sempre foi

mais grato que o artificial. Os afetados são tidos por estranhos ao que afetam. Quanto melhor se faz uma coisa mais se há de desmentir a indústria, para que vejam que a perfeição vem do natural. Tampouco para fugir à afetação se há de nela dar, afetando não afetar. Nunca o discreto deve mostrar-se conhecedor de seus méritos, pois o próprio descuido desperta nos outros a atenção. É duas vezes eminente quem encerra todas as perfeições em si e nenhuma em sua própria estima; e por esse caminho chega ao termo da aplausibilidade.

CXXIV

Chegar a ser querido. Poucos conseguiram tanta mercê das pessoas; e se dos cordos, felicidade. É comum o arrefecimento com os que acabam. Há modos de merecer esse prêmio de afeição: a eminência no cargo e nos dotes é meio seguro; o agrado, eficaz. Depende da eminência, de tal modo que se note que o cargo precisou dele, e não ele do cargo: uns honram seus postos, outros são honrados por eles. Não há vantagem em ser bom porque sucedeu um ruim, pois isso não é ser querido absolutamente, mas é ser o outro detestado.

CXXV

Não ser livro de registros. Sinal de ter arruinado a própria fama é cuidar da infâmia alheia: alguns gostariam de, com as manchas dos outros, dissimular as suas, se não as lavar; ou então se consolam com elas, num consolo de sandeu. Cheira-lhes mal a boca, pois são a cloaca das imundícias civis. Nesses assuntos, quanto mais se escava mais se enlameia; poucos escapam de algum defeito original, de uma espécie ou de outra. Não são conhecidas as faltas nos pouco conhecidos: que o prudente fuja de ser registro de infâmias, pois isso é ser modelo abominado e, embora vivo, sem alma.

CXXVI

Não é néscio quem comete a nescidade, mas aquele que, cometendo-a, não a sabe encobrir. Se é mister ocultar as qualidades, que dizer de imperfeições? Todos os homens erram, mas com uma diferença: os sagazes desmentem as faltas cometidas, os néscios mentem sobre as que vão cometer. A reputação consiste mais no recato que no feito, e quem não é casto seja cauto[23]. Os descuidos dos grandes homens são mais notados, como eclipses dos luminares maiores. Seja exceção da amizade não lhe confiar defeitos; nem, se possível for, a si mesmo; mas aqui pode valer aquela outra regra do viver, que é saber esquecer.

CXXVII

Despejo[24] *em tudo.* É a vida dos dotes, alento do falar, alma do fazer, distinção das distinções. As demais perfeições são ornatos da natureza, mas o despejo é o ornato das perfeições. Até no discorrer se

o percebe. É mais um privilégio, deve menos ao estudo, pois mesmo à disciplina é superior; passa de facilidade e quase chega a nobreza; supõe desembaraço e acresce perfeição. Sem ele, toda a beleza é morta, e toda a graça, sem graça; é transcendental ao valor, à discrição, à prudência, à própria majestade. É político atalho na decisão, civilizado modo de sair-se dos empenhos.

CXXVIII

Grandeza de espírito. É dos principais requisitos do herói, porque inflama todos os gêneros de grandeza: realça o gosto, engrandece o coração, eleva o pensamento, enobrece a condição e dispõe a majestade. Onde quer que se ache se sobreleva, e, mesmo quando é desmentida pela inveja da sorte, morde-se por campear, dilata-se na vontade, ainda que na possibilidade se constranja. Reconhecem-na por fonte a magnanimidade, a generosidade e todos os dotes heróicos.

CXXIX

Nunca se queixar. A queixa sempre traz descrédito; mais serve de motivo de atrevimento à paixão que de consolo à compaixão; abre caminho a quem a ouve para fazer o mesmo, e o conhecimento do agravo do primeiro é a desculpa do segundo. Alguns, com suas queixas por ofensas passadas, dão ensejo às vindouras, e, pretendendo remédio ou consolo, induzem a complacência e mesmo o desprezo. Melhor política é celebrar obrigações de uns para incitar empenhos de outros, e relatar favores dos ausentes é solicitá-los dos presentes, é vender crédito de uns a outros. Que o varão atilado nunca publique desaires nem defeitos, mas sim estimas, que servem para ter amigos e conter inimigos.

CXXX

Fazer e fazer parecer. As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem. Valer e saber mostrar é valer duas vezes: o que não se vê é como se não existisse. Nem mesmo a razão é venerada quando não tem cara de razão. São muito mais os enganados que os advertidos; o engano prevalece, e as coisas são julgadas por fora. Há coisas que são outras, e não o que parecem. A boa exterioridade é a melhor recomendação da perfeição interior.

CXXXI

Galanteria de condição. As almas têm sua nobreza, galhardia do espírito, com cujos atos galantes fica airoso o coração. Não cabe em todos, porque supõe magnanimidade. Primeiro ponto seu é falar bem do inimigo e obrar melhor; mostra-se melhor nos lances da vingança: não se lhes furta, mas melhora-os, convertendo a vingança, quando mais vitoriosa, numa inopinada generosidade. É política também, ornamento da razão de Estado. Nunca afeta vitórias, porque nada afeta, e quando o merecimento as alcança, dissimula-as a modéstia.

CXXXII

Pensar e repensar. Apelar para o reexame é de segurança, mais ainda quando não é evidente a satisfação. Ganhar tempo, para conceder ou para se melhorar. Oferecem-nos novas razões para confirmar e corroborar a decisão: se é em assunto de dar, preza-se mais a dádiva em virtude da prudência que pelo gosto da presteza; sempre foi mais estimado o que foi desejado. Se for mister negar, fica lugar para o modo, e para amadurecer o *não*, que seja mais sazonado. E, no mais das vezes, passado o primeiro calor do desejo, não se sente depois a sangue frio o desaire do negar. A quem pede pressa, conceda-se tarde, que é ardil para poder distrair a atenção.

CXXXIII

Antes louco com todos que avisado sozinho, dizem os políticos. Pois, se todos o são, ninguém perderá; e se a cordura for solitária, será tida por loucura. Portanto importará seguir a corrente: o maior saber, às vezes, é não saber, ou fingir não saber. Mister é viver com todos, e os ignorantes são maioria. Para viver a sós há de ter-se ou muito de Deus ou tudo de bicho; mas eu moderaria o aforismo dizendo: "Antes cordo com a maioria que louco sozinho." Alguns querem ser singulares nas quimeras.

CXXXIV

Dobrar os requisitos para a vida. É dobrar o viver. Não se deve depender de uma única coisa, nem se limitar a uma coisa só, ainda que excelente: tudo há de ser dobrado, e mais ainda as causas do proveito, do favor, do gosto. É transcendente a mutabilidade da lua, término da permanência, e ainda mais as coisas que dependem de humana vontade, que é quebradiça. Valha contra a fragilidade o retém, e seja grande regra da arte de viver dobrar as circunstâncias do bem e da comodidade. Assim como a natureza dobrou os membros mais importantes e mais sujeitos a risco, também a arte dobra aquilo de que se depende.

CXXXV

Não tenha espírito de contradição, que é cumular-se de nescidade e agastamento. Contra ele conjure-se a cordura: pode ser bem engenhoso tudo dificultar, mas o porfioso não escapa de ser néscio. Fazem eles peleja da doce conversão, e assim são mais inimigos dos amigos do que daqueles com quem não tratam. No mais saboroso bocado sente-se mais a espinha que se lhe atravessa, e essa é a contradição dos bons momentos. São néscios perniciosos, que à besta ajuntam a fera.

CXXXVI

Situar-se bem nos assuntos, tomar logo o pulso dos negócios. Vão-se muitos ou pelas ramas de um

discorrer inútil ou pelas folhas de uma cansativa verbosidade, sem topar com a substância do caso; dão cem voltas rodeando um ponto, cansando-se e cansando, e nunca chegam ao centro de importância. Procede isso de entendimentos confusos, que não sabem desembaralhar-se. Gastam o tempo e a paciência no que deveriam deixar de lado, e depois não os há para o que deixaram.

CXXXVII

Que o sábio baste a si mesmo. Ele era todas as suas coisas, e, levando a si, levava tudo. Se um amigo universal basta para fazer Roma e todo o resto do universo, que cada um seja esse amigo de si mesmo, e poderá viver sozinho. Quem lhe poderá fazer falta, se não há maior conceito nem maior gosto que o seu? Dependerá de si apenas, que é felicidade suprema semelhar a entidade suprema. Quem puder passar assim sozinho nada terá de bruto, mas muito de sábio e tudo de Deus.

CXXXVIII

Arte de deixar estar. E ainda mais quando está revolto o mar comum ou familiar. Há torvelinhos no trato humano, tempestades de vontade: então é prudente retirar-se ao porto seguro que dá vau. Muitas vezes os males pioram com os remédios. Deixe-se a natureza obrar ali, e aqui a moralidade; o sábio médico há de tanto saber para receitar quanto para não receitar, e às vezes a arte consiste mais em não aplicar remédios. Que o modo de sossegar torvelinhos populares seja dar de mão e deixar sossegar; ceder ao tempo agora será vencer depois. Uma fonte com pouca inquietação turva-se; não se voltará a serená-la procurando fazê-lo, mas deixando-a estar. Não há melhor remédio para os desacertos que deixá-los passar, pois assim caem por si mesmos.

CXXXIX

Conhecer o dia aziago, que os há. Nada sairá bem, e, ainda que se varie o jogo, não se varia a má sorte. Com dois lances convém conhecê-la e retirar-se, advertindo se aquele dia é favorável ou não. Até para o entendimento há vez, pois ninguém soube em todas as horas. É ventura acertar no discorrer, assim como no escrever bem uma carta. Todas as perfeições dependem de sazão. Nem sempre a beleza está de vez. A própria discrição se dissimula, ora cedendo, ora excedendo; e tudo, para sair bem, tem de estar em seu dia. Assim como em alguns dias tudo sai mal, em outros tudo sai bem e com menos diligência: tudo se acha feito, o engenho está de vez, o gênio com têmpera e tudo em boa estrela. Então convém aproveitar e não desperdiçar a menor partícula. Mas que o homem judicioso não sentencie definitivamente, julgando-o mau por um azar que viu, ou, ao contrário, bom, pois aquele pode ter sido um dissabor e este um acaso.

CXL

Topar logo com o que é bom em cada coisa. É ventura do bom gosto. A abelha vai sem tardança à doçura para criar o favo, e a víbora à amargura, para o veneno. Assim nos gostos, uns vão ao melhor e outros ao pior. Não há coisa que não tenha algo de bom, ainda mais se é livro, pelo que foi pensado. É, pois, tão enxabido o gênio de alguns, que entre mil perfeições toparão com um só defeito que houver, e esse censurarão e alardearão: recolhedores das imundícias de vontades e de entendimento, cumulam censuras e defeitos, o que é mais castigo por sua desestima que emprego de sua sutileza. Passam mal a vida, pois estão sempre a cevar-se de amarguras, e servem-lhes de pasto as imperfeições. Mais feliz é o gosto de outros que, entre mil defeitos, toparão logo com uma única perfeição, caída ao acaso.

CXLI

Não se escutar. Pouco aproveita agradar a si mesmo se não se contentam os demais, e de ordinário o desprezo comum castiga a satisfação consigo mesmo. Quem se paga de si mesmo é de todos devedor. Querer falar e ouvir-se não cai bem; e, se é loucura falar-se a sós, escutar-se diante dos outros é loucura dobrada. Vício de alguns senhores é falar com o bordão "falei bem?" e aquele "hem?" que aporreia os que escutam: a cada razão, empinam as orelhas para aprovações ou lisonjas, conferindo a cordura. Também os cheios de si falam com eco, e, como sua conversação anda em chapins de arrogância, a cada palavra solicita o enfadonho socorro do néscio "falou bem!".

CXLII

Nunca tomar o pior partido por teima, por ter o adversário se adiantado e escolhido o melhor. Já se começa vencido, e assim será preciso ceder desairado. Nunca se vingará o bem com o mal. Foi astúcia do adversário anteciparse e ir ao melhor, e sandice opor-se-lhe depois com o pior. Esses obstinados de obras são mais porfiados que os de palavra, porquanto o risco aumenta desde o fazer até o dizer. Vulgaridade de teimoso é não reparar na verdade só para contradizer, nem na utilidade só para litigar. O atilado está sempre do lado da razão, não da paixão, ou antecipando-se antes ou emendando-se depois, pois, se o adversário é néscio, por esse mesmo motivo mudará de rumo, passando para a parte contrária, com o que piorará de partido. Para tirá-lo do melhor, o único remédio é abraçar o melhor, pois sua nescidade o fará deixá-lo, e sua teima servirá de desempeço.

CXLIII

Não dar no paradoxo para fugir do vulgar. Os dois extremos são do descrédito. Todo assunto que desdiz da gravidade é espécie de nescidade. O paradoxo é certo engano aplausível no princípio, que admira pela novidade e pelo que tem de picante; mas depois, com o desengano de sair-se mal, fica desairoso. É uma espécie de embuste e, em matérias políticas, ruína dos Estados. Os que não podem chegar ao heroísmo, ou a isso não se atrevem, pelo caminho da virtude, tomam o do paradoxo, causando admiração nos néscios e parecendo verdadeiros a muitos homens cordos. Demonstra intemperança de ditames, por isso tão oposto à prudência, e se, às vezes, não se funda no que é falso, funda-se pelo menos

no que é incerto, com grande risco para o que é importante.

CXLIV

Entrar com a dos outros para sair com a sua. É estratagema do conseguir; mesmo em assuntos do Céu os mestres cristãos encomendam essa santa astúcia. É um importante dissímulo, pois serve de isca a utilidade concebida para conquistar uma vontade: parece a alguém que adiante vai a sua utilidade, mas é só para abrir caminho à pretensão do outro: nunca se deve entrar como desatinado, muito menos onde há fundo de perigo. Também com gente cuja primeira palavra costuma ser "não" convém dissimular o tiro, para que não se encontre a dificuldade no conceder; muito mais quando se pressente a aversão. Este aviso cabe aos de segundas intenções, todos de quintas sutilezas.

CXLV

Não expor o dedo machucado, pois tudo irá bater ali. Não se queixar dele, pois a malícia sempre bole onde a fraqueza dói. De nada servirá espicaçar-se, a não ser de espicaçar o gosto do entretenimento: a má intenção vai à cata do defeito que porá em destaque; lança farpas para achar o sentimento: faz provas de mil modos até chegar ao vivo[25]. Que o atilado nunca se dê a conhecer nem exponha seu mal, pessoal ou herdado, pois até a sorte se deleita às vezes a ferir onde mais há de doer. Sempre mortifica no vivo; por isso não se há de expor nem o que mortifica nem o que vivifica; um para que acabe, outro para que dure.

CXLVI

Olhar por dentro. Ordinariamente mostram ser as coisas bem diferentes do que pareciam, e a ignorância, que não passou da casca, converte-se em desengano ao penetrar no interior. A Mentira é sempre a primeira em tudo; arrasta os néscios por infinda vulgaridade. A Verdade sempre chega por último e tarde, coxeando com o Tempo. Os cordos lhe reservam a outra metade da potência, que a mãe comum[26] sabiamente duplicou. O Engano é muito superficial, e com ele logo topa quem o é também. O Acerto vive retirado em seu interior, para ser mais estimado por sábios e discretos.

CXLVII

Não ser inacessível. Ninguém há tão perfeito que por vezes não necessite de advertência. É néscio sem remédio quem não escuta. O mais emancipado há de permitir o amigável aviso; nem a soberania há de excluir a docilidade. Há homens irremediavelmente inacessíveis, que se abismam porque ninguém ousa chegar-se para detê-los. O mais íntegro há de ter uma porta aberta para a amizade, e será a do socorro. Há de ter lugar um amigo para poder com desembaraço avisá-lo e mesmo castigá-lo. A satisfação há de estar nessa autoridade e no grande conceito de sua fidelidade e prudência. Não é a todos

que se deve facilitar o respeito e o crédito, mas tenha no escaninho de seu recato o fiel espelho de um confidente, a quem deva e estime a correção no desengano.

CXLVIII

Ter a arte de conversar, em que se mostra o que é. Em nenhum exercício humano se requer mais a atenção, por ser o de mais usança no viver. Nisso está o perder ou o ganhar, pois, se é necessária a advertência para escrever uma carta, por ser conversação pensada e escrita, quanto mais na conversação comum, onde logo se faz o exame da discrição! É na língua que os experimentados tomam o pulso da alma, e por isso disse o sábio: "Fala, se queres que te conheça." Para alguns, a arte da conversação é falar sem arte, e o falar há de ser folgado como o vestir; entende-se isso entre amigos, mas, quando há respeito, a conversação deve ser mais substancial e indicar a muita substância da pessoa. Para ser aceita, há de ser ajustada ao gênio e ao engenho dos que dela participam; ninguém se há de mostrar censor de palavras, pois será tido por gramático; muito menos fiscal das razões, porque todos se furtarão a seu trato e lhe vedarão a comunicação. A discrição no falar importa mais que a eloqüência.

CXLIX

Que os males declinem para outro: ter escudos contra a malevolência é grande ardil dos que governam. Não nasce da incapacidade, como pensa a malícia, mas de indústria superior, o ter sobre quem recaia a censura dos desacertos e o castigo comum da murmuração. Nem tudo pode sair bem, nem a todos se pode contentar. Que haja, pois, um testa-de-ferro, terreno de infelicidades à custa de sua própria ambição.

CL

Saber vender suas coisas. Não basta a intrínseca bondade das coisas, pois nem todos mordem a substância nem olham por dentro. A maioria acorre aos lugares a que outros concorrem, vão porque vêem que outros vão. É grande parte do artifício saber conferir crédito, umas vezes celebrando, pois a louvação é instigadora de desejos; outras dando bom nome, que é um grande modo de exalçar, mas sempre evitando a afetação. Destinar as coisas só para entendidos é aguilhão para todos, porque todos assim se crêem, e, quando não, a privação acicata o desejo. Nunca se há de conferir fama de fáceis ou de comuns aos assuntos, pois isso é fazê-los passar mais por vulgares que por fáceis. A todos pica o singular, por ser mais apetecível, tanto ao gosto quanto ao engenho.

CLI

Pensar antecipado. Hoje para amanhã e ainda para muitos dias. A maior providência é ter horas dela; para prevenidos não há acasos, nem para apercebidos apertos. O discurso não há de esperar o

afogo, há de vir de antemão; que o momento mais cru seja prevenido pela madureza do repensar. O travesseiro é uma Sibila muda, e dormir sobre coisas prontas vale mais que acordar debaixo delas. Alguns obram e depois pensam: isso mais é procurar escusas que conseqüências; outros, nem antes nem depois. Toda a vida há de ser pensar para acertar o rumo. O repensar e a providência dão meio de viver antecipado.

CLII

Nunca se acompanhe de quem possa desluzi-lo: tanto por mais quanto por menos. Quem excede em perfeição excede em estima e estará sempre no primeiro papel, estando o outro em segundo; e, se este alcançar algum apreço, serão as sobras daquele. A lua reluz enquanto é uma entre as estrelas, mas, em saindo o sol, ou não aparece ou desaparece. Nunca se arrime a quem o eclipse, mas a quem o exalce. Desse modo pôde parecer formosa a prudente da Fábula de Marcial[27]e brilhar entre a fealdade e o desalinho de suas donzelas. Tampouco se há de correr o perigo de mal se rodear, nem de honrar os outros à custa do próprio crédito. Para fazer-se, ande com os eminentes; em feito, com os medianos.

CLIII

Fuja de entrar a encher grandes vazios. E quem nisso se empenha tenha segurança do excesso. É mister dobrar o valor para igualar o do passado. Assim como está o ardil em ser querido quem vem depois, também está a sutileza em não ser este eclipsado por quem já foi. É difícil encher um grande vazio, porque sempre o passado pareceu melhor; e nem a igualdade bastará, porque está em posse do primeiro. É, pois, necessário acrescentar dotes para destituir outro de sua posse no melhor conceito.

CLIV

Não ser fácil no crer nem no querer. Conhece-se a madureza na demora da credulidade: é muito ordinário o mentir, seja extraordinário o crer. Quem se moveu ligeiramente vê-se depois corrido; mas não se há de dar a entender a dúvida na fé alheia, que passa de descortesia a agravo, porque trata-se quem contesta como enganador ou enganado. E nem é esse ainda o maior inconveniente, e sim que o não crer é indício do mentir, porque o mentiroso tem dois males, não crer e não ser crido. A suspensão do juízo é prudente em quem ouve, e dê-se fé ao autor que diz: “Também é uma espécie de imprudência a facilidade no querer”; pois, se com a palavra se mente, também com as coisas, e mais é pernicioso esse engano por obras.

CLV

Arte no apaixonar-se[28]. Se for possível, que a prudente reflexão chegue antes da vulgaridade do ímpeto; isso não será difícil a quem for prudente. O primeiro passo do apaixonar-se é advertir que se está

apaixonando, é ser senhor de sua paixão, ponderando a necessidade de chegar a tal ponto de agastamento, e não mais; com essa superior reflexão, entre e saia de sua ira. Saiba parar bem e no tempo certo, pois o mais difícil do correr está no parar. Grande prova de juízo é conservar-se prudente nos transes de loucura. Todo excesso de paixão degenera do racional, mas com essa magistral atenção nunca se atropelará a razão nem se pisará nos limites da sindérese. Para saber domar uma paixão é mister andar com as rédeas da atenção; quem o fizer será o primeiro cavaleiro; quem não, o último.

CLVI

Amigos por eleição. Que devem passar pelo exame da discrição e pela prova da sorte: graduados, não só pela vontade, mas pelo entendimento. E, com ser o mais importante acerto do viver, é o menos assistido pelo cuidado. Em alguns, obra o entremeio, na maioria o acaso. Definem o homem os amigos que ele tem, pois o sábio nunca combinou com ignorantes; mas gostar-se de alguém não implica intimidade, e pode o gostar proceder mais da graciosidade que da confiança em sua capacidade. Há amizades legítimas e outras aberrantes: estas para a deleitação, aquelas para a fecundidade de acertos. Acham-se poucos amigos da pessoa e muitos da fortuna. Mais aproveita o bom entendimento de um amigo que muitas boas vontades de outros. Que haja, pois, eleição, e não sorte. Um sábio sabe evitar pesares, e o amigo néscio os acarreta. Nem lhes deseje muita sorte, se não os quer perder.

CLVII

Não se enganar com as pessoas, que é o pior e mais fácil engano. Mais vale ser enganado no preço que na mercadoria, nem há coisa que mais se precise olhar por dentro. Há diferença entre entender as coisas e conhecer as pessoas, e é grande filosofia conhecer os gênios e distinguir os humores dos homens. Tanto é mister estudar as pessoas quanto os livros.

CLVIII

Saber usar dos amigos. Nisto há arte de discrição: uns são bons de longe, outros de perto, e aquele que talvez não seja bom para a conversação poderá sê-lo para a correspondência. A distância purifica alguns defeitos que a presença não tolera. Não só se deve procurar neles conseguir o gosto, mas também a utilidade, e o amigo há de ter as três qualidades do bem, que outros dizem do ente: ser uno, bom e verdadeiro, porque o amigo é todas as coisas. São poucos os que podem ser bons, e menos por não se saber escolhê-los. Saber conservá-los é mais que saber fazê-los amigos. Busquem-se tais que durem, e, ainda que no princípio sejam novos, que a satisfação se contente com poderem tornar-se velhos. Absolutamente, os melhores são os muito salgados[29], ainda que se gaste um alqueire na experiência. Não há deserto igual ao de viver sem amigos: a amizade multiplica os bens e divide os males; é o único remédio contra a sorte adversa, um desafogo da alma.

CLIX

Saber suportar os néscios. Os sábios sempre foram mal sofridos[30], pois quem acresce ciência acresce impaciência. O muito conhecer é difícil de satisfazer. A maior regra do viver, segundo Epiteto, é tolerar, e a isso reduziu metade da sabedoria. Se todas as nescidades têm de ser toleradas, de muita paciência será mister. Às vezes toleramos mais daqueles de quem mais dependemos, o que importa para o exercício do vencer-se. Nasce da paciência inestimável paz, que é a felicidade da terra, e quem não se achar com ânimo para tolerar recorra a retirar-se em si mesmo, se é que a si mesmo ainda pode tolerar.

CLX

Falar atento: com os inimigos, por cautela; com os demais, por decência. Sempre há tempo para enviar a palavra, mas não para fazê-la voltar. Deve-se falar como em testamento, pois com menos palavras, menos pleitos. No que não importa é preciso adestrar-se para o que importa. O arcano tem viso de divino. Quem é de fácil falar está perto do ser vencido e convencido.

CLXI

Conhecer os doces defeitos. O homem mais perfeito não escapa de alguns, e com eles se casa e amanceba. Há-os no engenho, maiores no maior, ou nele são mais percebidos. Não porque não os conheça quem os possui, mas porque os ama. Dois males juntos: apaixonar-se, e por vícios. São manchas da perfeição: ofendem tanto os de fora quanto aos donos soam bem. Aí é galhardo vencer-se e dar essa felicidade às demais perfeições. Todos nele topam, e, quando haveriam de celebrar o muito bom que admiram, detêm-se no que reparam, afeando aquele para desdouro dos demais dotes.

CLXII

Saber vencer a emulação e a malevolência. Pouco vale o desprezo, ainda que prudente; mais vale a galanteria. Não há aplausos demais para quem fala bem de quem fala mal; não há vingança mais heróica que a executada com méritos e perfeições, que vencem e atormentam a inveja. Cada felicidade é um arrocho nos cordéis[31] do desafeto, e é inferno do êmulo a glória do emulado. Este é o castigo tido por maior: da felicidade fazer veneno. O invejoso não morre de uma vez, mas tantas quantas vive ao som de aplausos o invejado, competindo a perenidade da fama de um com a penalidade do outro: um é imortal para suas glórias e o outro para suas penas. Os clarins da fama, que tocam a imortalidade de um, tornam pública a morte do outro, sentenciando-lhe a pena de ficar suspenso de tão invejada suspensão.

CLXIII

Nunca por compaixão do infeliz se há de incorrer no desfavor do afortunado. É desventura para

uns o que costuma ser ventura para outros, pois não seriam uns ditosos se muitos outros não fossem desditados. É próprio dos infelizes conseguir a mercê das pessoas, que serve para recompensar com seu favor inútil os desfavores da sorte; e às vezes se viu quem na prosperidade era detestado por todos e na adversidade lastimado. Trocouse a vingança contra o exalçado pela compaixão pelo descaído. Mas que o sagaz esteja atento ao baralhar da sorte. Há alguns que só andam com desditados, e hoje acompanham, por ser infeliz, aquele de que ontem fugiram por ser afortunado; talvez isso demonstre nobreza de caráter, mas não sagacidade.

CLXIV

Jogar verde[32]... Para examinar a aceitação, ver como se é recebido, e ainda mais com coisas de acerto e agrado duvidosos. Assegura-se assim o bom êxito e fica lugar para o empenho ou a retirada. Sondam-se as vontades desse modo, e o atilado fica sabendo onde tem os pés: prevenção máxima do pedir, do querer e do governar.

CLXV

Fazer boa guerra. O cordo pode ser obrigado a fazê-la, porém não má: cada um há de obrar como quem é, não como o obrigam. É aplausível a cortesia na rivalidade; lute-se não só para vencer no poder, mas também no modo. Vencer sendo mau não é vitória, mas rendição. Sempre foi superioridade a generosidade; o homem de bem nunca se vale de armas proibidas, e o são as que usam a amizade acabada para fortalecer o ódio começado, pois ninguém se deve valer da confiança para a vingança. Tudo o que cheira a traição contamina o bom nome. Em personagens importantes estranha-se mais qualquer átomo de baixeza; nobreza e vileza têm de estar distantes. Que cada um possa jactar-se de que, se a cortesia, a generosidade e a fidelidade desaparecessem do mundo, haveriam de ser encontradas em seu peito.

CLXVI

Diferenciar o homem de palavras do homem de obras. É de grande precisão, assim como a do amigo, pessoal ou do ofício, que são muito diferentes. É mau que, não se tendo bom falar, não se tenha mau obrar; pior é, não tendo mau falar, não ter bom obrar. Não se comem palavras, que são vento, nem se vive de cortesias, que é cortês engano. Caçar aves com luz é o verdadeiro encandear. Os enfatuados contentam-se com vento. As palavras hão de ser prendas das obras, e assim terão valor. As árvores que não dão frutos, mas só folhas, não costumam ter coração. Convém conhecê-las, umas para proveito, outras para sombra.

CLXVII

Saber ajudar-se. Não há melhor companhia nas grandes aflições que um bom coração, que, quando

fraquejar, haverá de ser suprido pelas partes que lhe estão próximas. São menores os afãs de quem se sabe valer. Não se renda ao destino, pois ele acabaria por ser intolerável. Alguns se ajudam pouco em seus trabalhos e dobram-nos por não saberem levá-los. Quem já se conhece socorre a fraqueza com a reflexão, e o discreto sai de tudo vitorioso, até das estrelas[33].

CLXVIII

Não dar em monstro de nescidade. São todos os soberbos, presunçosos, obstinados, caprichosos, teimosos, extravagantes, aduladores, bufões, novidadeiros, amantes do paradoxo, sectários e todo gênero de homens desregrados, todos monstros de impertinência. Toda monstruosidade do espírito é mais disforme que a do corpo, porque desentoa da beleza superior. Mas quem corrigirá tanto desconcerto comum! Onde falta sindérese não sobra lugar para a direção, e o que deveria ser observação refletida da irrisão é mal concebida presunção de aplauso imaginado.

CLXIX

Atenção para não errar uma, mas para acertar cem. Ninguém olha para o sol resplandecente, todos para o eclipsado. A observação do vulgo não conta acertos, mas erros. Mais conhecidos são os maus para murmúrio que os bons para aplauso; tampouco foram conhecidos muitos até que delinqüissem, nem bastam todos os acertos juntos para desmentir um único e mínimo desdouro; e que todo homem se desengane, pois é o mal, e não o bem, que a malevolência nota.

CLXX

Usar de retém em todas as coisas. É assegurar a importância. Nem todo o cabedal há de ser empregado, nem mostradas todas as forças a cada vez. Mesmo no saber há de haver resguardo, pois isso é dobrar perfeições. Sempre há de haver a que apelar em caso de mau êxito. Mais faz o socorro que o ataque, porque é de valor e de crédito. O proceder da cordura sempre foi a salvo. E também nesse sentido é verdadeiro aquele paradoxo picante: “A metade é mais que o todo.”[34]

CLXXI

Não esperdiçar favores. Os amigos grandes são para as grandes ocasiões; não se há de empregar confiança muita em coisas poucas, que seria esperdício de graças: a sagrada âncora fica sempre reservada para o último perigo. Se no pouco se abusar do muito, o que ficará para depois? Nada vale mais que os valedores, nem há nada mais precioso hoje que o favor: faz e desfaz no mundo, chega a dar engenho e a tirá-lo. Nos sábios, o que natureza e fama favoreceram a sorte invejou. Mais vale ter e saber conservar as pessoas que os haveres.

CLXXII

Não porfiar com quem não tem o que perder. É combater em desigualdade. O outro entra com desembaraço porque traz até a vergonha perdida; arrematou tudo, não tem mais o que perder, e assim se arroja com toda a impertinência. Nunca se deve expor a tão cruel risco a inestimável reputação. Custou muitos anos para ser ganha, e vai ser perdida num ponto de um pontilho[35]. Basta um desaire para gelar muito lúcido suor. Ao homem de respeito convém reparar que tem muito a perder; olhando por seu crédito, olha pelo do outro, e, como se empenha com atenção, procede com tal demorar que dá tempo à prudência para que se retire com tempo e ponha a salvo o crédito. Nem com vencer se chegará a ganhar o que já se perdeu com o expor-se a perder.

CLXXIII

Não ser de vidro no trato. Muito menos na amizade. Alguns se quebram com facilidade, mostrando a pouca consistência; enchem-se de ofensas enchendo os outros de enfado. Mostram que têm a disposição mais menina que a dos olhos, que não permite ser tocada nem de mentira nem deveras; ofendem-se por um senão, que nem precisam de um não. Têm de ir com tento os que com eles tratam, sempre atentos às delicadezas, guardando-lhes os ares, porque uma aragem os desarvora. Vivem eles ordinariamente de si para si, escravos do próprio gosto, pelo qual tudo atropelam, idólatras de sua honrita. A condição de amante[36] tem do diamante a metade no durar e resistir.

CLXXIV

Não viver à pressa. Saber repartir as coisas é saber gozá-las. A muitos sobra vida e falta felicidade; malbaratam alegrias, pois não as gozam, e depois querem voltar atrás, quando se acham tão à frente. São postilhões da vida, pois, além do comum correr do tempo, acrescentam o atropelamento de seu gênio. Querem devorar num dia o que só podem digerir em toda uma vida. Vivem adiantados nas felicidades, comem os anos por vir e, como andam com tanta pressa, depressa acabam com tudo. Até no querer saber há de haver modo de não saber as coisas mal sabidas. São mais os dias que as ditas. No gozar, devagar; no obrar, à pressa. Os feitos estão bem quando feitos; as alegrias mal estão se acabadas.

CLXXV

Homem de substância. E quem não o é dá-se por satisfeito com os que não o são. Infeliz é a eminência que não se funda na substância. Nem todos os que parecem são homens: há os de embuste, que concebem quimeras e parem engodos; e outros há semelhantes a estes, que os apóiam e mais gostam do incerto que o embuste promete, por ser muito, que do certo que a verdade assegura, por ser pouco. Ao fim e ao cabo seus caprichos acabam mal, porque não têm fundamento de inteireza. Só a verdade pode dar reputação verdadeira, e com substância é maior o proveito. Um engodo precisa de outros muitos, e assim toda a fábrica é quimera, e, como se funda no ar, precisa cair por terra. Nunca chega a ficar velho

um disparate: o muito que promete basta para fazê-lo suspeito, assim como tudo o que prova em demasia é impossível.

CLXXVI

Saber ou escutar quem sabe. Sem entendimento não se pode viver, seja ele próprio ou de empréstimo; porém muitos ignoram que não sabem, e outros pensam que sabem, não sabendo. Nescidade é doença sem remédio, pois, como os ignorantes não se sabem tal, não procuram o que lhes falta. Alguns seriam sábios se não acreditassem que o são. Por isso, embora raros, os oráculos de cordura vivem ociosos, porque ninguém os consulta. A grandeza não é diminuída nem é a capacidade contradita pelo aconselhar-se; antes, com o aconselhar-se fica mais acreditada. Debata na razão para que não o combata a desdita.

CLXXVII

Evitar familiaridades no trato. Que não devem ser usadas nem permitidas. Quem se rebaixa perde a superioridade que lhe dava sua inteireza, e atrás dela a estima. Os astros, por não roçarem conosco, conservam-se em seu esplendor. A divindade solicita decoro. A humanidade facilita o desprezo. As coisas humanas, quanto mais se têm, têm-se a menos; porque com a comunicação comunicam-se as imperfeições que o recato encobria. Com ninguém convém ter familiaridades: com os maiores, pelo perigo; com os inferiores, pela indecência; muito menos com a ralé, que é atrevida por néscia, e, não reconhecendo o favor que lhe fazem, presume obrigação. A familiaridade é parente da vulgaridade.

CLXXVIII

Crer no coração. Mais ainda quando dá provas. Nunca o desminta, pois sói ser prognóstico do que mais importa: oráculo interno. Muitos pereceram do que mais temiam; mas, de que serviu temer sem remediar? Alguns têm coração muito leal, vantagem da superior natureza, que sempre os previne e toca a infelicidade, para remédio. Não é prudente sair para receber os males, mas sim sair ao encontro deles para vencê-los.

CLXXIX

O resguardo é o selo da capacidade. Peito sem segredo é carta aberta; onde há fundo os segredos são profundos, pois há grandes espaços e enseadas onde afun-dam as coisas de monta. Procede isso de grande domínio de si, e o vencer-se nisto é o verdadeiro triunfar. Quem abre o peito paga a peita a todos quantos o descobrem. Na temperança interior consiste a salvação da prudência. O resguardar-se está exposto aos riscos do desguardar alheio, do contradizer para torcer, do lançar farpas para pôr à mostra o atento mais fechado. As coisas que se hão de fazer não se hão de dizer, e as que se hão de dizer não se

hão de fazer.

CLXXX

Nunca se governar pelo que faria o inimigo. O néscio nunca fará o que o cordo julga, porque não alcança o que convém. Se é discreto, tampouco, porque quererá desmentir o intento percebido e prevenido. É mister meditar as matérias por ambas as partes, virando-as de um e outro lado, dispondo-as em duas vertentes. São vários os ditames: que a indiferença fique atenta, não tanto para o que será quanto para o que pode ser.

CLXXXI

Sem mentir, não dizer todas as verdades. Não há coisa que requeira mais tento que a verdade, que é um sangrar-se do coração. Tanto é mister para sabê-la dizer quanto para sabê-la calar. Perde-se com apenas uma mentira todo o crédito da inteireza: o engano é tido por falta e o enganador por falso, que é pior. Nem todas as verdades podem ser ditas: umas porque só importam a mim, outras porque importam ao outro.

CLXXXII

Um grão de audácia com todos é grande cordura. Convém moderar o conceito que se tem dos outros para não os conceber tão altos que inspirem temor: que a imaginação nunca renda o coração. Há pessoas que parecem ser muito até que com elas se trate; mas comunicar-se com elas mais serve de desengano que de estima. Ninguém excede os curtos limites do homem; todos têm o seu *senão*, uns no engenho, outros no gênio. A dignidade dá autoridade aparente, poucas vezes acompanhada pela pessoal, pois a sorte costuma vingar a superioridade do cargo com a inferioridade dos méritos. A imaginação adianta-se sempre e pinta as coisas muito mais do que são. Não só concebe o que há como também o que poderia haver. Que a razão a corrija, que tantos enganos perdeu à custa de experiências. Mas não convém à nescidade ser atrevida nem à virtude ser temerosa. E, se a confiança valeu à simplicidade, o que dizer do valor e do saber?

CLXXXIII

Não se aferrar. Todo néscio é teimoso e todo teimoso é néscio; quanto mais errôneo o ditame, maior a tenacidade. Também em caso de evidência, é franqueza o ceder, pois não se ignora a razão que se teve e conhece-se a galanteria que se tem. Mais se perde com o finca-pé do que se pode ganhar com levar de vencida. Não é defender a verdade, mas a grosseria. Há cabeças duras, que para se convencerem são de uma dificuldade extrema e sem remédio; quando o capricho se junta com a teima, casam-se indissoluvelmente com a nescidade. O entesamento há de ser da vontade, não do juízo. Ainda que haja

casos de exceção, em que não se deve perder e ser vencido duas vezes: uma na decisão, outra na execução.

CLXXXIV

Não ser cerimoniático. Que mesmo num rei a afetação nisso foi celebrada como singularidade. O pontilhoso é enfadonho, e há nações marcadas por esse melindre. A vestidura da nescidade se cose com esses pontos, idólatras da honra[37], que mostram estar fundados em pouco, pois temem que tudo os possa ofender. É bom olhar pelo respeito, mas que ele não passe por grande mestre de cerimônias. É bem verdade que o homem sem cerimônias precisa de excelentes virtudes. Não se deve alardear nem menosprezar a cortesia; não mostra ser grande quem repara em pontinhos.

CLXXXV

Nunca pôr o crédito à prova de uma vez só, pois, se dessa não se sai bem, o dano é irreparável. É muito possível errar-se uma vez, ainda mais se a primeira; nem sempre a ocasião é propícia, e por isso se diz "estar no seu dia". Que a segunda vez sirva de fiança à primeira, se errar; e, se acertar, a primeira será resgate da segunda. Sempre se há de ter recurso à emenda e apelação a mais. As coisas dependem de contingências, e muitas; assim, é rara a felicidade do bom êxito.

CLXXXVI

Conhecer os defeitos, por mais autorizados que sejam. Não se desconheça a inteireza do vício, mesmo que se vista de brocado: o erro às vezes se coroa de ouro, mas nem por isso pode ser dissimulado. Não deixa de ser escravo de sua vileza, mesmo que se desminta na nobreza de seu senhor. Os vícios podem estar bem distintos, mas não são distinções. Alguns vêem que tal herói teve aquele acidente, mas não vêem que não foi herói por aquilo. É tão retórico o exemplo superior, que até de fealdades persuade; mesmo as fealdades do rosto por vezes a lisonja torna apetecíveis, não advertindo que, se podem ser dissimuladas na grandeza, são abominadas na baixeza.

CLXXXVII

Tudo o que for favorável, faça-o por si mesmo; o que for odioso, por terceiros. Com um se granjeia afeição, com o outro se declina a malevolência. Para grandes homens, maior gosto é fazer bem que recebê-lo, pois é felicidade sua generosidade. Poucas vezes se dá desgosto a outro sem sofrê-lo, seja por compaixão ou por repaixão[38]. As causas superiores ou premiam ou premem. Que o bem obre imediatamente, e o mal, mediatamente. Que os golpes da desdita, que são o ódio e a murmuração, tenham onde bater. A raiva do vulgo costuma ser como a canina: desconhecendo a causa de seu dano, volta-se contra o instrumento; e, embora este não tenha a culpa principal, sofre a pena de imediato.

CLXXXVIII

Ter o que louvar. É crédito do gosto, pois indica ser ele afeito ao muito bom e que se lhe deve a estima desta vida. Quem soube conhecer antes a perfeição saberá estimá-la depois. Dá matéria à conversação e à imitação, adiantando as notícias aplausíveis. É um modo político de vender cortesia às perfeições presentes; outros, ao contrário, têm sempre o que vituperar, lisonjeando quem está presente com o menosprezo por quem está ausente. Dão-se bem com os superficiais, que não advertem a manha que é falar mal de uns com outros. Alguns têm a política de mais dar apreço às mediocridades de hoje que às excelências de ontem. Que o atilado conheça essas sutilezas do achegar-se e não lhe cause abatimento o exagero de um, nem vaidade a lisonja do outro; e entenda que do mesmo modo procedem aqui e ali; trocam de sentido e sempre se ajustam ao lugar em que se acham.

CLXXXIX

Valer-se da privação nos outros, que, se chega a desejo, é a mais eficaz tortura. Disseram os filósofos que ela nada é, e os políticos que é tudo. Estes a conheceram melhor. Alguns, para alcançar seus fins, fazem degraus dos desejos dos outros. Valem-se da ocasião e, com a dificuldade da consecução, irritam-lhes o apetite. Prometem-se mais do esforço da paixão que da tibieza da posse, e, ao passo que cresce a repugnância, mais se apaixona o desejo. Grande sutileza para conseguir intentos é conservar as dependências.

CXC

Achar consolo em tudo. Até dos inúteis é consolo o serem eternos, e também se disse “ventura de feia...”. Para viver muito é de bom alvitre valer pouco. Vaso rachado é o que nunca se quebra, enfadando por tanto durar. Parece que a sorte tem inveja das pessoas mais importantes, pois numas iguala a duração com a inutilidade e noutras a importância com a brevidade. Faltarão quantos importarem, e permanecerá eterno o que não é de nenhum proveito, seja porque assim parece, seja porque assim é. No desditado parece que se concertam no esquecimento a sorte e a morte.

CXCI

Não se pagar de cortesia muita, que é uma espécie de engano. Alguns, para enfeitiçar, não precisam das ervas de Tessália, pois apenas com belo semblante e um chapéu encantam néscios, digo, presunçosos. Mercadejam a honra e pagam com o vento de umas boas palavras. Quem promete tudo promete nada, e promessa é escorrego para néscios. A verdadeira cortesia é dívida, a afetada engano, e mais ainda a desmedida: não é decência, mas dependência. Não fazem reverência à pessoa, mas à fortuna e à lisonja; não aos dotes que reconhecem, mas às utilidades que esperam.

CXCII

Homem de paz, homem de muita vida. Para viver, deixar viver. Não só vivem os pacíficos, como também reinam. É mister ouvir e ver, porém calar. Dia sem pleito faz noite sonolenta. Viver muito e viver com gosto é viver por dois, e fruto da paz. Tudo tem aquele a quem nada se dá do que não lhe importa. Não há maior despropósito que tomar tudo de propósito. Igual nescidade é ter coração aberto a quem não nos toca, e não deixar entrar peito adentro quem muito importa.

CXCIII

Atenção a quem entra com a dos outros para sair com a sua. Não há outro reparo para a astúcia senão a advertência. Ao esperto, o experto. Alguns fazem parecer alheio o negócio que é seu, e, por não se ter a contracifra das intenções, está-se a cada passo empenhado em tirar do fogo o proveito alheio para prejuízo da própria mão.

CXCIV

Ter conceito claro de si e de suas coisas. Mais ainda quem começa a viver. Todos têm altos conceitos de si, e mais os que menos são. Cada um sonha um grande destino, imaginando-se um prodígio. A esperança empenhase com desatino, e depois a experiência nada cumpre. Serve de tormento à imaginação vã o desengano da realidade verdadeira. Que a cordura corrija semelhantes desacertos, e, ainda que possa desejar o melhor, há de sempre esperar o pior para acolher com equanimidade o que vier. É destreza mirar um pouco acima para acertar o tiro, mas não tanto que seja desatino. Ao se começar a ter cargos, é necessária essa reforma de conceitos, pois a presunção costuma desatinar sem a experiência. Não há medicina mais universal para todas as nescidades que o siso. Que cada um conheça a esfera de sua atividade e de seu estado, e poderá regular o conceito com a realidade.

CXCV

Saber avaliar. Não há ninguém que não possa ser mestre de outro em algo; nem há quem não exceda quem excede. Saber valer-se de cada um é útil saber: o sábio a todos estima porque reconhece o bom em cada um e sabe quanto custa fazer bem as coisas. O néscio a todos despreza por ignorância do bom e por eleição do pior.

CXCVI

Conhecer sua estrela. Ninguém é tão desvalido que não a tenha, e, se é desditado, é porque não a conhece. Têm alguns privança de príncipes e poderosos sem saber como nem por quê, mas é que sua própria sorte lhes facilitou o favor; só resta à indústria ajudá-la. Outros têm as graças dos sábios: alguns

são mais aceitos em uma nação que em outra, e mais bem vistos nesta cidade que naquela. Também alguns têm mais sucesso num cargo e num estado que outros, e tudo isso com igualdade e identidade de méritos. A sorte mistura as cartas como e quando quer; que cada um conheça a sua, assim como sua índole, que disso depende o perder ou o ganhar. Que se saiba segui-la e ajudá-la; mas sem mudálas, que seria errar o norte para o qual é chamado pela estrela polar.

CXCVII

Nunca meter-se com néscios. Pois é néscio quem não os conhece, e mais ainda quem, conhecendo-os, não os descarta. São perigosos para o trato superficial e perniciosos para a confidência. E, ainda que sejam contidos algum tempo por sua própria cautela e pelo cuidado alheio, ao fim e ao cabo cometem a nescidade, ou a dizem, e, se tardarem, terá sido para fazê-la mais solene. Mal pode ajudar o crédito alheio quem não tem o seu. São infelicíssimos, que esse é o sobreosso da nescidade; uma e outra se pegam. Só uma coisa neles não é tão má: é que, embora os cordos não lhes sejam de nenhum proveito, eles o são para os sábios, ou para instrução ou para escarmento.

CXCVIII

Saber transplantar-se. Há nações que, para valer, precisam ser trocadas; mais ainda para quem quer altos postos. As pátrias são madrastas de suas próprias eminências: nelas a inveja reina como em terra natal, e todos se lembram mais das imperfeições com que alguém começou que da grandeza a que chegou. Um alfinete pode conseguir estima passando de um mundo para outro e até o vidro rebaixa o diamante porque se translada. Tudo o que é estranho tem valor, seja porque veio de longe, seja porque já está feito em sua perfeição. Vimos indivíduos que já foram desprezados em seu rincão natal e hoje são honra do mundo, sendo estimados pelos seus e por estranhos; por uns porque os vêem de longe; por outros porque veio de longe. Nunca poderá venerar a estátua no altar quem a conheceu tronco no horto.

CXCIX

Saber dar lugar ao cordo, não ao intrometido. O verdadeiro caminho para a estima é o dos méritos, e, se a indústria se funda no valor, é atalho para o alcançar. Só a inteireza não basta, só a solicitude é indigna, pois as coisas chegam tão enlodadas que fazem asco à reputação. Consiste num meio-termo entre merecer e saber introduzir-se.

CC

Ter o que desejar, para não ser desventurado na ventura. O corpo respira e o espírito aspira. Se tudo for posse, tudo será desengano e descontentamento; também no entendimento sempre há de ficar o que saber, em que a curiosidade se ceve. A esperança alenta; felicidade à farta é mortal. Ao premiar, é de

bom alvitre nunca satisfazer; se nada houver para desejar, tudo haverá para temer: felicidade infeliz. Onde acaba o desejo começa o temor.

CCI

São tontos todos os que parecem e a metade dos que não parecem. A nescidade apoderou-se do mundo, e, se algo há de sabedoria, é estultícia comparada à do céu; mas o maior néscio é quem não acha que é, e assim define todos os outros. Para alguém ser sábio, não basta que o pareça, muito menos que lhe pareça: sabe quem pensa que não sabe, e não vê quem não vê que os outros vêem. Por estar o mundo todo cheio de néscios, não há quem acredite sê-lo, nem quem desconfie.

CCII

Ditos e feitos fazem um varão consumado. Que se fale o que é bom e se faça o que é honroso; uma é perfeição da cabeça, outra do coração, e ambas nascem da superioridade da alma. As palavras são sombra dos feitos; aquelas são as fêmeas, estes os varões. Mais importa ser celebrado que celebrar. É fácil o dizer e difícil o obrar. As façanhas são a substância do viver, e as sentenças seu ornato: a eminência nos feitos dura, nos ditos passa. As ações são o fruto das atenções: uns são sábios, outros façanhosos.

CCIII

Conhecer as eminências de seu século. Não são muitas: uma Fênix em todo o mundo, um só *Gran Capitán*, um perfeito Orador, um Sábio em todo um século, um Rei eminente em muitos. A mediocridade é ordinária em número e apreço; as eminências são raras em tudo, porque requerem perfeição consumada, e, quanto mais elevada a categoria, mais difícil o extremo. Muitos tomaram de César e Alexandre o apelido de Magno, porém em vão, pois sem os feitos a palavra não passa de um pouco de ar: poucos Sênecas houve, e um só Apeles a fama celebrou.

CCIV

O que for fácil deverá ser feito como difícil, e o difícil como fácil. Ali para que a confiança não leve ao descuido; aqui para que a falta de confiança não leve ao desânimo. Para não se fazer uma coisa, mais não é mister que dá-la por feita. Ao contrário, a diligência aplana a impossibilidade. Os grandes empenhos não devem ser pensados: basta que se ofereçam, para que a dificuldade percebida não ocasione o receio.

CCV

Saber fazer de conta que despreza. É ardil para conseguir as coisas o desprezá-las. Comumente não se acham as coisas quando se procuram, e depois, com o descuido, vêm elas ter às nossas mãos. Como todas as coisas deste mundo são sombra das eternas, participam daquela propriedade da sombra que é fugir de quem as segue e perseguir quem delas foge. É também o desprezo a mais política vingança. Máxima única de sábios é nunca se defender com a pena, que deixa rastro, vindo a ser mais glória da emulação que castigo do atrevimento. É astúcia de indignos opor-se a grandes homens para serem celebrados por vias indiretas quando não merecem as de direito: não conheceríamos muitos, se deles não tivessem feito caso os adversários excelentes. Não há vingança como o esquecimento, que é sepultá-los no pó de seu nada. Presumem, temerários, tornar-se eternos ateando fogo às maravilhas do mundo e dos séculos. Arte de modificar a murmuração é não fazer caso: impugná-la causa prejuízo; dar-lhe crédito, descrédito. É dar aos rivais complacência, pois mesmo a sombra do desdouro deslustra, ainda que não obscureça de todo a maior perfeição.

CCVI

Saibam que há vulgaridade em toda parte: até em Corinto, na família mais seleta. Portas adentro cada um experimenta a vulgaridade em sua casa. Mas há vulgaridade e revulgaridade, que é pior. A especial tem as mesmas propriedades da comum, assim como pedaços de um espelho quebrado, e é ainda mais prejudicial. Fala com nescidade e censura com impertinência, é grande discípula da ignorância, madrinha da nescidade e aliada do mexerico. Não se deve atentar ao que diz, menos ainda ao que sente. Importa conhecê-la para dela se livrar, ou como parte ou como objeto, pois qualquer nescidade é vulgarismo, e o vulgo se compõe de néscios.

CCVII

Saber conter-se. É mister fazer grande caso dos acasos. São os ímpetos de paixão resvaladouros da cordura, e aí está o risco de perder-se. Avança-se mais em um instante de furor ou de prazer que em muitas horas de indiferença. Corre-se às vezes um breve instante para correrse depois toda a vida. A astuta intenção alheia traça essas tentações da prudência para descobrir o fundo ou a alma; vale-se de semelhantes arrancadores de segredos, que costumam sorver até a última gota os maiores caudais. Que a contra-ardileza seja o conter-se, e ainda mais nos apressuramentos. É mister muita reflexão para que uma paixão não desboque, e cordo é quem lhe fica a cavalo. Vai com tento quem concebe o perigo. Parece tão leve a palavra a quem a lança quão pesada parece a quem a recebe e pondera.

CCVIII

Não morrer por ataque de nescidade. Comumente, os sábios morrem faltos de sabedoria. Ao contrário, os néscios morrem fartos de conselhos. Morrer de nescidade é morrer de demasiado discorrer. Uns morrem porque sentem, outros vivem porque não sentem. E assim, uns são néscios porque não morrem de sentimento, e outros o são porque dele morrem. Néscio é quem morre de excesso de

entendimento. De tal sorte que uns morrem de entendimento e outros vivem por não entenderem; mas, apesar de morrerem muitos de nescidade, poucos néscios morrem.

CCIX

Livrar-se das nescidades comuns. É cordura bem especial. São mais favorecidas por tudo o que vem de fora, e alguns, que não se renderam à ignorância particular, não souberam escapar da comum. É vulgaridade não estar contente com a própria sorte, por maior que seja, nem descontente com seu engenho, por pior que seja. Todos, por descontentes com a própria felicidade, cobiçam a alheia. Também os que vivem hoje louvam as coisas de ontem, e os que aqui vivem, as de acolá. Tudo o que passou parece melhor, e tudo o que está distante é mais estimado. É tão néscio quem de tudo ri quanto quem por tudo se aflige.

CCX

Saber jogar com a verdade. É perigosa, mas o homem de bem não pode deixar de dizê-la. Aí é mister o artifício. Os destros médicos da alma inventaram o modo de adoçá-la, pois quando toca em desenganos é a quintessência do amargor. Aqui o bom jeito se vale da destreza. Com uma mesma verdade lisonjeia um e aporreia outro. Fala-se aos presentes nos passados. Para o bom entendedor meia palavra basta e, quando não basta, vem ao caso emudecer. Os príncipes não hão de ser curados com coisas amargas: para isso serve a arte de dourar desenganos.

CCXI

No Céu tudo é alegria, no Inferno tudo é pesar. No mundo, que está no meio, um e outro. Estamos entre dois extremos, e assim participamos de ambos. Alternam-se as sortes: nem tudo há de ser felicidade, nem tudo adversidade. Este mundo é um zero: sozinho, vale nada; juntando-o com o Céu, muito. A indiferença à sua variedade é prudência, nem é coisa de sábios a novidade. Que nossa vida se vá empenhando como em comédia; ao fim vem o desenredo: atenção, pois, para acabar bem.

CCXII

Reservar-se sempre as últimas manhas do artifício. É de grandes mestres, que se valem de sua sutileza até quando as ensinam. Sempre há de permanecer superior e sempre mestre. Há de se comunicar arte com arte; nunca esgotar a fonte do ensinar, assim como nem a do dar. Com isso se conserva a reputação e a dependência. No agradar e no ensinar é mister observar aquela grande lição de ir sempre cevando a admiração e pondo a perfeição cada vez mais adiante. Em todas as matérias o retém sempre foi grande regra de viver, de vencer, sobretudo nos cargos mais elevados.

CCXIII

Saber contradizer. É grande ardil do tentar, não para se empenhar, mas para empenhar. O único torcedor eficaz é o que faz brotar afetos; a tibiedade em crer é um vomitivo para os segredos, chave do mais fechado peito. Com grande sutileza, sonda-se a vontade e o juízo. O desprezo sagaz da palavra misteriosa do outro dá caça aos segredos mais profundos, e os vai cortando em bocados que são trazidos para a língua, dando nas redes do artificioso engano. A detenção do atento faz que a do outro se lance ao recato, descobrindo o alheio sentir, que de outro modo seria coração inescrutável. Uma dúvida afetada é a mais sutil gazua, com que a curiosidade saberá quanto quiser; e mesmo para aprender é ardil do discípulo contradizer o mestre, que se empenhará com mais força na declaração e no fundamento da verdade; de tal sorte que a impugnação moderada dá ensejo ao ensino consumado.

CCXIV

Não fazer de uma nescidade duas. É comum que para emendar uma se cometam outras quatro: escusar uma impertinência com outra maior é da casta da mentira, ou esta o é da nescidade, pois para que uma se sustente precisa de muitas. Pior que o mau pleito, só seu patrocínio; mais mal que o próprio mal é não o saber dissimular. As imperfeições vivem da pensão que lhe rendem outras tantas; o maior sábio pode cair num descuido, mas não em dois, e de passagem, não de paragem.

CCXV

Atenção a quem vem com segundas intenções. É ardil do negociante desacautelar a vontade para assaltála, pois é ela vencida em sendo convencida. Dissimula o intento para consegui-lo, e põe-se como segundo para que, na execução, seja o primeiro; o que assegura o tiro é a inadvertência. Mas que não durma a atenção quando está tão desperta a intenção, e, se esta se faz segunda para a dissimulação, aquela se faça primeira para o conhecimento. Que a cautela advirta o artifício com que se chegam, e não deixe de notar as pontas que se vão lançando para ir dar no ponto que se pretende. Propõe-se uma coisa e pretende-se outra, e revolve-se com sutileza para dar no alvo da intenção; saiba, pois, o que conceder, e às vezes convirá dar a entender que entendeu.

CCXVI

Ter clareza. É não só desembaraço como também despejo[39] no conceito. Alguns concebem bem e parem mal, pois sem clareza não se dão à luz os filhos da alma, que são os conceitos e as declarações. Alguns têm a capacidade daqueles cântaros que muito percebem e pouco comunicam; ao contrário, outros dizem até mais do que sentem. O que a resolução é para a vontade a explicação é para o entendimento, duas grandes perfeições. Os engenhos claros são aplausíveis, os confusos foram venerados por não terem sido entendidos; e às vezes convém a obscuridade para não ser vulgar. Mas como podem julgar os demais aquilo que ouvem, se nem para quem fala há conceito mental que se conforme ao que dizem?

CCXVII

Não amar nem abominar para sempre. Fiar-se nos amigos de hoje como inimigos de amanhã, e dos piores; e o que passa na realidade, que passe na prevenção. Não se há de dar armas aos trânsfugas da amizade, que com elas fazem a maior guerra; ao contrário, com os inimigos, sempre porta aberta para a reconciliação, e que seja a da cortesia: é a mais segura. Algumas vezes a vingança de antes atormenta depois, e serve de pesar a alegria do malefício que se tenha obrado.

CCXVIII

Nunca obrar por teima, mas por atenção. Toda teima é um apostema, grande filha da paixão, que nunca fez coisa às direitas. Há alguns que por tudo guerreiam; bandoleiros do trato, tudo o que executam querem como vitórias: não sabem proceder pacificamente. Esses, para mandar e governar, são perniciosos, porque fazem do governo uma quadrilha e tornam-se inimigos de quem deveriam tratar como filhos; tudo querem dispor com desígnio e tudo conseguir como fruto de seu artifício; mas, em descobrindo os demais seu paradoxal humor, logo se tomam de ponta com eles, procurando estorvar-lhes as quimeras, e assim nada conseguem. Agastam-se à farta, o que contribui para seu desgosto. Estes têm o ditame leso e às vezes danado o coração; o modo de portar-se com semelhantes monstros é fugir para os antípodas, pois é melhor tratar com a barbaridade daqueles que com a fereza destes.

CCXIX

Não ser tido por homem de artifício, ainda que não se possa viver sem ele. Antes prudente que astuto. Agrada a todos a lisura no trato, mas nem todos a adotam. Que a sinceridade não dê no extremo da simplicidade, nem a sagacidade no da astúcia. Seja antes venerado como sábio que temido como ardiloso. Os sinceros são amados, mas enganados. Que o maior artifício seja encobrir o que se considera engano. No século de ouro floresceu a lhaneza; neste de ferro, a malícia. A fama de homem que sabe o que há de fazer é honrosa e causa confiança, mas a de artificioso é sofística e engendra desconfiança.

CCXX

Quando alguém não pode vestir a pele de leão, vista a de raposa. Saber ceder a tempo é exceder. Quem desiste de seu intento nunca perde reputação. Na falta de força, destreza: por um caminho ou por outro, ou pelo real do valor ou pelo atalho do artifício. Mais coisas fez a manha que a força, e mais vezes os sábios venceram os valentes que o contrário. Quando não se pode alcançar a coisa, cabe o desprezo.

CCXXI

Não ser porfioso: nem se empenhar em porfias nem empenhar outros. Há os que tropeçam no

decoro, tanto próprio quanto alheio, sempre a ponto de nescidade. Embatem-se com facilidade e rompem com infelicidade. Não se satisfazem com cem contrariedades por dia: têm o humor a contrapelo e por isso contradizem a quantos e a quanto houver. Calçaram-se o juízo às avessas e, assim, tudo reprovam. Mas os maiores tentadores da cordura são os que nada fazem bem e de tudo falam mal, pois há muitos monstros no vasto país da impertinência.

CCXXII

Homem circunspecto, evidência de prudente. A língua é uma fera que, uma vez solta, dificilmente se volta a acorrentar. É o pulso da alma, por onde os sábios conhecem sua disposição; nela os atilados contam os movimentos do coração. O mal é ser menos recatado quem mais haveria de sê-lo. O sábio furta-se a aborrecimentos e porfias, e mostra quanto é senhor de si. Prossegue circunspecto, Jano na equivalência, Argos na verificação. Seria melhor que Momo tivesse posto menos os olhos nas mãos que uma janelinha no peito[40].

CCXXIII

Não ser extravagante. Por afetação ou por inadvertência, alguns têm notável originalidade, com ações de mania, que mais são defeitos que diferenças. E assim como alguns são muito conhecidos por alguma singular fealdade do rosto, também estes por algum excesso no portar-se. De nada serve ser extravagante, senão para a censura por uma impertinente especialidade, que leva uns ao riso, outros ao agastamento.

CCXXIV

Saber receber as coisas: nunca ao revés, ainda que assim venham. Todas têm seu direito e seu avesso. A melhor e mais favorável, se tomada pelo corte, fere; ao contrário, a mais repugnante defende, se pela empunhadura. Muitas foram as coisas penosas que, se consideradas suas conveniências, seriam causa de alegria. Em tudo há convenientes e inconvenientes; a destreza está em saber topar com a comodidade. Tem diferentes feições uma mesma coisa que seja olhada sob diferentes luzes; olhese sob a da felicidade. Não se devem trocar os freios do bem e do mal; daí procede que alguns acham alegria em tudo e outros pesar. Grande defesa contra os reveses da sorte e grande regra do viver, para todos os tempos e todos os empregos.

CCXXV

Conhecer o rei de seus defeitos. Ninguém vive sem o contrapeso de seu principal dote, e, se a inclinação favorecer, ele toma posse como um tirano. Comece a fazerlhe guerra; que o cuidado publique contra ele e que o primeiro passo seja o manifesto, pois, em sendo conhecido, será vencido, mais ainda

se o interessado fizer dele o conceito que faz quem o nota. Para ser senhor de si é mister marchar sobre si. Rendido esse chefe das imperfeições, todas as outras se acabam.

CCXXVI

Atenção ao obrigar. A maioria não fala nem obra como quem é, mas como impõem as obrigações. Para persuadir do mal qualquer um sobeja, pois o mal é sempre crido, ainda que às vezes incrível. O que de maior e melhor temos depende do respeito alheio. Alguns se contentam em ter a razão de seu lado, mas isso não basta, pois é mister ajudá-la com a diligência. Às vezes custa pouco o obrigar, e muito vale. Com palavras se compram obras: não há alfaia tão vil nesta grande casa do universo que uma vez por ano não seja necessária e, ainda que pouco valha, fará muita falta; cada um fala do objeto segundo seu afeto.

CCXXVII

Não ser de primeira impressão. Alguns se casam com a primeira informação, de tal sorte que as demais são concubinas, e, como a mentira sempre se adianta, não fica lugar depois para a verdade; não se há de encher a vontade com o primeiro objeto, nem o entendimento com a primeira proposição, que isso é ter pouco fundo. Alguns têm capacidade de vaso novo, em que fica o primeiro odor, tanto do mau quando do bom licor. Quando essa curteza de fundo chega a ser conhecida é perniciosa, pois dá ensejo à maliciosa indústria: correm os mal-intencionados a tingir com sua própria cor a credulidade. Que sempre sobre lugar à revisão. Que Alexandre guarde a outra orelha para a outra parte. Que fique lugar para a segunda e a terceira informação. O impressionar-se demonstra incapacidade, e está bem perto do apaixonar-se.

CCXXVIII

Não ter fama de infamar, muito menos ser famoso por desafamar. Não seja engenhoso à custa alheia, o que é mais odioso que dificultoso. De quem infama vingamse todos, falando mal dele, e como ele é só e eles muitos, mais depressa será vencido que eles convencidos. O mal nunca há de contentar, porém nem se comentar. O murmurador é detestado para sempre, e, ainda que às vezes grandes personagens cruzem com ele, será mais pelo gosto da sua zombaria que pelo apreço à sua cordura. E quem fala mal sempre ouve pior.

CCXXIX

Saber dividir a vida com discrição: não como as ocasiões se apresentam, mas por providência e escolha. A vida é penosa quando sem descansos, como longa jornada sem pousada; o que a faz ditosa é a variedade erudita. Gasta-se a primeira estância do belo viver falando com mortos; nascemos para saber e para saber-nos, e os livros com fidelidade nos fazem gente. A segunda jornada é empregada com os

vivos: ver e registrar tudo o que é bom no mundo. Nem todas as coisas se acham numa mesma terra; o Pai universal repartiu as dádivas, e às vezes enriqueceu mais a feia. A terceira jornada cada um a dedique a si mesmo: última felicidade, o filosofar.

CCXXX

Abrir os olhos a tempo. Nem todos os que vêem têm olhos abertos, nem todos os que olham vêem. Dar-se conta tarde não serve de remédio, mas de pesar. Alguns começam a ver quando não há o quê: suas casas e suas coisas desfizeram-se antes que eles se fizessem. É difícil dar entendimento a quem não tem vontade, e mais difícil é dar vontade a quem não tem entendimento; brincam com eles os que os rodeiam, como com cegos, para riso dos demais; e como são surdos para ouvir, não abrem os olhos para ver. Mas não falta quem fomente essa insensibilidade, pois seu ser consiste em não serem eles. Infeliz o cavalo cujo dono não tem olhos: dificilmente engordará.

CCXXXI

Nunca permitir que vejam coisas pela metade: que sejam fruídas em sua perfeição. Todo princípio é informe, e fica depois a imaginação daquela deformidade; a memória de tê-lo visto imperfeito não permite desfrutálo acabado. Gozar de golpe o objeto grande, ainda que tolha o juízo das partes, de per si ajusta o gosto. Antes de ser, tudo é nada, e no começar a ser ainda se está muito dentro de seu nada. Ver ser guisado o manjar mais delicioso mais serve de asco que de apetite; que todo grande mestre se resguarde de mostrar suas obras em embrião; aprenda com a natureza a não as expor antes que possam aparecer.

CCXXXII

Ter algo de negociante. Que nem tudo seja especulação, que haja também ação. Os muito sábios são fáceis de enganar porque, embora saibam o extraordinário, ignoram o ordinário do viver, que é mais preciso. A contemplação das coisas sublimes não lhes deixa lugar para as manuais; e, como ignoram as primeiras coisas que deveriam saber, aquelas que todos sabem de sobejo, ou são admirados ou são tidos por ignorantes pelo vulgo superficial. Procure, pois, o varão sábio ter algo de negociante, o que baste para não ser enganado e mesmo escarnecido: seja homem do factível, que, embora não seja o superior, é mais necessário para viver. De que serve o saber se não é prático? E saber viver é hoje o verdadeiro saber.

CCXXXIII

Que o gosto não erre o alvo, pois isso é causar pesar e não prazer. Alguns, pensando obrigar[41], molestam, por não compreenderem os gênios. Há obras que para alguns são lisonja e para outros ofensa,

e o que se acreditou ser serviço foi agravo. Às vezes custa mais o dar desgosto do que custaria o dar prazer. Perdem o agradecimento e o regalo porque perderam o norte do agradar. Se não se conhecer o gênio alheio, será difícil satisfazê-lo; daí que alguns acreditavam estar proferindo um elogio e proferiram um vitupério, castigo bem merecido. Outros pensam que entretêm com sua eloqüência e aporreiam a alma com sua loquacidade.

CCXXXIV

Nunca fiar reputação sem penhor da honra alheia. Há de se participar do proveito em silêncio, do prejuízo sem dissimulação. Se no interesse da honra, o trato há de ser sempre em companhia, de tal sorte que a reputação de um cuide da do outro. Nunca se deve fiar, mas, se alguma vez se fiar, seja com tal arte que a prudência possa ceder à cautela. Que o risco seja comum e a causa recíproca, para não se converter em testemunha quem se reconhece partícipe.

CCXXXV

Saber pedir. Não há coisa mais difícil para alguns, nem mais fácil para outros. Há uns que não sabem negar: com estes não é mister gazua. Em outros, o *não* é a primeira palavra de todas as horas. Com estes é mister a indústria. E com todos a sazão: surpreender os espíritos quando alegres, ou pelo alimento antecedente do corpo ou pelo da alma. Se a atenção e a consideração de quem atende não percebem sutileza em quem intenta, os dias do regozijo são os do favor, que redunda do interior para o exterior. Não convém aproximar-se quando se vê que outro se nega, pois está perdido o medo ao *não*. Sobre tristeza não há bom lance. Obrigar de antemão é escambo quando não se está a tratar com vilões.

CCXXXVI

Fazer obrigação antes do que há de ser prêmio depois. É destreza de grandes políticos; favores antes de méritos são prova de homens de preceitos. O favor assim antecipado tem duas eminências, pois, com a prontidão de quem dá, obriga mais quem recebe. A mesma dádiva, se depois é dívida, antes é empenho. Sutil modo de transformar obrigações, pois aquela que deveria ser do superior para premiar recai em quem lhe fica obrigado para saldar. Isso se entende com gente de preceitos, pois para homens vis mais cabe pôr freio que espora, antecipando-se o pagamento da honra.

CCXXXVII

Nunca dividir segredos com superiores. Pensa-se estar a dividir peras e dividem-se pedras; muitos pereceram de confidência. São estes como colheres feitas de casca de pão, que estão expostas ao mesmo risco do pão, depois. Confidência de príncipe não é favor, é peita. Muitos quebram o espelho por lhes lembrar a fealdade: não podem ver quem o pôde ver, nem é bem visto quem o mal viu. A ninguém se

tenha por muito obrigado, menos ainda se poderoso. Seja antes por benefícios feitos que por favores recebidos; são sobretudo perigosas as confianças da amizade. Quem comunicou seus segredos a outro fezse escravo dele; e em soberanos isso é constrangimento que não pode durar. Desejam voltar a redimir a liberdade perdida, e para isso atropelariam tudo, até a razão. Segredos, pois, nem ouvir nem proferir.

CCXXXVIII

Conhecer a peça que falta. Muitos seriam pessoas assinaladas se não lhes faltasse algo, sem o que nunca chegam ao cúmulo do perfeito ser. Nota-se em alguns que poderiam ser muito se cuidassem de bem pouco. Faz-lhes falta a seriedade, com que deslustram grandes dotes; a outros, a suavidade do humor, falta que os próximos logo descobrem, e mais se em pessoas de alto cargo. Em alguns carece atividade, em outros recato; todos esses defeitos, se advertidos, poderiam ser supridos com facilidade, pois o cuidado pode fazer do hábito segunda natureza.

CCXXXIX

Não ser agudo demais: mais importa circunspecto. Saber mais do que convém é despontar[42], porque as sutilezas comuns se quebram. Mais segura é a verdade assentada. Bom é ter saber, não doutorice. O muito discorrer é parente da contenda. Melhor é um bom juízo substancial, que não discorre mais do que importa.

CCXL

Saber usar da nescidade. O maior sábio por vezes joga essa peça, e há ocasiões em que o melhor saber consiste em mostrar não saber. Não se deve ignorar, mas sim afetar que se ignora. Com os néscios pouco importa ser sábio, e com os loucos cordo. A cada um convém falar em sua linguagem: não é néscio quem afeta nescidade, mas quem dela padece. A sincera o é, não a fingida, pois até aí chega o artifício. Para ser benquisto, o único meio é vestir a pele do mais simples dos brutos.

CCXLI

Mofas, tolerar sem usar. Uma é espécie de galanteria; a outra, de porfia. Quem na festa se desregra muito tem de besta, e mostra mais. A mofa de sobra diverte; saber tolerá-la é prova de capacidade. Quem se pica dá ensejo a que o repiquem. O melhor é esquecê-las e o mais seguro é não as levantar. As maiores verdades nasceram sempre de mofas. Não há coisa que requeira mais atenção e destreza. Antes de começar cumpre saber até que ponto o outro vai tolerar.

CCXLII

Perseguir o seu alcance. Em alguns tudo se resume em começar; intentam, mas não prosseguem: instabilidade de gênio. Nunca conseguem louvação, porque nada prosseguem; neles, tudo pára em parar. Em outros, isso nasce da impaciência da alma, defeito de espanhóis, assim como a paciência é vantagem dos belgas. Estes acabam as coisas, aqueles acabam com elas: suam até vencer a dificuldade e contentam-se em vencer. Não sabem levar a cabo a vitória: mostram que podem, mas não querem. Mas é sempre defeito de impossibilidade ou leviandade. Se a obra é boa, por que não se acaba? Se é ruim, por que se começou? Por isso, que o sagaz mate a caça: que tudo não se resuma em levantá-la.

CCXLIII

Não ser de todo columbino. Alterne-se a calidez da serpente com a candidez da pomba. Não há coisa mais fácil que enganar um homem de bem. Muito crê quem nunca mente e muito confia quem nunca engana. Nem sempre procede de nescidade o ser enganado, às vezes de bondade. Dois gêneros de pessoas previnem-se de danos: os escarmentados, que aprenderam à própria custa, e os astutos, à custa dos outros. Que a sagacidade se mostre tão extrema para a desconfiança quanto a astúcia para o ardil, e não se queira ser tão homem de bem que o outro tenha ocasião de o ser de mal: seja um misto de pomba e serpente; não monstro, mas prodígio.

CCXLIV

Saber obrigar. Alguns transformam o favor próprio em alheio, e parece, ou dão a entender, que estão concedendo uma mercê quando a recebem. Há homens tão advertidos que honram pedindo e transformam seu proveito em honra do outro; planeiam as coisas de tal sorte que os outros pareçam estar pagando o serviço que lhes prestam, transtrocando com extravagante argúcia a ordem do obrigar. Quando nada, põem em dúvida quem faz favor a quem: compram o melhor a preço de louvações, e do mostrarem gosto por uma coisa fazem honra e lisonja; empenham a cortesia, fazendo dívida do que haveria de ser seu agradecimento. Desta sorte mudam a obrigação de passiva para ativa, melhores políticos que gramáticos. Grande sutileza essa, porém maior seria o entendê-la, destrocando a nescidade, devolvendo-lhes suas homenagens e cobrando cada um seu proveito.

CCXLV

Discorrer às vezes de modo singular e fora do comum: demonstra superioridade de cabedal. Não estime quem nunca se lhe opõe, pois não é sinal de amor que lhe tenha, mas do que tem por si; não se deixe enganar com a lisonja pagando-a, mas sim condenando-a. Também se tenha por crédito o ser murmurado por alguns, mais ainda se por aqueles que falam mal de todos os bons. Pese-lhe que suas coisas agradem a todos: sinal de que não são boas, pois a perfeição é de poucos.

CCXLVI

Nunca dar satisfações a quem não as pedia. E, mesmo pedidas, é espécie de delito se de sobra. Escusar-se antes da ocasião é culpar-se, e o sangrar-se em saúde é fazer sinal ao mal e à malícia para que venham. A escusa antecipada desperta a desconfiança adormecida. Nem o atilado há de mostrar que entendeu a suspeita alheia, pois isso é sair à cata do agravo; antes, cabe procurar desmenti-la com a inteireza do proceder.

CCXLVII

Saber um pouco mais e viver um pouco menos. Outros dizem o contrário. Mais vale o bom ócio que o negócio. Nada temos de nosso, a não ser o tempo, onde vive quem não tem lugar. É tão infeliz quem gasta a preciosa vida em tarefas mecânicas quanto quem a gasta nas elevadas demais; não convém encher-se de ocupações nem de inveja; afogar a alma é atropelar a vida. Alguns estendem este preceito ao saber; mas não se vive se não se sabe.

CCXLVIII

Não se deixar levar pelo último. Há homens de última informação, que toda impertinência é de extremos. Têm de cera o sentir e o querer: o último sela e apaga os demais. Nunca estão ganhos, porque com a mesma facilidade se perdem; cada um os tinge de sua cor. São ruins para confidentes, meninos por toda a vida; assim, variando seus juízos e afetos, andam sempre a flutuar, coxos de vontade e de juízo, inclinando-se de um lado para o outro.

CCXLIX

Não começar a viver por onde se há de acabar. Alguns descansam no começo e deixam a fadiga para o fim; primeiro há de ser o essencial, e depois, se ficar lugar, o acessório. Querem outros triunfar antes de pelejar. Alguns começam a saber pelo que menos importa, deixando os estudos de crédito e utilidade para quando a vida lhes estiver acabando. Estes, antes de começarem a fazer fortuna, se desvanecerão. É essencial ter método para saber e poder viver.

CCL

Quando convém discorrer ao contrário? Quando nos falam com malícia. Com alguns, tudo deverá ser às avessas: o *sim* é *não* e o *não* é *sim*, o falar mal de uma coisa é tido por estimá-la, pois quem a quer para si desacredita-a para os demais. Nem todo louvar é falar bem, pois alguns, para não louvarem os bons, louvam também os maus; e para quem ninguém é mau ninguém é bom.

CCLI

Cumpre procurar os meios humanos como se não os houvesse divinos, e os divinos como se não os houvesse humanos: regra de grande mestre[43], a que não se há de acrescentar comentário.

CCLII

Nem tudo seu, nem tudo alheio. É vulgar tirania. Do querer-se todo para si segue-se logo o querer tudo para si. Estes não sabem ceder na mínima coisa nem perder um pingo de sua comodidade. Pouco socorrem, confiam na sorte, mas esta costuma negar-lhes arrimo. Às vezes convém ser de outros para que os outros sejam nossos, e quem tem cargo comum há de ser escravo comum, ou "renuncie ao cargo com a carga", como diria a velha a Adriano. Outros, ao contrário, tudo têm por alheio, pois a nescidade sempre anda por extremos, e aqui, infeliz, não tem dia nem hora sua, e com tal excesso são de alheios que um deles foi chamado "o de todos". Mesmo no entendimento, pois para todos sabem e para si ignoram. Que o atilado entenda que ninguém o busca, mas busca seu próprio interesse nele e por ele.

CCLIII

Não alhanar em demasia o conceito. A maioria não tem apreço pelo que entende, e o que não percebem veneram. Para serem estimadas, as coisas têm de custar: será celebrado tudo o que não for entendido. É sempre mister mostrar-se mais sábio e prudente do que requer o conceito daquele com quem se trata, mas com proporção e não com excesso. E, embora com entendidos muito valha o siso em tudo, com os demais é necessário sublimar: não se lhes dê ensejo de censura, ocupando-os com entender. Muito louvam aquilo que, ao serem indagados, não sabem explicar, porque veneram como mistério tudo o que é recôndito, celebrando-o por ouvirem celebrar.

CCLIV

Não desprezar o mal por ser pouco, pois nunca vem um só; andam encadeados, assim como as felicidades. A ventura e a desventura, ordinariamente, vão aonde há outras, e assim todos fogem do desventurado e aproximam-se do venturoso. Até as pombas, com sua singeleza, acodem aos torreões mais brancos. Tudo falta ao desditado; ele mesmo a si mesmo, o discurso e o conforto. Não se deve despertar a desventura adormecida; pouco é um resvalar, mas a ele se segue o fatal despenho, sem saber onde se irá parar, e, assim como nenhum bem nunca está de todo cumprido, também nenhum mal está de todo acabado. Para o que vem do Céu é a paciência; para o que vem do chão, a prudência.

CCLV

Saber fazer o bem: pouco, e muitas vezes. Que o empenho nunca exceda a possibilidade: quem dá muito não dá, vende. Não se há de sugar o agradecimento até a última gota, pois este, em se vendo impossibilitado, romperá a retribuição. Para perder muitos amigos não é mister mais que os obrigar em

demasia; para não pagarem, retiram-se, e dão em inimigos, por obrigados. O ídolo nunca gostaria de ver diante de si o escultor que o lavrou, nem o devedor os olhos de seu benfeitor. Grande sutileza do dar é custar pouco e fazer muito desejar, para ser mais estimado.

CCLVI

Estar sempre prevenido: contra descorteses, porfiosos, presumidos e todo gênero de néscios. Encontram-se muitos deles, e a cordura está em não lhes ir de encontro. Que o espelho de sua atenção se arme todos os dias de resolução e, assim, vencerá os lances da nescidade. Pense seriamente e não exponha a reputação a vulgares contingências; varão munido de cordura não será combatido pela impertinência. Difícil é o rumo do humano trato, por estar cheio dos escolhos do descrédito. Desviarse é seguro, consultando a astúcia de Ulisses. Vale aqui muito o artificioso escapulir. Sobretudo, saia-se pela galanteria, que é o único atalho para escapar aos empenhos.

CCLVII

Nunca chegar ao rompimento, pois dele sempre sai escalavrada a reputação. Qualquer um presta para inimigo, não para amigo. Poucos podem fazer bem, e quase todos mal. A águia não nidifica segura nem mesmo no seio de Júpiter no dia em que briga com um escaravelho[44]; com o gadanho do inimigo declarado, os dissimulados atiçam o fogo, esperando que estavam a ocasião. Dos amigos disperdidos saem os piores inimigos; em seu afinco, cumulam de defeitos alheios o próprio. Dos que olham, cada um diz como sente, e sente como deseja, condenando todos ou por falta de providência, no princípio, ou de espera, no fim, e sempre por falta de cordura. Se for inevitável o desvio, que seja escusável: antes com tibieza de favor que com violência de furor. E aqui bem cabe aquela bela retirada.

CCLVIII

Procurar quem ajude a carregar as infelicidades. Nunca se há de estar só, muito menos nos perigos, que seria cumular-se de todo o ódio. Alguns acreditam alçarse com a superintendência e só se alçam com murmuração. Dessa sorte, porém, terá quem o escuse ou quem o ajude a carregar o mal. Com dois, não se atrevem tão facilmente nem a sorte nem o vulgo, e por isso o médico sagaz, ainda que tenha errado o tratamento, não erra em procurar quem, alegando consulta, o ajude a carregar o ataúde; reparte-se o peso e o pesar, pois a desventura a sós dobra e fica intolerável.

CCLIX

Prevenir as injúrias e delas fazer favor. Que mais sagaz é evitá-las que vingá-las. É grande destreza transformar em confidente quem haveria de ser êmulo; converter em trincheiras da reputação os que a ameaçavam com tiros. Muito vale o saber obrigar; deixa vazio o tempo do agravo quem o ocupa

com agradecimentos. Saber viver é converter em prazeres o que haveria de ser pesares. Transforme-se em confidência a própria malevolência.

CCLX

Ninguém será nem terá tudo para si. Não são bastantes o sangue e a amizade, nem a obrigação mais premente, pois vai grande distância de entregar o peito ou a vontade. A maior união admite exceção; nem por isso se ofendem as leis da fineza. O amigo sempre reserva algum segredo para si mesmo, e até o filho se resguarda do pai em algo; umas coisas que se escondem de uns comunicam-se a outros, e o contrário, e desse modo concedemo-nos por inteiro e negamo-nos por inteiro, distinguindo os termos da retribuição.

CCLXI

Não prosseguir na nescidade. Alguns fazem do desacerto empenho, e porque começaram a errar parece-lhes perseverança prosseguir. Em seu foro íntimo acusam o erro, e no externo o escusam; por isso, se quando começaram a nescidade foram tachados de desacautelados, ao prosseguirem nela confirma-se que são néscios. Nem a promessa impensada nem a resolução errada induzem obrigação. Dessa sorte, continuam alguns sua primeira grosseria e levam adiante sua curteza: querem ser perseverantes impertinentes.

CCLXII

Saber esquecer. É mais ventura que arte. As coisas que mais devem ser esquecidas são as mais lembradas; a memória não só é vilã para faltar quando mais é necessária como também é néscia para acudir quando não convém: no que causa pena é prolixa, no que haveria de dar gosto é descuidada. Às vezes o remédio do mal consiste em esquecê-lo, e esquece-se o remédio; convém, pois, afazê-la a tão cômodos costumes, porque só ela basta para dar felicidade ou inferno. Excetuando-se os contentadiços, que em seu estado de inocência gozam da felicidade dos simples.

CCLXIII

Muitas coisas de gosto não serão possuídas como propriedade. Mais se goza delas se alheias do que próprias; o primeiro dia é do dono, os demais dos estranhos. Gozam-se as coisas alheias com dobrada fruição, isto é, sem o risco do dano e com o gosto da novidade. Tudo sabe melhor na privação, até a água alheia passa por néctar. O ter as coisas, além de diminuir a fruição, aumenta o enfado, tanto de emprestá-las quanto de não as emprestar. Só servem a serem mantidas para os outros, e mais se ganham inimigos que agradecidos.

CCLXIV

Não tenha dias de descuido. A sorte gosta de pregar peças, e atropelará todas as contingências para surpreender desapercebidos. Sempre haverão de estar a postos o engenho, a cordura e o valor; até a beleza, porque o dia de sua confiança será o de seu descrédito. Sempre que o cuidado mais foi preciso, faltou, pois o não pensar é o cambapé do perecer. Também sói ser estratagema da atenção alheia surpreender em descuido as perfeições para o rigoroso exame do apreciar. Os dias da ostentação já se conhecem, e a astúcia os perdoa, mas o dia que menos se espera é o escolhido para o tenteio do valor.

CCLXV

Saber empenhar os dependentes. Um compromisso na ocasião propícia cria grandes homens, assim como o afogamento cria nadadores. Desta sorte muitos puseram à mostra o valor, e mesmo o saber, que continuaria sepultado em seu encolhimento não se houvesse oferecido a ocasião. Os apuros são lances de reputação, e o nobre, posto em contingência de honra, obra por mil. Soube à perfeição essa lição do empenhar a rainha católica Isabel, assim como todas as demais, e a esse político favor deveu o *Gran Capitán* sua nomeada, e outros muitos sua eterna fama: fez grandes homens com essa sutileza.

CCLXVI

Não ser ruim por só ser bom. Esse nunca se agasta; os insensíveis têm pouco de gente. Nem sempre vem isso de indolência, mas de incapacidade. Um sentimento em sua ocasião é ato humano. As aves logo zombam do que só tem aparência de vulto[45]. Alternar o azedo com o doce é prova de bom gosto; doçura pura é para crianças e néscios. Grande mal é perder-se por bondade pura, nesse sentido de insensibilidade.

CCLXVII

Palavras de seda, com suavidade de modos. As xaras atravessam o corpo, mas as más palavras atravessam a alma. Uma boa pasta dá bom cheiro à boca. É grande sutileza do viver saber vender o ar. A maioria das coisas se pagam com palavras, e bastam elas para resgatar uma impossibilidade; negocia-se no ar com o ar, e muito alenta o alento soberano. Tenha-se sempre a boca cheia de açúcar para confeitar palavras, que sabem bem até aos inimigos. O único meio para ser amável é ser manso.

CCLXVIII

Que o prudente faça no começo o que o néscio faz no fim. Um e outro fazem o mesmo; a diferença está no tempo: aquele na oportunidade, este fora dela. Quem no começo calçou o entendimento pelo avesso em tudo o mais prossegue desse modo; empurra com os pés o que haveria de pôr sobre a cabeça,

toma a esquerda pela direita, e assim é tão sestro em todo o seu proceder; só existe um modo de dar conta das coisas. Fazem à força o que poderiam fazer de bom grado, mas o discreto logo vê o que deve fazer cedo ou tarde, e executa-o com gosto e reputação.

CCLXIX

Prevaleça-se da novidade: que enquanto se é novidade é-se estimado. A novidade apraz a todos pela variedade; renova-se o prazer e estima-se mais a mediocridade fresca que a superioridade amanhecida[46]. As eminências roçam-se e envelhecem; e advirta-se que pouco durará a glória da novidade: em quatro dias perder-lhe-ão o respeito. Saiba, pois, valer-se das primícias da estima, e na fuga do agradar saque tudo o que puder pretender; porque, se passar o calor do recente a paixão resfriará, e o agrado do novo será trocado pelo enfado do costumeiro. E acredite: tudo teve sua vez, que passou.

CCLXX

Não condenar sozinho o que a muitos agrada. Algo tem de bom se satisfaz a tantos, e, ainda que não se explique, desfruta-se. A singularidade é sempre odiosa e, quando errônea, ridícula. O mau conceito desacreditará mais que o objeto; ficar-se-á sozinho com seu mau gosto. Quem não sabe deparar com o que é bom dissimule sua curteza e não condene por alto, pois o mau gosto ordinariamente nasce da ignorância. O que todos dizem, ou é ou quer ser.

CCLXXI

Quem souber pouco, atenha-se sempre ao mais seguro em toda profissão, pois, mesmo que não o tenham por sutil, tê-lo-ão por fundamentado. Quem sabe pode empenhar-se e obrar o que lhe vier à fantasia, mas saber pouco e arriscar-se é voluntário precipício; fique sempre na mão direita, pois não pode falhar o que é assentado. A pouco saber, estrada real; e em todos os casos, tanto do saber quanto do ignorar, é mais prudente a seguridade que a singularidade.

CCLXXII

Vender as coisas a preço de cortesia, que é mais obrigar. Nunca chegará o pedir do interessado ao grato dar do generoso. A cortesia não dá, mas empenha, e é a galanteria a maior obrigação[47]. Não há coisa mais cara para o homem de bem que a que lhe dão; é vendê-la duas vezes e a dois preços: do valor e da cortesia. Verdade é que, para o ruim, galanteria é algaravia, pois ele não entende os termos dos bons termos.

CCLXXIII

Conhecer o gênio das pessoas com quem se trata: para conhecer os intentos. Conhecida bem a causa, conhece-se o efeito, antes nela e depois em seu motivo. O melancólico sempre augura infelicidades, e o maldizente, culpas; tudo o que é pior se lhes oferece, e, não percebendo o bem presente, anunciam o possível mal. O apaixonado sempre fala com linguagem diferente do que as coisas são: nele fala a paixão, não a razão; cada um segundo seu afeto ou seu humor, e todos bem longe da verdade. Saiba decifrar um semblante e soletrar a alma pelos sinais; conheça o que sempre ri por ser falto, e o que nunca, por ser falso; recate-se contra o perguntador, ou por indiscreto ou por critiqueiro; espere pouco de bom dos de maus meneios[48], que costumam vingar-se da natureza, e, assim como ela pouco os honrou, eles pouco a honram. A nescidade sói ser tão grande quanto a formosura.

CCLXXIV

Ter o dom de atrair: que é um feitiço politicamente cortês. Que a fateixa da galanteria sirva mais para atrair vontades que utilidades, ou para tudo; não bastam méritos que não se valham do agrado, que traz o aplauso, o mais prático instrumento da soberania. Cair nas graças é sorte, mas ajudada pelo artifício, pois onde há muito de natural assenta melhor o artificial; aí se origina a afeição benigna, até se conseguir o favor universal.

CCLXXV

Corrente, mas não indecente. Deixe-se de pose e de enfados; faz parte da galanteria ceder o decoro em algo para ganhar a afeição comum; alguma vez pode-se passar por onde passam os demais, porém sem indecência, pois quem é tido por néscio em público não será tido por cordo em segredo. Perde-se mais em um dia de prazenteiro do que se ganhou em toda a seriedade, mas não se há de ser sempre exceção: ser singular é condenar os outros; muito menos afetar melindres: que isso fique para seu sexo; também os espirituais são ridículos. O melhor do homem é parecê-lo, pois a mulher pode afetar com perfeição o varonil, não o contrário.

CCLXXVI

Saber renovar o gênio com a natureza e a arte. Dizem que de sete em sete anos muda-se de feição: que seja para melhorar e realçar o gosto. Nos primeiros sete anos entra a razão; que entre depois, a cada lustro, uma nova perfeição. Observe essa variedade natural para ajudá-la e esperar também dos outros a melhoria. Por isso foi que muitos mudaram de porte, ou em estado ou em emprego, e às vezes ninguém o adverte até que se veja o excesso da mudança. Aos vinte anos é-se pavão; aos trinta, leão; aos quarenta, camelo; aos cinqüenta, serpente; aos sessenta cão; aos setenta, macaco; aos oitenta, nada.

CCLXXVII

Homem de ostentação. É o fulgir dos dotes. Cada um tem sua vez: aproveite-se, pois não serão todos os dias o de seu triunfo. Há homens de fidalguia que neles o pouco brilha muito, e o muito brilha até causar espanto. Quando a ostentação se junta à eminência, passa por prodígio. Há nações ostentadoras, e a espanhola o é com superioridade. Foi a luz pronto fulgir de toda a criação. O ostentar muito enche, muito supre, dando um segundo ser a tudo, mais ainda quando a realidade lhe afiança. O céu, que dá a perfeição, dispõe de antemão a ostentação, pois qualquer uma delas, sozinha, seria violenta: é mister arte no ostentar. Mesmo o muito excelente depende de circunstâncias e nem sempre tem vez. A ostentação se sai mal quando não está de sazão; nenhuma qualidade requer menos afetação e perece sempre desse mal, pois está bem perto da vaidade, e esta do desprezo. Tem de ser bem temperada, para que não dê em vulgaridade, e entre os cordos está um tanto desacreditada a sua demasia. Consiste às vezes mais em eloqüência muda, num mostrar a perfeição com descuido, pois o sábio dissimular é o mais aplausível alarde, porque essa mesma privação pica o mais vivo da curiosidade. Tenha a grande destreza de não pôr à mostra toda a perfeição de uma vez, mas de a ir pintando pelo rumo, sempre se adiantando. Que uma boa qualidade seja garantia de outra maior, e que o aplauso do primeiro, expectativa dos demais.

CCLXXVIII

Fugir de ser notado em tudo: pois, em sendo notados, serão defeitos até as qualidades. Nasce isso da singularidade, que sempre foi censurada; e quem é singular fica só. Mesmo o bonito se sobressai, é descrédito; ao fazer reparar, ofende, e muito mais as singularidades desautorizadas. Mas mesmo pelos vícios querem alguns ser conhecidos, buscando novidade na ruindade para conseguir tão infame fama. Até no saber, o que sobra degenera em doutorice.

CCLXXIX

Não dizer ao contradizer. É mister diferençar quando o contradizer procede de astúcia ou de vulgaridade. Nem sempre é porfia, pois às vezes é artifício. Atenção, pois, para não se empenhar numa nem se despenhar na outra. Não há cuidado mais proveitoso que com espias, e contra a gazua das almas não há melhor contragolpe que deixar por dentro a chave do recato.

CCLXXX

Homem de lei. Acabou-se o bom proceder; andam desacreditadas as obrigações; são poucas as boas retribuições: ao melhor serviço, o pior galardão, em uso já por todo o mundo. Há nações inteiras propensas ao mau procedimento: de umas se teme sempre a traição, de outras a inconstância e de outras o engano. Que sirva, pois, a má retribuição alheia não para a limitação, mas para a cautela. O risco é que a inteireza se desengonce à vista do mau proceder. Mas o homem de lei nunca se esquece de quem é pelo que os outros são.

CCLXXXI

Aprovação dos sábios. Mais se estima um tíbio *sim* de um valor singular que todo o aplauso comum, porque arroto de pragana não alimenta. Os sábios falam com o entendimento, e assim seu louvor causa imortal satisfação. O judicioso Antígonos reduziu todo o teatro de sua fama a Zenão, e Platão dizia ser Aristóteles toda a sua escola. Alguns só cuidam de encher o estômago, mesmo que de despojos vulgares. Até os soberanos precisam dos que escrevem, e temem mais suas penas do que as feias aos pincéis.

CCLXXXII

Usar da ausência, ou para o respeito ou para a estima. Se a presença diminui a fama, a ausência a aumenta. O ausente que foi tido por leão, presente foi ridículo parto da montanha. Os dotes se deslustram com o atrito porque se vê antes a curteza do exterior que a muita substância da alma. A imaginação adianta-se mais que a vista, e o engano, que ordinariamente entra pelo ouvido, vem a sair pelos olhos. Quem se conserva no centro de sua opinião conserva a reputação; pois mesmo Fênix se vale do retiro para guardar o decoro, e da falta para conseguir apreço.

CCLXXXIII

Homem de boa inventiva. Demonstra excesso de engenho, mas quem será assim sem um grão de demência? A inventiva é de engenhosos; a boa escolha, de prudentes. É também uma graça a inventiva, e das mais raras, porque muitos conseguem escolher, inventar bem, poucos; poucos também conseguem a primazia em excelência e tempo. É lisonjeira a novidade e, se feliz, realça duplamente o que é bom. Em matéria de juízo, é perigosa por paradoxal; em matéria de engenho, louvável, e, se acertadas, uma e outra dignas de aplauso.

CCLXXXIV

Não seja intrometido: e não será desmerecido. Estime-se, se quiser que o estimem. Seja antes avaro que pródigo de si. Chegue desejado e será bem recebido. Nunca venha se não for chamado, nem vá se não for enviado. Quem se empenha por si, se sair mal, terá de carregar todo o ódio sobre si, e, se sair bem, não conseguirá o agradecimento. O intrometido é terreno de desprezos, e por intrometer-se com desvergonha é misturado em confusão.

CCLXXXV

Não morrer de desdita alheia. Conheça quem está na lama e note que o chama para consolar-se com o mal recíproco. Procuram quem os ajude a carregar a desdita, e os que na prosperidade lhe davam as costas agora lhe estendem a mão. Tenha-se tento com quem se afoga, para acudir ao remédio sem

perigo.

CCLXXXVI

Não se deixar obrigar de todo, nem com todos, pois seria ser escravo e comum. Uns nasceram mais venturosos que outros: aqueles para fazer o bem e estes para recebê-lo. Mais preciosa é a liberdade que a dádiva, porque se perde. É melhor ter muitos dependentes que depender só de um. Outra vantagem não tem o mando senão a de poder fazer mais bem. Sobretudo, não considere favor a obrigação em que se meter, pois no mais das vezes a astúcia alheia a diligencia para prepará-las.

CCLXXXVII

Nunca obrar apaixonado: tudo errará. Não obre por si quem não está em si, pois a paixão sempre desterra a razão. Faça-se substituir por um terceiro, que será prudente se desapaixonado. Sempre vê mais quem olha do que quem joga, porque não se apaixona. Em se sabendo alterado, que a cordura toque a retirada, para que o sangue não ferva e tudo torne sangrento, dando matéria num instante a muitos dias de opróbrio seu e murmuração alheia.

CCLXXXVIII

Viver segundo a ocasião. Governar, discorrer, tudo há de ser apropositado. Queira-se quando se pode, que a sazão e o tempo não esperam ninguém. Não se dê a generalidades no viver, se não for em favor da virtude, nem imponha leis precisas ao querer, pois amanhã será preciso beber a água hoje desprezada. Há os paradoxalmente impertinentes, para quem todas as circunstâncias do acerto devem ajustar-se à sua mania, e não o contrário. Mas o sábio sabe que o norte da prudência consiste em portar-se segundo a ocasião.

CCLXXXIX

O maior desdouro de um homem é: dar mostras de que é homem; deixam de tê-lo por divino os que um dia o vêem muito humano. A leviandade é o maior constraste da reputação. Assim como o varão recatado é tido por mais que homem, também o leviano por menos que homem. Não há vício que mais desautorize, porque a leviandade opõe-se frontalmente à gravidade. Homem leviano não pode ser de substância, ainda mais se ancião, visto que a idade obriga à cordura. E com ser esse desdouro de tantos, nem por isso deixa de ser mal conceituado em cada um.

CCXC

É felicidade juntar apreço com afeto. Não ser muito amado, para conservar o respeito. Mais atrevido é o amor que o ódio; afeição e veneração não se juntam bem. E ainda que não se deva ser muito temido nem muito querido, o amor introduz a lhaneza, e, à medida que esta entra, sai a estima. Seja amado antes com apreço que com afeto, que esse é o amor dos grandes homens.

CCXCI

Saber sondar. Que a atenção do judicioso compita com a circunspecção do recatado. Requer-se grande juízo para medir o alheio. Mais importa conhecer os gênios e as propriedades das pessoas que das ervas e das pedras. É essa uma das ações mais sutis da vida; pelo som se conhecem os metais, e pelo falar as pessoas. As palavras mostram a inteireza, mas muito mais as obras. Cabem aqui a extraordinária penetração, a observação profunda, a sutil nota e a judiciosa crítica.

CCXCII

Que o natural esteja acima das obrigações do cargo, e não o contrário. Por mais alto que seja o posto, a pessoa deverá mostrar que é maior. O cabedal que sobeja vai-se dilatando e ostentando mais com os cargos. É fácil apoderar-se do coração de quem o tem estreito, e ao fim acaba por romper com obrigações e reputação. Gabavase o grande Augusto de ser maior homem que príncipe. Aqui vale a elevação de espírito, e também aproveita a confiança prudente em si mesmo.

CCXCIII

Da madurez. Resplandece no exterior, porém mais nos costumes. A gravidade material torna o ouro precioso, e a moral a pessoa; é o decoro dos dotes, causando veneração. A compostura do homem é a fachada da alma. Não é nescidade com pouco meneio, como quer a ligeireza, mas uma autoridade muito sossegada; fala por sentenças, obra por acertos. Supõe um homem muito feito, que tanto tem de pessoa quanto de madurez; em deixando de ser menino, começa a ser grave e conceituado.

CCXCIV

Moderar-se no sentir. Cada um julga segundo sua conveniência e sobeja de razões em sua opinião. Na maioria, o ditame cede ao afeto. Acontece encontraremse dois em oposição, e cada um presume ter de seu lado a razão; mas ela, fiel, nunca soube ter duas caras. Proceda o sábio com reflexão em tão delicado assunto, e assim sua própria dúvida reformará a qualificação do proceder alheio. Ponha-se por vezes do outro lado; examine os motivos do adversário; com isso não o condenará nem se justificará com tanto deslumbre.

CCXCV

Façanheiro não, mas façanhoso. Mais quer parecer aquinhoado quem menos tem por quê. De tudo fazem mistério com a maior frieza, camaleões do aplauso, sendo para todos motivo de riso. Sempre foi molesta a vaidade: neste caso ridícula. Andam mendigando façanhas as formiguinhas da honra. Afete menos suas maiores eminências. Contente-se em fazer e deixe que os outros digam. Dê as façanhas, não as venda. Nem se hão de alugar penas de ouro para que escrevam lodo, para asco da cordura. Aspire antes a ser heróico que a só o parecer.

CCXCVI

Varão com dotes, e majestosos. Os grandes dotes fazem os grandes homens; um só deles equivale a toda uma pluralidade mediana. Alguns houve que gostariam de só ter coisas grandes em sua casa; até as usuais alfaias: quanto melhor, o grande varão deve procurar tornar grandes os dotes de sua alma. Em Deus, tudo é infinito, tudo imenso; assim no herói tudo há de ser grandioso e majestoso, de tal sorte que todas as suas ações e razões se revistam de transcendente, grandiosa majestade.

CCXCVII

Obrar sempre como se à vista de todos. É varão notável o que nota que o notam ou notarão. Sabe que as paredes têm ouvidos[49], e que o malfeito acaba sempre por sair. Mesmo quando está só, obra como à vista de todo o mundo, porque sabe que tudo se saberá; já vê como testemunhas agora aqueles que, pela notícia, o serão depois. Quem deseja que todos o vejam não se resguarda de ser notado em sua casa pelos vizinhos.

CCXCVIII

Três coisas fazem um prodígio, e são a maior dádiva da suma liberalidade: engenho fecundo, juízo profundo e gosto relevantemente jucundo. Grande vantagem é conceber bem, porém maior é discorrer bem e ter entendimento do bom. O engenho não há de estar no espinhaço, que seria mais laborioso que agudo. O bem pensar é fruto da racionalidade. Aos vinte anos reina a vontade, aos trinta o engenho, aos quarenta o juízo. Há entendimentos que lançam luz, como os olhos do lince, e na maior escuridão mais discorrem. Há-os de ocasião, que sempre topam com o mais a propósito: muito lhes é oferecido, e bem; felicíssima fecundidade. Mas um bom gosto sazona por toda a vida.

CCXCIX

Deixar com fome. Deve-se deixar os lábios ainda com néctar. O desejo é a medida da estima. Até a sede material é ardil de bom gosto estimular, sem saciá-la; o bom, se pouco, duas vezes bom. O

aviltamento é grande na segunda vez. Excesso de agrado é perigoso, pois ocasiona desprezo à mais eterna eminência. Única regra de agradar: encontrar o apetite espicaçado pela fome que lhe ficou. Se for preciso irritar, que seja antes por impaciência do desejo que por enfado da fruição; aprecia-se em dobro a felicidade penada.

CCC

Em uma palavra, santo, que é dizer tudo de uma vez. A virtude é elo de todas as perfeições, centro das felicidades. Torna o sujeito prudente, atento, sagaz, cordo, sábio, valoroso, recatado, íntegro, feliz, aplausível, verdadeiro e universal herói. Três *S* fazem a felicidade: santo, sadio e sábio. A virtude é o sol do mundo menor e tem por hemisfério a boa consciência. É tão formosa que ganha as graças de Deus e das pessoas. Não há coisa que se deva amar como a virtude, nem abominar como o vício. A virtude é coisa deveras: tudo o demais, de mentira. A capacidade e a grandeza se medem pela virtude, não pela fortuna. Só ela basta a si mesma. Vivo o homem, torna-o amorável; morto, memorável.

Notas

Prefácio de Jean-Claude Masson

1. Reproduzido sobretudo em *Enciclopedia universal ilustrada europeo-americana*, t. XXVI, Barcelona, 1925.

2. Angel VALBUENA PRAT, *Historia de la literatura española*, t. II, *"Los siglos de oro"*, 5ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 1957; Angel DEL RÍO, *Historia de la literatura española*, vol. I, Barcelona, Libro Amigo, 1988.

3. Nabokov escreveu páginas notáveis sobre a "alegria lúgubre" do romance cervantino. De fato, não é Dom Quixote a presa (fácil) de tudo o que o homem tem de mais abjeto, ignaro e miserável? Ver V. NABOKOV, *Littératures III*, trad. Hélène Pasquier, Paris, Fayard, 1986.

4. Atingirão o auge da virulência no século XVIII. Basta observar os títulos de algumas obras anônimas: *Os mistérios mais secretos dos jesuítas* (Colônia, 1727), *Retrato ao natural dos jesuítas antigos e modernos...* (Amsterdam, 1731), expostos nas Granjas de Port-Royaldes-Champs.

5. Ver a abordagem sutil – em espirais, anamorfoses e anacolutos – de Severo SARDUY em *Barroco*, Paris, Ed. du Seuil, 1975, *La Doublure*, Paris, Flammarion, 1981, e *Nueva inestabilidad*, México, Vuelta, 1990.

6. Sobre a extraordinária vitalidade do teatro espanhol nos séculos XVI e XVII, leia-se em especial um aficionado de Gracián: José BERGAMÍN, *L'Espagne en son labyrinthe*, trad. fr. Yves Rouillière, L'Éclat, 1992.

Oráculo Manual e Arte da Prudência

1. Qualidade de quem tem bom senso, prudência e sensatez. Essa palavra será freqüente em todo o texto do *Oráculo*.

2. *Gênio:* talento, dom natural; engenho = faculdade inventiva, habilidade.

3. Situação social.

4. *Valor:* audácia, vigor.

5. *Eminência:* superioridade, excelência.

6. *Discreto:* que se distingue pelas excelentes qualidades.

7. Rei da Armênia no tempo de Nero.

8. *Indústria:* arte, aptidão, perícia.

9. Referência à calvície.

10. *Sindérese: rel.*: "Censura secreta feita pela consciência por algum crime cometido, que atormenta sem cessar" (*Dictionnaire de Trévoux*, ed. de 1771). Faculdade natural do juízo moral, consciência moral do homem. Em espanhol, esse termo se tornou sinônimo de discernimento.

11. *Intensão:* intensidade.

12. *Divina comunicabilidade:* comunicação da substância divina por toda a natureza.

13. No original, "*de la hoja a las hojas*": da folha da lâmina da espada, às folhas dos livros.

14. *Arte:* artifício.

15. *Espaço:* além do sentido corrente, estaria significando delonga, vagar.

16. *Genial:* prazenteiro, alegre.

17. Nome da carta de maior valor em certos jogos de cartas.

18. Não discordando de ninguém, sem nenhuma discordância.

19. Impossibilidade de compreender/abranger todo o conjunto de bens intelectuais e morais.

20. “Causa” como origem.

21. *Dignidade:* cargo, título, honraria.

22. Analogia com o cavalo que morre de fadiga.

23. Transcrição do provérbio *Si non caste, saltim caute*, “Se não com honestidade, pelo menos com cuidado”. Em latim, *castus* tinha acepção bem mais ampla.

24. *Despejo (des-pejo):* desenvoltura, desembaraço, ousadia, intrepidez.

25. *Vivo:* parte viva e sensível do organismo, cerne, âmago.

26. *Mãe natureza:* a natureza.

27. *Epigramas*, VIII, 70. Ver a edição do *Oráculo manual* feita por Luys Santa Marina (Barcelona, Planeta, 1990).

28. Entendendo-se *paixão* como “sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão”; entre esses sentimentos, a cólera, por exemplo.

29. Referência a um ditado antigo (Cícero, *De amicitia*, 19, 67), segundo o qual “É preciso comer juntos muitos alqueires de sal para que se satisfaça o dever da amizade”.

30. *Mal sofridos:* pouco pacientes.

31. Talvez alusão a um antigo instrumento de tortura, a polé.

32. A expressão é *Echar al aire algunas cosas*, ao pé da letra, “jogar algumas coisas no ar”. A expressão “Jogar verde para colher maduro” parece apropriada ao contexto.

33. *Das estrelas:* da sorte.

34. Cf. Hesíodo, *Os trabalhos e os dias* (v. 40).

35. No original, *en un punto de un puntillo*. Talvez alusão ao ponto de honra, famoso *pundonor*. Ver nota 36.

36. *Amante:* quem ama de verdade.

37. Alusão ao ponto de honra, o *pundonor*, que era uma das doenças da Espanha no Século de Ouro. Deu matéria ao repertório dramático, sobretudo na peça de Calderón, *O médico de sua honra* (1637).

38. Recepção da ação pelo agente, de tal forma que o feito age contra quem fez. Portanto, no texto, se “compaixão” é “sofrimento com”, “repaixão” é “sofrimento de novo” (que poderia provir do remorso ou da expiação).

39. Ver nota 54.

40. Jano, deus de duas cabeças; Argos, gigante de cem olhos; Momo, filho de Nox (Noite), personificação do sarcasmo.

41. *Obrigar:* prender por gratidão.

42. *Despontar:* gastar a ponta.

43. Inácio de Loyola.

44. Alusão a uma fábula de Esopo.

45. Manteve-se a tradução direta da palavra *bulto*, levando-se em conta todas as possíveis acepções (rosto, figura, corpo, pessoa importante, etc.).

46. No original: “*medianía flamante [...] que un extremo acostumbrado*”.

47. A que mais cria obrigações.

48. *Os de maus meneios:* os que têm algum defeito físico.

49. Título de uma célebre peça de Alarcón: *Las paredes oyen* (1628).